

F. X. NGUYEN VAN THUAN

Testemunhas da Esperança





Cardeal François Xavier Nguyễn Văn Thuận

TESTEMUNHAS DA ESPERANÇA

Tradução por IA (ChatGPT) do
original espanhol

Capa gerada por IA (ChatGPT).

TESTEMUNHAS DA ESPERANÇA

Exercícios espirituais pregados no Vaticano na presença de S.S. João Paulo II

Capela "Redemptoris Mater"
12-18 março 2000

Título original:
Testimoni della speranza

© 2000, Città Nuova Editrice
Via degli Scipioni, 265
00192 Roma

Tradução: Juan Gil Aguilar

A MONSENHOR FRANÇOIS-XAVIER NGUYEN VAN THUAN

Presidente do Conselho Pontifício da Justiça e da Paz [1]

No termo dos exercícios espirituais nos quais tive a alegria de participar, durante esta primeira semana da Quaresma, com os meus colaboradores mais próximos da Cúria Romana, dirijo-lhe, querido irmão no episcopado, o meu mais cordial agradecimento pelo testemunho de fé ardente no Senhor que expressou vigorosamente através das suas meditações sobre este tema tão atual para a vida da Igreja: «Testemunhas de esperança».

Desejei que, no decurso do Grande Jubileu, fosse dada especial relevância ao testemunho de pessoas que «sofreram pela sua fé, pagando com o sangue a sua adesão a Cristo e à Igreja ou enfrentando com coragem intermináveis anos de prisão e privações de todo o tipo» (*Incarnationis mysterium*, n. 13). Este é o testemunho que partilhou connosco com calor e emoção, mostrando que, em toda a vida do homem, o amor misericordioso de Deus, que transcende toda a lógica humana, é sem medida, especialmente nos momentos de maior angústia. Associou-nos assim a todos aqueles que, em diversas partes do mundo, continuam a pagar um pesado tributo em nome da sua fé em Cristo.

Baseando-se na Sagrada Escritura e no ensinamento dos Padres da Igreja, bem como na sua experiência pessoal, especialmente do período passado na prisão por Cristo e pela sua Igreja, destacou o poder da Palavra de Deus, que, para os discípulos de Cristo, é «firmeza da fé, alimento da alma, fonte pura e perene de vida espiritual» (*Dei Verbum*, n. 21).

Através da sua palavra fraterna e estimulante, conduziu-nos pelos caminhos da esperança que Cristo nos abriu, renovando a nossa humanidade para nos fazer criaturas novas e chamando-nos a uma renovação pessoal e eclesial permanente. Que o Verbo Encarnado conceda a todos aqueles que ainda hoje sofrem para que Cristo seja conhecido e amado, a força e a coragem de anunciar, em todas as circunstâncias, a verdade do amor cristão!

Querido irmão no episcopado, confio à intercessão materna da Virgem Maria, Mãe da esperança, a sua pessoa e o seu ministério, mediante o qual contribui de modo específico, em nome da Igreja, para que se instaurem a justiça e a paz entre os homens. Que Ela lhe obtenha a abundância das graças do seu Filho, o Verbo Encarnado!

De todo o coração lhe concedo uma afetuosa bênção apostólica, que estendo de bom grado a todas as pessoas que lhe são queridas.

Vaticano, 18 de março de 2000
JOÃO PAULO II

À minha mãe Elisabeth,
que me educou desde que eu estava no seu seio.
Todas as noites me ensinava as histórias da Bíblia,
contava-me as memórias dos nossos mártires,
especialmente dos nossos antepassados;
ensinava-me o amor à pátria,
apresentava-me santa Teresa do Menino Jesus
como modelo de virtudes cristãs.
É a *mulier fortis* que sepultou
os seus irmãos massacrados pelos traidores,
aos quais depois perdoou sinceramente,
acolhendo-os sempre, como se nada tivesse acontecido.
Quando eu estava na prisão, era o meu grande consolo.
Dizia a todos: «Rezai para que o meu filho seja fiel à Igreja
e permaneça onde Deus quiser que ele esteja»

INTRODUÇÃO

DEUS ESCREVE DIREITO POR LINHAS TORTAS

«No primeiro ano do terceiro milênio, um vietnamita pregará os exercícios espirituais à Cúria Romana», foi o que me disse João Paulo II a 15 de dezembro de 1999.

Depois, olhando-me intensamente, continuou: «Tem porventura algum tema em mente?».

«Santo Padre, não sei o que dizer, estou surpreso. Poderia falar, talvez, da esperança?».

«Traga o seu testemunho!».

Confuso e comovido, volto para casa. Entro na capela e rezo: «Jesus, que devo fazer? Não estou habituado a falar com abundância de ciência e de teologia. Tu sabes que sou um ex-presidiário».

«Fala tal como és. Faz o que o Papa te disse. Com humildade, com simplicidade!».

Então ocorreu-me preparar uma refeição vietnamita.

A panela é a mesma, a matéria também:

o Evangelho da esperança.

Mas mudarei o menu: usarei condimentos e aromas asiáticos e comer-se-á com pauzinhos.

Procurarei fazê-lo o melhor que puder. Mas o pobre cozinheiro não pode fazer absolutamente nada sem o fogo: o Espírito Santo.

Os asiáticos não raciocinam mediante conceitos, mas contam uma história, uma parábola; e a conclusão torna-se clara.

Assim falaram Confúcio, Buda e Gandhi. E assim fala Jesus:

«Descia um homem de Jerusalém para Jericó... Qual destes três te parece ter sido o próximo...? [...] Vai e faz tu o mesmo» (cf. Lc 10,30-37).

O menu «esperança» foi preparado por um ex-presidiário que se encontrava numa situação desesperada, mais do que desesperada: julgaram-no morto. O povo ofereceu por mim muitos *requiem*. Mas Deus sabe escrever direito por linhas tortas. E estas missas por um defunto trouxeram-lhe muitos anos de vida.

Hoje, no momento da conclusão dos exercícios espirituais, estou profundamente comovido. Faz exactamente 24 anos, no dia 18 de março de 1976, véspera da festa de São José, tiraram-me da residência forçada de Cay Vong para me submeterem a um duro isolamento na prisão de Phu-Khanh.

Há 24 anos nunca teria imaginado que um dia, precisamente nesta data, concluiria a pregação dos exercícios espirituais no Vaticano.

Há 24 anos, quando celebrava a missa com três gotas de vinho e uma gota de água na palma da mão, não teria esperado que hoje o Santo Padre me oferecesse um cálice dourado.

Há 24 anos nunca teria pensado que hoje, festa de São José de 2000, o meu sucessor consagraria, precisamente no lugar onde vivi em prisão domiciliária, a mais bela igreja dedicada a São José no Vietname.

Há 24 anos nunca teria esperado poder receber hoje de um cardeal uma soma considerável para os pobres daquela paróquia.

Deus é grande, e grande é o seu Amor! A Jesus, a Maria, a José,

ao Santo Padre,

a todos vós, irmãos e irmãs caríssimos,

a tantas pessoas de todo o mundo que rezaram por nós nestes dias, como num único e grande cenáculo, dou infinitas graças.

E adoro a epifania da misericórdia divina.

João Paulo II autorizou-me a publicar estas meditações. Creio que a carta autógrafa do Santo Padre é a mais bela introdução.

18 de março de 2000
FRANÇOIS-XAVIER NGUYEN
VAN THUAN

**COM A FORÇA DA
GRAÇA DE DEUS**

1

DIANTE DO MISTÉRIO DE DEUS

LIBER GENERATIONIS IESU CHRISTI

Eu, Francisco, servo de Jesus Cristo, o menor entre os sucessores dos apóstolos, não creio saber muitas coisas diante de vós, a não ser Jesus Cristo crucificado. Obediente ao mandato do Santo Padre e com a sua bênção, saúdo-vos, caríssimos irmãos, *in osculo sancto* e convido-vos: *in nomine Domini*, comecemos juntos os exercícios espirituais do ano 2000 com a meditação introdutória.

A genealogia de Cristo

O evangelista Mateus abre o seu testemunho sobre Jesus como Filho de Deus com estas palavras: «Livro da origem de Jesus Cristo, filho de David, filho de Abraão...» (Mt 1, 1).

Pode surpreender a escolha deste texto como tema da nossa primeira meditação.

Quando se trata de proclamar esta passagem evangélica na liturgia, não é raro sentirmos certo incómodo. Alguns consideram a leitura deste texto como um exercício sem significado, como uma repetição aborrecida. Outros leem-no rapidamente, tornando-o incompreensível para os fiéis; outros ainda abreviam-no, saltando alguns versículos.

Para os asiáticos, e em particular para mim, que sou vietnamita, a recordação dos nossos antepassados tem grande valor. Segundo a nossa cultura, guardamos com piedade e devoção, no altar doméstico, o livro da nossa genealogia familiar. Eu próprio conheço os nomes de 14 gerações dos meus antepassados, desde 1698, quando a minha família recebeu o santo baptismo.

Através da genealogia damos conta de que pertencemos a uma história que é maior do que nós. E compreendemos com maior verdade o sentido da nossa própria história.

Por isso dou graças à santa Mãe Igreja que, pelo menos duas vezes por ano, no tempo do Advento e na festa da Natividade de Maria, faz ressoar nas nossas assembleias, espalhadas por todo o mundo católico, os nomes de tantas personagens significativas que tiveram, segundo o misterioso desígnio de Deus, um papel importante na história da salvação e na realidade do povo de Israel.

Estou convencido de que as palavras do «Livro da genealogia de Jesus Cristo» contêm o anúncio essencial da primeira e da nova aliança, o núcleo do mistério da salvação que nos une a todos: católicos, ortodoxos e protestantes.

No contexto do santo Jubileu da Encarnação, durante o qual a Igreja canta a alegria da sua esperança em Cristo, nosso único Salvador, esta passagem da Escritura revela-nos o mistério da história como mistério da misericórdia. Recorda-nos aquilo que proclama a Virgem Maria no seu cântico profético, o Magnificat, que a Igreja exprime todos os dias na oração das Vésperas: o desígnio misericordioso e fiel de Deus cumpriu-se segundo a sua promessa «em favor de Abraão e da sua descendência para sempre» (Lc 1, 55). Na verdade, a misericórdia de Deus estende-se e estender-se-á de geração em geração, «porque eterna é a sua misericórdia» (cf. Sl 99, 5; 135).

O mistério da nossa chamada

O «Livro da genealogia de Jesus Cristo» articula-se em três partes. Na primeira são nomeados os patriarcas; na segunda, os reis antes do exílio da Babilónia; na terceira, os reis posteriores ao desterro.

O que surpreende em primeiro lugar na leitura do texto é o mistério da vocação, da eleição por parte de Deus, cheia de gratuidade e de amor, incompreensível segundo os parâmetros da razão e por vezes até escandalosa.

Assim, no «Livro da genealogia de Jesus Cristo» aparece que Abraão, em vez de escolher o primogénito Ismael, filho de Agar, escolhe Isaac, o segundo filho, filho da promessa, filho da sua mulher Sara.

A seu tempo, Isaac quis abençoar o seu primogénito Esaú, mas, no final, abençoou Jacob, segundo um misterioso desígnio de Deus.

Jacob não transmite a continuidade familiar, que avança historicamente rumo ao Messias, nem a Rúben, o primogénito, nem a José, o mais amado, o melhor de todos, aquele que perdoou aos seus irmãos e os salvou da fome no Egito. A escolha recaiu sobre Judá, o seu quarto filho, responsável, juntamente com os outros, pela venda de José aos mercadores que o levaram para o Egito.

O mistério desconcertante da eleição que Deus faz dos antepassados do Messias começa a exigir a nossa atenção.

Esta página ilumina o mistério da nossa vocação.

«Não fostes vós que me escolhestes a mim; fui Eu que vos escolhi a vós» (Jo 15, 16).

Não fomos escolhidos por causa dos nossos méritos, mas somente por causa da sua misericórdia. «Com amor eterno te amei», diz o Senhor (Jr 31, 3). Esta é a nossa segurança. «O Senhor chamou-me desde o seio materno» (Is 49, 1). Este é o nosso orgulho: saber que fomos chamados e escolhidos por amor.

Estes dias de exercícios são um tempo propício para cantar a nossa infinita gratidão ao Senhor, «porque eterna é a sua misericórdia». E devemos fazê-lo do fundo do coração, com grande humildade e reconhecimento. «Levanta do pó o indigente, tira o pobre do monturo para o sentar entre os nobres, entre os nobres do seu povo» (Sl 113, 7-8).

O mistério do pecado e da graça

Se considerarmos os nomes dos reis presentes no «Livro da genealogia de Jesus», podemos constatar que antes do exílio apenas dois deles foram fiéis a Deus: Ezequias e Josias. Os outros foram idólatras, imorais, assassinos...

Também no período posterior ao desterro, entre os numerosos reis mencionados, encontramos apenas duas personagens que permaneceram fiéis ao Senhor: Salatiel e Zorobabel. Os outros são pecadores ou desconhecidos.

Em David, o mais famoso dos reis que deram origem ao Messias, entrelaçam-se santidade e pecado: com lágrimas amargas confessa nos seus Salmos os pecados de adultério e de homicídio, especialmente no Salmo 50, que se tornou oração penitencial na liturgia da Igreja.

Também as mulheres que Mateus menciona no início do seu Evangelho como mães que transmitem a vida, no seio da bênção de Deus, suscitam em nós certa emoção. São mulheres que se encontram numa situação irregular: Tamar é uma pecadora; Raab, uma prostituta; Rute, uma estrangeira; da quarta mulher não se diz o nome; diz-se apenas: «da mulher de Urias». Trata-se de Betsabé.

E, no entanto, o rio da história, engrossado por pecados e crimes, transforma-se numa fonte de água límpida à medida que nos aproximamos da plenitude dos tempos: com Maria, a Mãe, e em Jesus, o Messias, todas as gerações são resgatadas.

Que esta lista de nomes de pecadores e pecadoras que Mateus assinala na genealogia de Jesus não nos scandalize. Ela exalta o mistério da misericórdia de Deus. Também no Novo Testamento Jesus escolheu Pedro, que o negou, e Paulo, que o perseguiu. E, no entanto, são colunas da Igreja. Neste mundo, se um povo escreve a sua história oficial, falará das suas vitórias, dos seus heróis, da sua grandeza... É um caso único, admirável e extraordinário encontrar um povo que, na sua história oficial, não esconde os pecados dos seus antepassados.

O mistério da esperança

Todo o Antigo Testamento tende para a esperança:
Deus vem para restaurar o seu Reino,
Deus vem para restabelecer a Aliança,
Deus vem para construir um povo novo
para construir uma nova Jerusalém,

para edificar um templo novo,
Deus vem para recriar o mundo.

Com a Encarnação, este Reino chegou, a plenitude dos tempos já se realizou. Mas Jesus afirma que o Reino cresce lentamente, de modo oculto, como um grão de mostarda. Entre a plenitude e o fim dos tempos, a Igreja está a caminho como Povo da esperança.

Dizia Charles Péguy: «A fé de que mais gosto é a esperança»^[2]. Sim, porque na esperança a fé, que actua pela caridade, abre no coração dos homens caminhos novos, tende para a realização do mundo novo, da civilização do amor, traz ao mundo a vida divina da Santíssima Trindade, o seu modo de ser e de agir tal como se manifestou em Cristo e nos é transmitido pelos Evangelhos.

Esta é, irmãos, a nossa grande chamada. Não por mérito nosso, mas «porque eterna é a sua misericórdia». Hoje, como nos tempos do Antigo Testamento, Deus age nos pobres de espírito, nos humildes, nos pecadores que se convertem a Ele de todo o coração.

Atravessar juntos o limiar da esperança

Escolhi como tema para os exercícios espirituais deste ano jubilar o título *Testemunhas da esperança*.

A esperança é, talvez, o maior desafio às portas deste novo milénio. *Witness to Hope* – testemunha da esperança – é assim que se intitula uma recente biografia de João Paulo II. Não posso deixar de agradecer neste momento ao Santo Padre por ter guiado a Igreja, com o seu luminoso testemunho, a atravessar o limiar da esperança. Atravessando, juntamente com os irmãos das outras Igrejas e Comunidades eclesiais, a Porta Santa, o limiar do futuro, manifestou que toda a humanidade continua a sua peregrinação ao encontro de Jesus, que é a única esperança.

Hoje apresento-me como um pobre ex-presidiário que passou mais de treze anos na prisão, nove dos quais em isolamento.

Tremens factus sum ego et timeo — «estou a tremer e tenho medo» — também diante desta tarefa que o Santo Padre me confiou. Conforta-me um romance americano que narra a história de um famoso pregador que fascinava as multidões. Diante do seu púlpito, um velhinho seguia fielmente todos os seus sermões. O pregador estava muito contente com o seu sucesso.

Um dia apareceu-lhe um anjo: «Felicito-te pelas tuas conferências... És excelente! Mas recordas-te daquele velhinho que vem sempre ouvir-te?». «Sim, já o vi», respondeu o pregador. E o anjo acrescentou: «Fica a saber que ele vem não para te ouvir, mas para rezar por ti. Graças às suas orações, os teus sermões fazem tanto bem aos fiéis».

Por isso, permiti-me que vos diga: de todo o coração, conto com as vossas orações.

E com estes sentimentos acolhemo-nos à Virgem Maria, *Redemptoris Mater*, Mãe do Redentor, que reina nesta capela rodeada pelos santos do Oriente e do Ocidente. Sentimo-la próxima como no momento de Pentecostes, quase como o próprio coração da Igreja, como Mãe dos pastores e dos fiéis, como Mãe da Igreja.

Nos cum prole pia benedicat Virgo Maria — que a Virgem Maria nos abençoe, e a todo o povo santo.

ESPERA EM DEUS!

JESUS SALVADOR, ÚNICA ESPERANÇA

SIMON, QUID DICIS DE ME?

No dia 15 de agosto de 1975, festa da Assunção, na cidade de Ho Chi Minh, fui convidado a dirigir-me ao Palácio da Presidência, o «Palácio da Independência». Ali fui detido. Eram duas da tarde. Nesse momento, todos os sacerdotes, religiosos e religiosas tinham sido convocados para o Teatro da Ópera, a fim de evitar qualquer reação por parte do povo. Começa assim, para mim, uma nova e especialíssima etapa da minha longa aventura.

Saí de casa vestido com a batina e levava um rosário no bolso. Durante a viagem para a prisão apercebo-me de que estou a perder tudo. Só me resta confiar-me à Providência de Deus. Mesmo no meio de tanta ansiedade, sinto uma grande alegria: «Hoje é a festa da Assunção da Bem-aventurada Virgem Maria ao céu».

A partir daquele momento fica proibido chamar-me «bispo, padre...». Sou o senhor Van Thuan. Não posso usar nenhum sinal da minha dignidade. Sem qualquer aviso prévio, também Deus me pede que volte ao essencial.

No choque desta nova situação, face a face com Deus, sinto que Jesus me dirige a pergunta: *Simon, quid dicis de me?* — «Simão, quem dizes que eu sou?» (cf. Mt 16, 15).

Na prisão, os meus companheiros, que não são católicos, querem compreender «as razões da minha esperança». Perguntam-me amigavelmente e com boa intenção: «Porque abandonou o senhor tudo: família, poder, riquezas, para seguir Jesus? Deve haver um motivo muito especial!». Por sua vez, os meus carcereiros perguntam-me: «Deus existe verdadeiramente? E Jesus? É uma superstição? É uma invenção da classe opressora?».

Assim, é necessário dar explicações de maneira compreensível, não com a terminologia escolástica, mas com as palavras simples do Evangelho.

Os defeitos de Jesus

Um dia encontrei um modo especial de me explicar. Peço a vossa compreensão e indulgência se repito aqui, diante da Cúria, uma confissão que pode soar a heresia:

«Abandonei tudo para seguir Jesus porque amo os defeitos de Jesus».

Primeiro defeito: Jesus não tem boa memória

Na cruz, durante a sua agonia, Jesus ouviu a voz do ladrão à sua direita: «Jesus, lembra-te de mim quando vieres com o teu Reino» (Lc 23, 42). Se fosse eu, teria respondido: «Não te esquecerei, mas os teus crimes têm de ser expiados, pelo menos, com 20 anos de purgatório». No entanto, Jesus responde-lhe: «Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso» (Lc 23, 43). Esquece todos os pecados daquele homem.

Algo de semelhante acontece com a pecadora que derramou perfume sobre os seus pés: Jesus não lhe pergunta nada acerca do seu passado escandaloso, mas diz simplesmente: «São-lhe perdoados os seus muitos pecados, porque mostrou muito amor» (Lc 7, 47).

A parábola do filho pródigo conta-nos que este, ao regressar à casa paterna, prepara no seu coração o que dirá: «Pai, pequei contra o céu e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros» (Lc 15, 18-19). Mas quando o pai o vê chegar de longe, já esqueceu tudo; corre ao seu encontro, abraça-o, não lhe dá tempo para pronunciar o seu discurso, e diz aos servos, que estão desconcertados: «Trazei depressa a melhor túnica e revesti-o, ponde-lhe um anel na mão e sandálias nos pés. Trazei o novilho gordo, matai-o, e comamos e façamos festa, porque este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi encontrado» (Lc 15, 22-24).

Jesus não tem uma memória como a minha; não só perdoa, e perdoa a todos, como até esquece que perdoou.

Segundo defeito: Jesus não sabe matemática

Se Jesus tivesse feito um exame de matemática, talvez o tivessem reprovado. Demonstra-o a parábola da ovelha perdida. Um pastor tinha cem

ovelhas. Uma delas perde-se, e ele, imediatamente, vai procurá-la, deixando as outras noventa e nove no redil. Quando a encontra, carrega a pobre criatura sobre os seus ombros (cf. Lc 15, 4-7).

Para Jesus, uma equivale a noventa e nove, e talvez até mais! Quem aceitaria isto? Mas a sua misericórdia estende-se de geração em geração...

Quando se trata de salvar uma ovelha perdida, Jesus não se deixa desencorajar por nenhum risco, por nenhum esforço. Contemplemos as suas ações cheias de compaixão quando se senta junto ao poço de Jacob e dialoga com a samaritana, ou quando quer deter-se em casa de Zaqueu! Que simplicidade sem cálculo, que amor pelos pecadores!

Terceiro defeito: Jesus não sabe de lógica

Uma mulher que tem dez dracmas perde uma. Então acende a lâmpada para a procurar. Quando a encontra, chama as suas vizinhas e diz-lhes: «Alegrai-vos comigo, porque encontrei a dracma que tinha perdido» (cf. Lc 15, 8-9).

É realmente ilógico incomodar as amigas apenas por uma dracma! E depois fazer uma festa para celebrar o achado! E além disso, ao convidar as amigas, gasta mais de uma dracma! Nem dez dracmas seriam suficientes para cobrir as despesas...

Aqui podemos dizer verdadeiramente, com as palavras de Pascal, que «o coração tem as suas razões, que a razão não conhece»^[3].

Jesus, como conclusão dessa parábola, revela a estranha lógica do seu coração: «Digo-vos que, do mesmo modo, há alegria entre os anjos de Deus por um só pecador que se converta» (Lc 15, 10).

Quarto defeito: Jesus é um aventureiro

O responsável de publicidade de uma empresa ou quem se apresenta como candidato às eleições prepara um programa detalhado, com muitas promessas.

Nada semelhante acontece em Jesus. A sua propaganda, se for julgada com olhos humanos, está destinada ao fracasso.

Ele promete a quem o segue processos e perseguições.

Aos seus discípulos, que deixaram tudo por ele, não assegura nem o alimento nem o alojamento, mas apenas partilhar o seu próprio modo de vida.

A um escriba desejoso de se juntar aos seus, responde: «As raposas têm tocas, e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça» (Mt 8, 20).

A passagem evangélica das bem-aventuranças, verdadeiro «autorretrato» de Jesus, aventureiro do amor do Pai e dos irmãos, é de princípio a fim um paradoxo, embora estejamos habituados a escutá-la:

«Bem-aventurados os pobres em espírito...,
bem-aventurados os que choram...,
bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça...,
bem-aventurados sereis quando vos insultarem, vos perseguirem e disserem, mentindo, toda a espécie de mal contra vós por minha causa . Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus» (Mt 5, 3-12).

Mas os discípulos confiavam naquele aventureiro. Há dois mil anos, e até ao fim do mundo, não se esgota o grupo daqueles que seguiram Jesus. Basta olhar para os santos de todos os tempos. Muitos deles fazem parte daquela bendita associação de aventureiros. Sem direção, sem telefone, sem fax...

Quinto defeito: Jesus não entende de finanças nem de economia

Recordemos a parábola dos trabalhadores da vinha: «O Reino dos Céus é semelhante a um proprietário que saiu ao romper da manhã a contratar trabalhadores para a sua vinha. Saiu depois pelas nove horas, ao meio-dia, às três da tarde e às cinco... e enviou-os para a sua vinha». Ao entardecer,

começando pelos últimos e terminando pelos primeiros, pagou um denário a cada um (cf. Mt 20, 1-16).

Se Jesus fosse nomeado administrador de uma comunidade ou diretor de empresa, essas instituições quebrariam e iriam à falência: como é possível pagar a quem começa a trabalhar às cinco da tarde um salário igual ao de quem trabalha desde o amanhecer? Trata-se de um engano, ou Jesus fez mal as contas? Não! Fá-lo de propósito, porque — explica —: «Não posso eu fazer do que é meu o que quero? Ou será que o teu olho é mau porque eu sou bom?».

E nós acreditámos no amor

Mas perguntemo-nos: por que razão Jesus tem estes defeitos?

Porque é Amor (cf. 1Jo 4, 16).

O amor autêntico não raciocina, não mede, não levanta barreiras, não calcula, não recorda as ofensas e não impõe condições.

Jesus age sempre por amor. Do seio da Trindade trouxe-nos um amor grande, infinito, divino, um amor que chega — como dizem os Padres — até à loucura e põe em crise as nossas medidas humanas.

Quando medito sobre este amor, o meu coração enche-se de felicidade e de paz. Espero que, no fim da minha vida, o Senhor me receba como ao mais pequeno dos trabalhadores da sua vinha, e eu cantarei a sua misericórdia por toda a eternidade, eternamente admirado das maravilhas que Ele reserva para os seus eleitos. Alegrar-me-ei ao ver Jesus com os seus «defeitos», que são, graças a Deus, incorregíveis.

Os santos são especialistas neste amor sem limites. Muitas vezes, na minha vida, pedi à irmã Faustina Kowalska que me fizesse compreender a misericórdia de Deus. E quando visitei Paray-le-Monial impressionaram-me as palavras que Jesus disse a santa Margarida Maria Alacoque: «Se creres, verás o poder do meu coração».

Contemplemos juntos o mistério deste amor misericordioso.

Fizeste admiravelmente todas as coisas

Deus criou o homem e a mulher à sua imagem: «Fizeste-o pouco inferior a um deus» (Sl 8, 6; cf. Hb 2, 7). Deu-lhes a imortalidade, a verdade, a justiça... O Concílio Vaticano II ensina:

«A razão mais alta da dignidade humana consiste na vocação do homem à união com Deus. Desde o seu nascimento, o homem é convidado ao diálogo com Deus. Existe pura e simplesmente pelo amor de Deus, que o criou, e pelo amor de Deus, que o conserva. E só se pode dizer que vive na plenitude da verdade quando reconhece livremente esse amor e se confia inteiramente ao seu Criador» (GS 19).

Mas o homem, na sua liberdade, pode rejeitar a grandeza que o desígnio de Deus lhe concedeu; pode tentar realizar-se segundo o seu próprio projeto, diferente daquele futuro que Deus promete; pode procurar garantir o seu próprio futuro, como fazem, segundo o testemunho da Escritura, as nações pagãs através da busca da riqueza, do apoio nos homens, da aliança com potências estrangeiras, da posse de coisas sagradas (cf. Os 2,10; Ez 16, 15ss). Assim cai na sua miséria. Já não espera em Deus, mas segue falsas esperanças.

Ainda mais admiravelmente as restauraste

Deus, especialmente por meio dos profetas, não cessa de chamar os homens à verdadeira esperança, que é Jesus, único Salvador. Em Jesus é-nos dada a luz da verdade, a remissão dos pecados, a restauração da liberdade diante das forças do mal, uma nova capacidade de amar, a participação na natureza divina, a vitória sobre a morte mediante a ressurreição do corpo, a vida eterna. Jesus vem ao encontro da miséria humana. Ao salvar-nos, fez do seu Evangelho e da sua graça o princípio renovador do mundo e sobretudo do homem, em todos os âmbitos da sua existência: privado e público, cultural e social, político e económico. *Omnia instaurare in Christo.*

Em êxtase diante de Jesus, que é o meu Deus e o meu tudo, *Deus meus et omnia*, gostaria de ser, junto dele, fonte de esperança no jardim do mundo, como escreve o poeta francês Charles Péguy:

«Pergunta-se: como é possível que essa fonte Esperança brote eternamente, eternamente jovem, fresca, viva... Deus diz: boa gente, isso não é tão difícil... Se fosse com água pura que ela quisesse fazer fontes puras, nunca encontraria o suficiente em toda a minha criação. Mas ela faz as suas fontes de água pura precisamente com águas más. Por isso nunca lhe falta. Também por isso ela é a Esperança... E é o mais belo segredo que existe no jardim do mundo»^[4].

*Salve Mater misericordiae
Mater Dei et mater veniae
Mater spei et mater gratiae
Mater plena sanctae laetitiae.
Ó Maria^[5].*

UM BALANÇO NO INÍCIO DO SÉCULO

REDDE RATIONEM VILLICATIONIS TUAE

Segundo uma antiga tradição asiática, na corte imperial todos os anos se escrevia a história do reino. Dois altos ministros do imperador encarregavam-se disso. Um deles tinha de pôr por escrito as coisas boas que tinham acontecido no reino; o outro tinha de fazer uma lista de tudo o que de negativo tinha sucedido; mas nenhum dos dois sabia o que o outro escrevia.

Numa audiência especial e pública, no início do ano novo e diante da corte imperial, ambos os redatores tinham de ler o seu balanço. Todos esperavam conhecer a verdade confrontando os dois relatórios.

Depois de ter escutado as crónicas, o imperador, dirigindo-se à corte, dizia: «Quem entre vós tiver algo a dizer, que o diga».

Assim aconteceu que um dia o imperador convidou todos a exprimirem a sua opinião. Mas ninguém se atrevia a falar. Reinava o mais absoluto silêncio. De repente ouviu-se alguém gemer e chorar. Então o imperador perguntou: «Quem chora? Aquele que está a chorar venha diante de mim e fale». Saiu um mandarim, fez uma tripla reverência diante do imperador e disse com grande respeito: «Majestade, ninguém nesta corte se atreve a dizer a verdade. Temo que a nossa nação esteja em perigo e venha a ruir!».

Somos convidados a ser buscadores e testemunhas da verdade na esperança, diante do Senhor e diante do mundo, para o bem da Igreja. Encoraja-nos a acolher este convite o Santo Padre que, no primeiro domingo da Quaresma do ano jubilar, deu ao mundo um extraordinário testemunho e um exemplo, pedindo perdão a Deus pelos erros e pelas faltas dos filhos da Igreja ao longo da história e oferecendo por sua vez o perdão.

O Senhor chama-nos à conversão

Se me atrevo a convidar à conversão é porque o próprio Senhor no-la pede. Como a administradores dos seus bens, pode repetir-nos a palavra do

Evangelho: *Redde rationem villicationis tuae* — «Dá contas da tua administração» (Lc 16, 2).

Trata-se de uma conversão de uma situação negativa ou medíocre para uma realização mais autêntica do Evangelho. Trata-se de abandonar as falsas esperanças para colocar, como servidores do ministério petrino, toda a nossa esperança em Cristo.

Esta conversão, que o Santo Padre quis sublinhar com o recente jubileu da Cúria Romana, corresponde ao espírito do ano jubilar, ao sentido da peregrinação da vida para Deus, para a luz que ilumina e vence os nossos pecados.

Não nos assuste a nossa fraqueza. Também Pedro era fraco. É precisamente a consciência da nossa fragilidade que nos torna autênticos discípulos de Cristo e nos impele a realizar no coração da Igreja uma renovação constante.

Palavra de verdade

Pensemos por um momento nas sociedades empresariais deste mundo: no início deste novo século revêm, à luz das grandes tendências, os seus projetos, as orientações da sua atividade, os seus planos de trabalho.

Deixando para trás um século de grandes conquistas, mas também de tremendas desgraças, também nós queremos, às portas do novo milénio, fazer balanço e traçar perspectivas à luz da Palavra de Deus.

Somos pastores de dicastérios da Santa Sé, com muitas pessoas e muitos assuntos a nosso cargo. Pertencemos ao colégio apostólico. Em comunhão com o Santo Padre e sob a sua autoridade, somos participantes da sua solícitude diária por todas as Igrejas (cf. 2Co 11, 28). Como não pedir ao Senhor que nos conceda um espírito de conversão?

Por exemplo, fomos fiéis na correta realização e atualização da vontade de Deus manifestada naquele acontecimento central que foi o Concílio Vaticano II?

Para nos colocarmos na verdade diante do Senhor, nada é mais válido do que deixar que Ele mesmo, com imenso amor, nos ilumine e nos purifique com a sua Palavra de verdade. O Ressuscitado, o Primeiro e o Último, o Vivente. Ele que em todo o tempo fala à Igreja mediante o seu Espírito.

O que o Espírito diz às Igrejas

No livro do Apocalipse, Cristo ressuscitado faz um balanço das sete Igrejas da Ásia Menor e fala delas aos seus pastores. Com a sua mensagem quer purificar a vida das comunidades. Procuremos perceber a paixão de Cristo, Esposo da Igreja, pela santidade dos pastores e dos fiéis e deixemo-nos renovar pelas suas palavras, para uma verdadeira conversão neste ano jubilar.

A Igreja de Éfeso: uma Igreja que perdeu o seu primeiro amor (cf. Ap 2, 1-7). O Senhor repreende-a por ter perdido esse amor vivo, sempre fresco e generoso, que brota do Espírito Santo e rejuvenesce a Igreja (cf. LG 4). «Recorda, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à tua conduta de outrora», diz-lhe, e adverte-a com firmeza: «Se não, virei a ti e removerei o teu candelabro do seu lugar».

A Igreja de Pérgamo: uma Igreja que tolera a idolatria (cf. Ap 2, 12-17). O Senhor compreende que esta Igreja vive num ambiente particularmente difícil («onde está o trono de Satanás»). Aprecia a sua fidelidade fundamental. Mas a Palavra de Deus é «espada de dois gumes». Não se pode tolerar que na comunidade alguns caiam na idolatria: «Arrepende-te, pois; se não, irei em breve a ti e combaterei contra eles com a espada da minha boca».

A Igreja de Tiatira: uma Igreja que cedeu diante do mal (cf. Ap 2, 18-29). Esta Igreja é muito operosa e ativa. Mas aquele «cujos olhos são como chama de fogo» olha para a pureza do coração. A Ele não pode escapar que existe condescendência nos costumes: «Tenho contra ti que toleras Jezabel, essa mulher que se diz profetisa e está a ensinar e a seduzir os meus servos para que se prostituam e comam carnes sacrificadas aos ídolos. Dei-lhe tempo para se arrepender, mas não quer arrepender-se da sua prostituição».

O Senhor dará autoridade sobre as nações apenas aos que vivem uma vida íntegra «até ao fim».

A Igreja de Sardes: uma Igreja que dorme (cf. Ap 3, 1-6). «Tens nome de quem vive, mas estás morto. Desperta, fortalece o que ainda resta e está prestes a morrer». A esta Igreja Jesus recomenda que não se apoie nas glórias passadas: «Recorda como recebeste e ouviste a minha palavra: guarda-a e arrepende-te. Porque, se não vigiares, virei como um ladrão...».

A Igreja de Laodiceia: uma Igreja morna (cf. Ap 3, 14-22). Talvez aqui escutemos a repreensão mais forte: «Conheço as tuas obras: não és frio nem quente... Estou a ponto de te vomitar da minha boca». O Senhor rejeita a mediocridade. Dizem os santos que se trata do estado de vida mais perigoso na vida espiritual. Jesus quer arrancar-nos desta situação convidando-nos a escutá-lo a Ele, que bate à porta da nossa vida. «Tu dizes: “Sou rico, enriqueci e nada me falta”. E não sabes que és um infeliz, digno de compaixão, pobre, cego e nu... Sê, pois, fervoroso e arrepende-te».

Das sete Igrejas, Cristo Ressuscitado repreende cinco: por falta de um amor ardente, por transigência com certos males, por idolatria, por sonolência e tibieza. Apenas duas Igrejas não são repreendidas: a de Esmirna e a de Filadélfia.

A Igreja de Esmirna: uma Igreja perseguida e pobre (cf. Ap 2, 8-11). O Ressuscitado encoraja-a no momento da tribulação e da prova: «Conheço a tua tribulação e a tua pobreza — embora sejas rico. Não temas o que vais sofrer: o diabo vai lançar alguns de vós na prisão para que sejais postos à prova... Sê fiel até à morte». Assim se obtém a coroa da glória.

A Igreja de Filadélfia: uma Igreja pequena mas fiel (Ap 3, 7-13). Já o nome desta Igreja é significativo: *philadelphia*, «amor fraterno» (cf. 1 Pe 1, 22; 2,17). É o termo que o Novo Testamento utiliza para falar do amor que os discípulos de Jesus têm uns pelos outros. Para esta Igreja o Senhor tem uma palavra especial de encorajamento: «Abri diante de ti uma porta que ninguém pode fechar». É uma Igreja pequena, mas amada por Deus: «Embora tenhas pouca força, guardaste a minha palavra e não renegaste o meu nome... Também eu te guardarei».

Consideremos alguns elementos recorrentes em cada uma destas mensagens: — «Conheço as tuas obras...», «sei onde habitas...», «conheço a tua tribulação...». O Senhor sabe tudo o que é nosso. Penetrando na nossa vida com o seu olhar, que é como uma chama de fogo, convida-nos a rever a nossa relação com Ele, que é «o Primeiro e o Último».

— Em cada Igreja, Ele, que é justo, encontra um motivo de louvor. Mas a quase todas diz: «Tenho, porém, algo contra ti...». São palavras que não deixam indiferentes. Cristo ama demasiado seriamente para permitir que as Igrejas permaneçam estagnadas nas suas fraquezas. O apelo à conversão é insistente, angustiado, sustentado pelo seu amor, que, embora discreto, não dá tréguas.

— Cada mensagem conclui-se com as palavras: «Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas». O nosso caminho de conversão encontra o seu ápice e o seu cumprimento na escuta do Espírito. Nós, sua Igreja, só temos de nos abandonar totalmente a Ele. Ele dar-nos-á a graça de responder plenamente à nossa vocação e a capacidade de ler os sinais dos tempos. Esta é a finalidade do Jubileu.

Penso que a última mensagem é como o compêndio do que o Senhor quer dizer à sua Igreja: sê uma Igreja fiel ao amor, fiel à palavra do Evangelho, à lei do amor fraterno! Então serás testemunha da presença do Senhor, crescerás, viverás e vencerás.

Adsumus, Domine: Com humildade na presença de Deus

Há uma oração que recitamos frequentemente em momentos especiais das nossas reuniões: a *Adsumus, Domine*, que se atribui a santo Isidoro de Sevilha^[6].

Cada vez que a recito, ela interpela-me e convida-me a viver na verdade diante de Deus. Penetra em mim uma luz especial da vontade de Deus.

Recito-a e sinto-me na presença de Deus, desse Deus diante do qual nos encontramos quando dizemos: *Adsumus* — aqui estamos.

Como uma oração litânica, serve-me de purificação e devolve-me à humildade: estamos diante de ti com o peso do pecado: *Peccati quidem immanitate detenti...*

Sentimo-nos encorajados e, como num balanço, podemos subir desde o abismo da nossa miséria até ao vértice da misericórdia divina: *Veni ad nos et esto nobiscum* — vem para o meio de nós e permanece connosco.

Para encontrar a orientação, o caminho reto da vontade de Deus, colocamo-nos sob a sua guia: *Doce nos quid agamus, quo gradiamur, quid efficere debeamus* — ensina-nos o que devemos fazer, por onde devemos caminhar, o que devemos realizar.

Quais podem ser os pecados e os defeitos dos quais pedimos ser libertados com a força do Espírito Santo?

Talvez a falta de justiça no nosso agir, se formos *perturbatores iustitiae*.

Talvez a falta de objetividade no juízo e nas decisões, de estudo minucioso das questões, de atenção à verdade, de exercício do discernimento: *non in sinistrum ignorantia trahat* — que a ignorância não nos conduza ao erro.

Pode acontecer que a fragilidade humana nos torne fracos para ceder aos favores recebidos; que faça prevalecer em nós o temor servil diante dos poderosos; ou que o nosso juízo seja condicionado por favoritismos pessoais, até cair numa certa corrupção. Tudo isto o dizemos com humildade, ao ponto de sentir algum mal-estar por nos vermos obrigados a pronunciar estas palavras: *non favor inflectat, non acceptio muneris vel personae corrumpat...* — que o favoritismo não nos desvie, que não nos corrompa a aceção de cargos ou de pessoas...

Somos convidados a perguntar-nos se temos sempre dentro de nós a paixão pela verdade e se a procuramos sinceramente com todos os meios para não nos desviarmos do caminho reto: *ut in nullo deviemus a vero*.

Com um único desejo: ser intérpretes e executores fidelíssimos da vontade de Deus nas palavras e nas obras: *ut a te in nullo dissentiat*

sententia nostra — de modo que as nossas decisões em nada se afastem de ti.

Quanto mais amigos e servidores de Deus somos, quanto mais conscientes estamos de ter sido escolhidos e honrados para prestar a Deus um serviço qualificado na Igreja e para o mundo, tanto mais devemos apaixonar-nos por manter a unidade dos corações: *ut simus in te unum*. Assim somos escutados porque estamos reunidos no nome do Senhor, segundo a sua promessa: *in nomine tuo specialiter congregati* (cf. Mt 18, 20).

E vivemos na presença de Deus, com o olhar fixo n'Ele como filhos amadíssimos, como Jesus, com uma oração simples, de modo que seja apenas Deus quem nos sugira o que devemos dizer, o que devemos fazer: *Esto solus suggestor et effector iudiciorum nostrorum...* — que só Tu sejas o inspirador e o realizador dos nossos juízos...

Com a imensa confiança de contar sempre com a sua graça, se lha pedirmos com profunda humildade, a qual nos mantém em comunhão afetiva e efetiva com Ele: *Iunge nos tibi efficaciter solius tuae gratiae dono* — une-nos a ti eficazmente pelo dom da tua graça.

Chamados a fazer um exame de consciência, um balanço de fim de século e de início de milénio, a oração *Adsumus, Domine* reclama de nós uma renovação constante, na concretização do nosso serviço ao Santo Padre e ao seu ministério petrino.

São Pedro, na sua Primeira Carta, a propósito disto, dá-nos este conselho concreto: «Estai sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pedir. Mas fazei-o com mansidão e respeito. Conservai uma boa consciência» (3, 15-16).

Convertendo-nos continuamente à plena medida da nossa vocação, poderemos atravessar verdadeiramente a Porta Santa, que é Cristo vivo em nós e entre nós, com o desejo de viver como o próprio Jesus vivia para o Pai, movido sempre pelo Espírito, para fazer sempre e em tudo a vontade do Pai: *ut tibi in omnibus placere valeamus* — para que possamos agradar-te em tudo.

Vem, Senhor Jesus!

Queria concluir esta meditação com uma palavra e uma oração de esperança.

Encontrava-me em Melbourne, na Austrália, para dar um retiro espiritual. Com grande consolação li na parede esta palavra de esperança: «Não há santo sem passado nem pecador sem futuro...».

Diante do Senhor, que nos reuniu no seu nome, o nosso passado está todo na sua misericórdia, e o nosso futuro, na sua fidelidade imutável.

A oração de esperança é-nos sugerida por santo Ambrósio, um pastor que reza a Jesus, Bom Pastor, com estas palavras:

«Vem, Senhor Jesus, procura o teu servo, procura a tua ovelha extenuada.

Vem, Pastor, procura como José procurava as suas ovelhas.

A tua ovelha andou errante enquanto tu tardavas, enquanto te demoravas pelos montes. Deixa as tuas noventa e nove ovelhas e vem procurar aquela que se extraviou.

Vem sem cães,

vem sem rudes assalariados,

vem sem o mercenário que não sabe entrar pela porta. Vem sem ajudante, sem intermediários, pois há muito tempo espero a tua vinda.

Sei que estás prestes a chegar, se é verdade que não esqueci os teus mandamentos.

Vem, mas sem bastão; com amor e com atitude de clemência»^[7].

Que assim venha o Senhor, Bom Pastor, para nos converter e renovar!

A Igreja nunca se renova de uma vez para sempre, mas deve renovar-se cada dia.

O MUNDO DE HOJE*SIC DEUS DILEXIT MUNDUM*

«Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.

Porque Deus não enviou o seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele» (Jo 3, 16-17).

Nestas duas frases do quarto Evangelho ressoa toda a grandeza e toda a miséria do homem, como dizia Pascal.

João Paulo II, no início do seu pontificado, na Carta encíclica *Redemptor hominis*, afirmou que «o homem [...] é o primeiro e fundamental caminho da Igreja» (n. 14). E na encíclica *Dives in misericordia* escreveu: «Em Cristo Jesus, todo o caminho da Igreja em direção ao homem — tal como lhe foi confiado de uma vez para sempre — no mutável contexto dos tempos é simultaneamente um caminhar ao encontro do Pai e do seu amor» (n. 1).

O Concílio Vaticano II, por sua vez, fala nestes termos da condição do homem no mundo contemporâneo, um mundo que «Deus amou muito» e pelo qual Jesus pagou um preço elevado: «Assim, o mundo moderno aparece ao mesmo tempo poderoso e frágil, capaz do melhor e do pior, pois tem diante de si o caminho aberto para optar entre a liberdade ou a escravidão, entre o progresso ou o retrocesso, entre a fraternidade ou o ódio» (GS 9).

A Igreja deve escutar o grito de socorro que vem deste mundo e, ao mesmo tempo, olhar à luz da Verdade recebida de Deus, para discernir esperanças e ameaças, preocupações e motivos de angústia, numa palavra: luzes e sombras.

Creio que ninguém consegue sintetizar melhor esta condição da humanidade do que o papa Paulo VI no seu testamento: «Fecho os olhos sobre esta terra dolorosa, dramática e magnífica, invocando mais uma vez sobre ela a bondade divina»^[8].

Esta terra magnífica

As primeiras palavras da Constituição pastoral do Concílio Vaticano II são quatro substantivos de singular força evocativa: *Gaudium et spes, luctus et angor* (alegria e esperança, tristeza e angústia).

Começo pelas luzes.

Depois de duas guerras mundiais na primeira metade do século, com sofrimentos inauditos, com milhões e milhões de vítimas, com destruições imensas como nunca antes, o mundo, durante muitos anos da segunda metade do século, viveu o pesadelo da guerra fria entre dois blocos ideológicos, com a constante ameaça de uma guerra atômica. Com a queda, na Europa, dos regimes totalitários, que segundo o *Livro negro do comunismo* causaram 100 milhões de vítimas^[9], abriu-se uma nova perspectiva de paz.

Podemos observar com alegria progressos muito notáveis:

- a mortalidade infantil diminuiu para metade desde 1965;
- a esperança de vida aumentou 10 anos desde 1970;
- a frequência do ensino primário e secundário mais do que duplicou;
- a alfabetização de adultos passou de menos de 50% para mais de 70%;
- o rendimento médio per capita mais do que triplicou nos últimos 50 anos.

Às portas do terceiro milénio, a humanidade alegra-se ao ver crescer a consciência dos direitos humanos universais, o direito dos povos a governarem-se a si próprios, a valorização da identidade cultural, o respeito pelas minorias, a perceção generalizada do valor da democracia e do livre mercado.

As religiões estão cada vez mais decididas a prosseguir a sua função de diálogo e de reconciliação como elemento fundamental de paz e de unidade.

A promoção da mulher encontra eco tanto na sociedade civil como na Igreja. A responsabilidade perante a natureza lança uma nova luz sobre a

consciência de que ela é um dom de Deus. Os grandes progressos das comunicações, da medicina e das ciências são motivo de esperança para o bem-estar do homem e de gratidão ao Criador.

Na dimensão espiritual, nota-se em contextos significativos um grande despertar, uma nova busca de interioridade e de autenticidade. Cresce a «fome» de oração, de encontro com o Absoluto. A globalização contribui, de certo modo, para o futuro de um mundo mais unido e solidário, sob o sinal da fraternidade universal. Os novos movimentos eclesiais florescem como uma primavera na Igreja com o seu testemunho de alegria na fé, na esperança e no amor.

Esta terra dolorosa

Ver a humanidade entrar no terceiro milénio com grandes possibilidades de paz e de progresso alegra-nos e anima-nos. Mas no meu trabalho quotidiano constato que muitos povos sofrem porque são marginalizados e discriminados e não se respeita a sua dignidade humana. Há muitos «Lázaros» à volta da mesa dos ricos, padecendo pobreza e insegurança sanitária e cultural.

Segundo o Banco Mundial:

- 1.300 milhões de pessoas vivem abaixo do limiar da pobreza absoluta;
- 840 milhões de pessoas passam fome, das quais 200 milhões são crianças.

Destes, todos os anos 13 milhões estão condenados a morrer: quase 36.000 por dia, 1.500 por hora, 25 por minuto, 1 a cada 3 segundos.

Há no mundo muitos «Lázaros» que se alimentam nas ruas com aquilo que os clientes deixam nos pratos dos restaurantes. É algo inimaginável!

Cerca de mil e quinhentos milhões de habitantes da população mundial têm uma esperança de vida inferior a 60 anos; mais de 880 milhões não têm acesso aos cuidados de saúde e 2.600 milhões carecem de acesso a estruturas sanitárias básicas.

No período de 1990-97 o número de pessoas com SIDA passou de menos de 15 milhões para mais de 33 milhões.

«Tudo isto se desenvolve — afirma o Papa — sobre o fundo de um gigantesco remorso constituído pelo facto de que, ao lado de homens e sociedades bem instalados e saciados, que vivem na abundância, sujeitos ao consumismo e ao prazer, não faltam dentro da mesma família humana indivíduos e grupos sociais que passam fome. Não faltam crianças que morrem de fome diante das suas mães...»^[10].

E a pobreza gera outras pragas: a prostituição, que envolve meio milhão de mulheres apenas na Europa ocidental; o comércio de droga entre crianças; a violência e o crime. A falta de trabalho é causa de muitos suicídios de jovens desesperados.

Nestes anos, e especialmente no contexto do Grande Jubileu, João Paulo II pediu que se perdoasse ou pelo menos se reduzisse a espiral perversa da dívida dos países em vias de desenvolvimento. O exemplo da África é o mais impressionante. Embora entre 1980 e 1996 a África subsaariana tenha pago duas vezes o valor da sua dívida externa, hoje está três vezes mais endividada do que há 16 anos.

Um rosto particular da pobreza é a insegurança cultural. Em 1997, mais de 850 milhões de adultos eram analfabetos e mais de 260 milhões de crianças estavam excluídas do ensino primário e secundário.

Mais ainda: o comércio ilícito de droga e de armas e a circulação de dinheiro negro são causa de guerras. Entre 1989 e 1998 houve 81 conflitos armados: 3 entre Estados diferentes e 78 conflitos civis. Milhares de crianças com apenas 14 anos foram mobilizadas à força e enviadas para a guerra como soldados. Muitas delas morreram, outras ficaram mutiladas e outras habituaram-se ao ódio, à violência e aos massacres.

Vem-nos ao pensamento o Monte das Oliveiras, diante da cidade de Jerusalém. Nesse lugar *Dominus flevit* — «o Senhor chorou» — ao ver a sua cidade.

Se Jesus passasse hoje por este mundo «doloroso e dramático», choraria e exclamaria: *Misereor super turbam* — «Tenho compaixão desta multidão».

Em muitos lugares, Ele continua crucificado e clama: *Sitio* — «Tenho sede».

Esta terra dramática

Apesar dos reconfortantes progressos registados, neste período de globalização a distância entre ricos e pobres aumenta cada dia mais.

É incrível que a fortuna das três pessoas mais ricas do mundo seja igual ao produto nacional das 48 nações mais pobres. 3.300 milhões de pessoas vivem com menos de um dólar por dia.

É impressionante saber que nos países industrializados vive 88% dos utilizadores da Internet, enquanto 2.000 milhões de pessoas não dispõem de eletricidade; e que 20% da população rica do mundo consome 86% de todos os bens.

Outra zona de sombra cobre toda a esfera dos valores morais da pessoa, na sua interioridade e subjetividade. Podemos destacar um perigoso relativismo moral, um «desenvolvimento canceroso da subjetividade»[11] que propaga a descristianização, o ateísmo prático e a redução da fé ao âmbito do privado. Ao mesmo tempo proliferam as seitas e os diversos fundamentalismos. Se nos séculos passados a Igreja sofreu fortes crises de fé, na nossa época a crise atinge a moral: obscureceu-se a verdade sobre a pessoa humana. E então desagrega-se a família, altera-se a ordem da criação, abusa-se da liberdade, não se respeita a vida...

A urbanização cria novos problemas pastorais. Em 2015 um em cada cinco franceses viverá na região de Paris. Regiões inteiras despovoam-se por falta de trabalho. O envelhecimento fará rebentar o sistema de pensões de muitos países.

No prazo de 15 anos, em muitos países da Europa, a classe operária, como os agricultores, diminuirá enormemente. Em França, em 1984, os

operários eram 8,2 milhões; hoje são 6,5 milhões e em 2015 serão 4 milhões. A sociedade de amanhã será composta em mais de 75% por empregados e quadros intermédios.

As redes telemáticas mudarão profundamente a nossa vida; com elas, tudo o que é bom e mau chega ao núcleo da intimidade familiar. Os países ditatoriais já não poderão entrincheirar-se atrás de muralhas, barreiras ou proibições.

Todas estas mudanças afetam profundamente o Povo de Deus. Vem-nos à mente uma firme convicção de João XXIII: se a Igreja não vai ao encontro da humanidade, a humanidade não vai ao encontro da Igreja.

Anunciamos uma grande alegria: nasceu-nos o Salvador

Diante das sombras e trevas do mundo de hoje, ressoam fortemente no nosso coração e na nossa mente as palavras lidas por Jesus no livro de Isaías, na sinagoga de Nazaré: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos cativos e a vista aos cegos, para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano de graça do Senhor» (Lc 4, 18-19).

O Grande Jubileu traz-nos a esperança de uma forte renovação, com a graça de um novo Pentecostes. Sem uma conversão do coração, boa parte da humanidade corre o risco de passar da experiência da exploração para a exclusão, e desta para uma verdadeira eliminação, até física.

A visão de Paulo VI, «uma terra dolorosa, dramática e magnífica», não me deixa em paz. Sonho com uma grande esperança.

Sonho com uma Igreja que é Porta Santa, aberta, que acolhe todos, cheia de compaixão e de compreensão pelas penas e sofrimentos da humanidade, dedicada a consolá-la.

Sonho com uma Igreja que é Palavra, que mostra o Livro do Evangelho aos quatro pontos cardeais da terra, num gesto de anúncio e de submissão à

Palavra de Deus, como promessa da Aliança eterna.

Sonho com uma Igreja que é pão, Eucaristia, que se deixa comer por todos para que o mundo tenha vida em abundância.

Sonho com uma Igreja apaixonada pela unidade que Jesus quis (cf. Jo 17), como João Paulo II, que abre a Porta Santa da Basílica de São Paulo Fora dos Muros, reza no limiar e avança juntamente com um metropolitano ortodoxo, com o arcebispo anglicano de Canterbury e com muitos outros representantes.

Sonho com uma Igreja em caminho, povo de Deus que, atrás do Papa que leva a cruz, entra no templo de Deus e, rezando e cantando, vai ao encontro de Cristo Ressuscitado, esperança única, ao encontro de Maria e de todos os santos.

Sonho com uma Igreja que traz no coração o fogo do Espírito Santo; e onde está o Espírito há liberdade, diálogo sincero com o mundo e especialmente com os jovens, com os pobres e com os marginalizados; há discernimento dos sinais do nosso tempo. A doutrina social da Igreja, instrumento de evangelização[12], guia-nos neste discernimento nas mudanças sociais de hoje.

Sonho com uma Igreja que é testemunha de esperança e de amor, com gestos concretos, como quando se vê o Papa abraçar todos: ortodoxos, anglicanos, calvinistas, luteranos... na graça de Jesus Cristo, no amor do Pai e na comunhão do Espírito, vividos na oração e na unidade.

Que alegria, que esperança!

Maria sanctissima, vita, dulcedo et spes nostra, ora pro nobis! — Maria Santíssima, vida, doçura e esperança nossa, rogai por nós.

DEUS, E NÃO AS OBRAS DE DEUS*PORRO UNUM...*

Ao iniciar, neste ano jubilar, a sua peregrinação aos lugares da nossa salvação, João Paulo II não pôde ir a Ur da Caldeia, pelo que comemorou em Roma o Patriarca Abraão.

Adiando tudo perante o chamamento do Senhor, Abraão escolheu Deus, obedeceu sem hesitar e partiu da sua pátria, sem saber para onde ia, rumo a uma terra que Deus lhe tinha prometido.

Com esta opção radical, o santo Patriarca começa a sua extraordinária experiência.

Ele «viveu como estrangeiro na terra que Deus lhe tinha prometido».

Não duvidou de que Deus cumpriria a promessa de lhe dar um filho à idade de cem anos.

«Ofereceu confiadamente o seu único filho» em sacrifício, porque «pensava que Deus era poderoso até para o ressuscitar de entre os mortos» (cf. Hb 11, 9-19).

E justamente assim se tornou pai de uma multidão de povos, numerosos como as estrelas do céu e como os grãos de areia que há nas praias.

Apoiar-se apenas em Deus, escolher Deus: esta foi a grande experiência dos patriarcas, dos profetas, dos primeiros cristãos, evocada pelo capítulo onze da Carta aos Hebreus, no qual se repete 18 vezes a expressão «pela fé» e uma vez a expressão «com fé».

Não confiar totalmente em Deus e procurar apoios e segurança noutra parte foi desde sempre a tentação do povo de Deus, a dura experiência de personagens até gloriosas, como Moisés, David, Salomão...

Maria é a fiel por excelência. E com ela, milhares de testemunhas, o exército de grandes exemplos que não falta na história da Igreja universal

nem nas vicissitudes da nossa vida pessoal.

O fundamento da vida cristã

Durante a minha longa tribulação de nove anos de isolamento numa cela sem janelas, às vezes sob a luz eléctrica durante muitos dias, outras vezes na escuridão, parecia-me que sufocava por causa do calor e da humidade, no limite da loucura. Era ainda um bispo jovem, com oito anos de experiência pastoral. Não conseguia dormir; atormentava-me o pensamento de ter de abandonar a diocese, de ver desmoronar-se tantas obras que tinha iniciado por Deus. Experimentava como uma revolta em todo o meu ser.

Uma noite, do fundo do coração, uma voz disse-me: «Porque te atormentas assim? Tens de distinguir entre Deus e as obras de Deus. Tudo o que fizeste e desejas continuar a fazer: visitas pastorais, formação de seminaristas, religiosos, religiosas, leigos, jovens, construção de escolas, de *foyers* para estudantes, missões para a evangelização dos não-cristãos...: tudo isso é uma obra excelente, são obras de Deus, mas não são Deus! Se Deus quiser que abandones tudo isso, fá-lo imediatamente e tem confiança n'Ele! Deus fará as coisas infinitamente melhor do que tu. Ele confiará as suas obras a outros que são muito mais capazes do que tu. Tu escolheste apenas Deus, não as suas obras!».

Esta luz deu-me uma paz nova, que mudou totalmente o meu modo de pensar e me ajudou a superar momentos fisicamente quase impossíveis. A partir desse momento, uma força nova encheu o meu coração e acompanhou-me durante treze anos. Sentia a minha fraqueza humana, renovava esta escolha diante das situações difíceis, e a paz nunca me faltou.

Escolher Deus, e não as obras de Deus. Este é o fundamento da vida cristã, em todos os tempos. E é, ao mesmo tempo, a resposta mais autêntica ao mundo de hoje. É o caminho para que se realizem os desígnios do Pai sobre nós, sobre a Igreja, sobre a humanidade do nosso tempo.

Um «fiat» sempre renovado

Cada dia compreendo melhor as palavras da Sagrada Escritura: «Como os céus estão acima da terra, assim os meus caminhos estão acima dos

vossos» (Is 55, 9).

Compreendo que a minha vida é uma sucessão de opções, em cada momento, entre Deus e as obras de Deus. Uma opção sempre nova, que se traduz em conversão.

Maria escolheu Deus, abandonando os seus projectos, sem compreender plenamente o mistério que se realizava no seu corpo e no seu destino. A partir desse momento a sua vida é um *fiat* sempre renovado: até à gruta de Belém, até ao exílio no Egipto, até à oficina do carpinteiro em Nazaré, até ao Calvário. Cada vez se actualiza a mesma escolha: «Deus, e não as obras de Deus». E justamente assim Maria vê cumprir-se todas as promessas: vê ressuscitar o Filho que tinha levado exangue nos seus braços; vê recompor-se o grupo dos discípulos e levar o anúncio do Evangelho a todas as nações; vê que é proclamada bem-aventurada e «Mãe de Deus» por todas as gerações, ela que, ao pé da cruz, viu que consideravam o seu Filho divino como um de nós, um simples homem.

O verdadeiro culto

«Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças» (Dt 6, 5; cf. Mt 22, 37).

Nos livros do Levítico e do Deuterónimo, Deus estabeleceu minuciosamente as cerimónias, as orações, os ornamentos dos sacerdotes e tudo o que era necessário para o culto oficial segundo os diversos tempos, as diferentes festas e solenidades.

O livro dos Reis narra-nos os esforços de Salomão para edificar o Templo, segundo o plano estabelecido por Deus, com a contribuição dos povos vizinhos. Assim nasce o centro religioso e nacional de Israel.

E, no entanto, Deus, através dos profetas, faz saber que de nada valem os sacrifícios e os holocaustos, se não houver o sacrifício interior do coração contrito e humilhado, uma opção autêntica e transparente por Deus. O céu e a terra pertencem-Lhe, a terra é a «almofada» dos seus pés. Deus não precisa de um Templo (cf. Is 66, 1-2).

A coragem da coerência

Esta escolha de Deus na vida tem como consequência a rejeição categórica da idolatria. Assim o ancião Eleazar prefere morrer a manchar a sua total adesão a Deus (cf. 2 Mc 6, 18-31).

Hoje, tal como nos tempos do Antigo e do Novo Testamento, quem escolhe Deus deve aceitar qualquer inconveniente possível: no campo económico, do poder ou noutros interesses... Jesus tinha-o dito: *propter me* — «por minha causa».

Por causa desta escolha, há quem não possa entrar na universidade, quem não consiga trabalho, quem fique sem casa... Gerações de cristãos em muitos países aceitam corajosamente estes sacrifícios.

Exorta-nos a Carta aos Hebreus: «Recordai os primeiros dias em que, depois de serdes iluminados, tivestes de suportar um duro e doloroso combate, umas vezes expostos publicamente a injúrias e ultrajes; outras, tornando-vos solidários com aqueles que assim eram tratados. Com efeito, partilhastes os sofrimentos dos encarcerados e aceitastes com alegria que vos confiscassem os vossos bens, conscientes de que possuíis uma riqueza melhor e mais duradoura» (Hb 10, 32-34).

A escolha de Deus na vida de um pastor

Quando estava na prisão, em certo sentido, era-me mais fácil escolher apenas Deus. Não faltou a tentação de temporizar. Mas precisamente quando desapareceu toda a segurança anterior, senti que devia concentrar toda a minha vida no *porro unum* (cf. Lc 10, 42), no único que importa.

Agora que gozo de liberdade, mergulhado no trabalho, em tarefas por vezes pesadas, é mais fácil ser Marta do que ser Maria.

De facto, todo o pastor pensa que escolheu Deus. Todos nos dedicamos com grande entrega às obras de Deus. Mas sinto que tenho de me examinar sinceramente, uma e outra vez, diante d'Ele: na minha vida pastoral, quanto é para Ele e quanto é para as suas obras (que, além disso, muitas vezes são

as minhas obras)? Ao recusar um cargo ou ao desejar outro, sou verdadeiramente desinteressado ou não?

O autor da Carta aos Hebreus dá um conselho: «Tendes necessidade de perseverança» (Hb 10, 36). Paciência para sermos realmente livres. Quem é livre não tem medo, como Moisés: «Moisés, já adulto, recusou ser chamado filho da filha do faraó, preferindo ser maltratado com o povo de Deus a gozar os prazeres passageiros do pecado» (Hb 11, 24-25).

A força magnética do testemunho

Durante uma recente conferência na Universidade de Salford, na Grã-Bretanha, um seminarista perguntou-me: «Padre, falo em nome dos seminaristas. Pode deixar-nos uma consigna?». «Não esperava esta pergunta — respondi —, mas não quero desiludir-vos. Na minha vida, que foi longa e acidentada, fiz esta experiência: se sigo fielmente, passo a passo, Jesus, Ele conduz-me à meta. Caminhareis por caminhos imprevisíveis, por vezes tortuosos, escuros, dramáticos, mas tende confiança: estais com Jesus! Lançai sobre Ele todas as vossas ansiedades e preocupações. Não vos preocupeis com a forma de atrair as multidões. Tende a certeza: se seguirdes Jesus, as pessoas seguir-vos-ão!».

Nas *Acta Martyrum* lemos esta narração: Quando São Cipriano foi preso, o pretor interrogou-o diante de uma multidão.

«És tu Thascius Cyprianus?» *Ego sum*

«Sou eu».

«Os santos imperadores ordenaram-te que ofereças sacrifício».

Non facio

«Não o faço».

«Pensa bem!»

In re tam iusta, nulla est consultatio

«Em coisa tão justa não é necessária qualquer reflexão».

«Que Thascius Cyprianus seja executado pela espada».

Deo gratias

«Demos graças a Deus».

A opção de Cipriano foi como uma força magnética e fez com que os seus fiéis o seguissem como um só até ao lugar do martírio»[13].

Penso na peregrinação do jubileu.

Avançamos todos os dias, apesar das provações e dos riscos, porque temos uma só meta, temos uma só esperança.

Porro unum est necessarium — «Uma só coisa é necessária».

A AVENTURA DA ESPERANÇA

6

0 MOMENTO PRESENTE

SIVE MANDUCAMUS, SIVE BIBIMUS

«Por uma rara alienação — escreveu o grande teólogo ortodoxo Evdokimov — o homem deste mundo vive no passado, nas suas recordações, ou à espera do seu futuro; quanto ao momento presente, procura evadir-se dele e exercita o seu espírito inventivo para “matar o tempo” da melhor maneira. Este homem não vive no aqui e agora, mas em fantasias das quais é inconsciente. [...] O passado e o futuro, na sua deslocação abstracta, são inexistentes e não têm acesso à eternidade; esta converge apenas para o momento presente e só se dá a quem se torna totalmente presente nesse momento. Só nesses instantes se pode alcançar e viver na imagem do presente eterno» [14].

Nesta meditação gostaria de considerar o momento presente. É no presente que começa a aventura da esperança. É o único tempo que possuímos nas nossas mãos. O passado já passou, o futuro não sabemos se chegará. A nossa riqueza é o presente.

Viver o presente é a regra do nosso tempo. No ritmo frenético da nossa época, é necessário deter-se no momento presente como única ocasião para «viver» verdadeiramente e introduzir desde já a nossa vida terrena no curso da vida eterna.

Caminho para a santidade

Depois da minha detenção, em Agosto de 1975, transferem-me durante a noite de Saigão para Nhatrang, que dista 450 km, escoltado por dois polícias. Começa a experiência de uma vida de prisioneiro: já não tenho horário. Um provérbio vietnamita diz: «Um dia na prisão vale mil outonos em liberdade». Experimentei-o: na prisão, todos esperam a libertação, todos os dias, a cada minuto.

Naqueles dias, naqueles meses, muitos sentimentos confusos povoam a minha mente: tristeza, medo, tensão. O meu coração está ferido por ter o meu povo longe. Na escuridão da noite, no meio deste oceano de angústia,

pouco a pouco desperto: «Tenho de enfrentar a realidade. Estou na prisão. Se espero o momento oportuno para fazer algo realmente grande, quantas vezes se me apresentará uma ocasião como esta? Uma só coisa chegará com certeza: a morte. É preciso aproveitar as ocasiões que se apresentam cada dia para realizar acções ordinárias de modo extraordinário».

Nas longas noites de prisão dou-me conta de que viver o momento presente é o caminho mais simples e seguro para a santidade. Desta convicção nasce uma oração:

«Jesus, não esperarei; vivo o momento presente enchendo-o de amor. A linha recta é composta por milhões de pequenos pontos unidos entre si.

A minha vida também é composta por milhões de segundos e de minutos unidos entre si.

Coloco perfeitamente cada ponto, e a linha será recta. Vivo com perfeição cada minuto, e a vida será santa. O caminho da esperança está pavimentado de pequenos passos de esperança. A vida de esperança é feita de breves minutos de esperança. Como Tu, Jesus, que fizeste sempre o que agrada ao teu Pai.

A cada minuto quero dizer-te: Jesus, amo-te; a minha vida é sempre uma “nova e eterna aliança” contigo. A cada minuto quero cantar com toda a Igreja: Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo...».

Compromisso e dom

No Evangelho, Jesus exorta-nos repetidamente a viver o presente. Ele manda-nos pedir ao Pai o pão apenas para «hoje» e recorda-nos que basta a preocupação de «cada dia» (cf. Mt 6, 34).

Ele interpela-nos totalmente a cada momento. E, ao mesmo tempo, dá-nos tudo. Na cruz, ao ladrão que lhe diz: «Jesus, lembra-te de mim quando vieres com o teu Reino», responde: «Hoje estarás comigo no Paraíso» (cf. Lc 23, 42-43). Na palavra «hoje» está contido todo o perdão, todo o amor de Jesus.

São Paulo acentua ao máximo a identificação com Jesus em cada momento, até ao ponto de criar uma terminologia nova e muito expressiva:

confixus cruci (Gl 2, 20), *consepulti* (Rm 6, 4; Col 2, 12), *conmortui sumus, convivemus* (2 Tm 2, 11; cf. 2 Co 7, 3), *consurrexistis* (Col 3, 1). O Apóstolo fala da união de Cristo conosco como de uma realidade indefectível, uma vida sem intervalo que compromete todo o nosso ser e espera a nossa resposta: Cristo morreu e voltou à vida para ser Senhor de vivos e mortos. Por isso, «quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor» (cf. Rm 14, 8-9). «Portanto, quer comais, quer bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus» (1 Co 10, 31).

No quarto Evangelho esta dimensão cristológica abre-se à dimensão trinitária: «Para que sejam um, como nós somos um: eu neles e Tu em mim» (Jo 17, 22-23).

No presente, «*in sinu Dei*»

Todos os santos e grandes testemunhos concordam na importância do presente. Vivem unidos a Jesus em cada momento da sua vida, segundo o ideal encarnado no seu ser. Para Inácio de Loyola é *Ad maiorem Dei gloriam* — «Para maior glória de Deus»; para Isabel da Trindade, *In laudem gloriae* — «Para louvor da glória»; para João Bosco, *Da mihi animas* — «Dá-me almas»; para Madre Teresa é «Misericórdia»; para Raoul Follereau é «Jesus nos leprosos»; para Jean Vanier, «Jesus nos deficientes psíquicos»...

Encarnando no momento presente o seu ideal, os santos vivem uma vida que se realiza na sua própria essência. Escreve São Paulo da Cruz:

«Feliz a alma que repousa *in sinu Dei*, sem pensar no futuro, mas procurando viver momento a momento em Deus, sem outra preocupação senão a de cumprir bem a sua vontade em cada acontecimento» [15].

E Teresa de Lisieux afirma:

«A minha vida é um instante, uma efémera hora, um momento que se escapa e foge veloz. Tu sabes, meu Deus, que para te amar na terra só tenho este dia» [16].

«Quem conhece o caminho da santidade — diz uma grande figura espiritual do nosso tempo — volta repetidamente, com paixão, à ascese que ela exige: viver em Deus no momento presente da vida. Assim ficamos completamente livres de tudo o que não é Deus e imersos em Deus onde quer que Ele esteja presente. Desta forma a nossa vida não é tanto “existir”, mas “ser” plenamente, porque Deus, aquele que é, está nela» [17].

Discernir entre as diversas vozes íntimas a voz de Deus (cf. GS 16), para fazer a sua vontade no presente, é um exercício contínuo ao qual os santos se submeteram docilmente. E neste exercício contínuo, o discernimento torna-se cada vez mais fácil, porque a voz de Deus dentro de nós se amplia e se fortalece.

Por vezes não é fácil. Mas, se acreditarmos no amor de Deus, podemos cumprir com tranquilidade aquilo que julgamos ser a sua vontade, com a confiança de que, se não o for, Ele nos colocará no caminho correcto.

«Sabemos que em todas as coisas Deus intervém para o bem daqueles que o amam, daqueles que foram chamados segundo o seu desígnio», recorda Paulo aos Romanos (Rm 8, 28).

E Raïssa Maritain escreve: «Sob as suas aparências obscuras, os deveres de cada instante escondem a verdade da vontade divina; são como os sacramentos do momento presente» [18].

Orígenes deixa-nos este belo conselho: «O santuário não deve ser procurado num lugar, mas nos actos, na vida e nos costumes. Se são segundo Deus, se se conformam aos mandamentos de Deus, pouco importa até que estejas em casa ou na praça; que digo “na praça”? Pouco importa até que te encontres no teatro: se estás a servir a Deus, estás no santuário, não duvides» [19].

Como preencher cada momento de amor

Quando estava submetido a prisão domiciliária na aldeia de Cay Vong, vigiado pela polícia, dia e noite me obsediava este pensamento: «Meu povo! Meu povo que tanto amo: rebanho sem pastor! Como posso entrar em contacto com o meu povo no momento em que mais precisam do seu

pastor? As livrarias católicas foram confiscadas; os colégios, fechados; as religiosas e os religiosos do ensino, dispersos; uns foram trabalhar nos campos de arroz, outros encontram-se nas “regiões de nova economia”, no meio do povo, nas aldeias. A separação é um choque que me parte o coração.

»Eu não esperarei — disse comigo mesmo —. Quero viver o momento presente enchendo-o de amor; mas como?«.

Uma noite chega uma luz: «Francisco, é muito simples. Faz como São Paulo quando estava na prisão: escrevia cartas a várias comunidades».

Na manhã seguinte fiz sinal a um menino de sete anos, Quang, que voltava da missa às cinco horas, ainda escuro, e disse-lhe: «Diz à tua mãe que me compre blocos velhos de calendários». Nessa noite, novamente na escuridão, Quang trouxe-me os calendários e, todas as noites de Outubro e Novembro de 1975, escrevi ao meu povo a minha mensagem desde a prisão. Todas as manhãs o menino vinha recolher as folhas para levá-las para casa, para que os seus irmãos e irmãs copiassem a mensagem. Assim nasceu o livro *O Caminho da Esperança*, que foi publicado em onze línguas.

Em 1989, quando finalmente saí da prisão, recebi uma carta da Madre Teresa com estas palavras: «O que importa não é o número das nossas actividades, mas a intensidade de amor que colocamos em cada acção».

Esse momento que será o último

Viver momento a momento com intensidade é o segredo para saber viver bem aquele momento que será o último. Escreve Paulo VI no seu «Pensamento sobre a morte»:

«Não olhar mais para trás, mas cumprir de boa vontade, com simplicidade, humildemente e firmemente, o dever que resulta das circunstâncias em que me encontro por tua vontade. Agir rapidamente. Fazer tudo. Fazer tudo bem. Realizar com alegria aquilo que Tu queres agora de mim, ainda que ultrapasse imensamente as minhas forças e mesmo que me peças a vida. Finalmente, nesta última hora» [20].

Cada palavra, cada gesto, cada telefonema, cada decisão, devem ser a coisa mais bela da nossa vida. Reservemos a todos o nosso amor, o nosso sorriso, sem perder um segundo.

Cada momento da nossa vida seja
o primeiro momento,
o último momento,

Gostaria de concluir esta meditação com uma oração da santa irmã Faustina Kowalska:

«Se olho para o futuro, o medo assalta-me,
Mas por que entrar no futuro?
Só aprecio a hora presente,
Porque o futuro talvez não habite na minha alma.

O tempo passado não está no meu poder
Para mudar, corrigir ou acrescentar algo.
Nem os sábios nem os profetas puderam fazer isso.
Portanto, confiemos a Deus o que pertence ao passado.
Ó momento presente!, tu pertences-me completamente.
Desejo utilizar-te para tudo o que está no meu poder [21] [...]

Por isso, confiando na tua misericórdia,
Avanço pela vida como uma criança,
E cada dia te ofereço o meu coração
Inflamado de amor para tua maior glória».

SER PALABRA*VERBA MEA SPIRITUS ET VITA SUNT*

Quando eu era aluno no seminário menor de Annin, um sacerdote vietnamita, professor, fez-me compreender a importância de trazer sempre comigo o Evangelho. Tinha-se convertido do budismo e provinha de uma família mandarim; era um intelectual: trazia sempre consigo, pendurado ao pescoço, o Novo Testamento, como quem leva o viático. Quando deixou o seminário para assumir outro cargo, deixou-me como herança esse livro, o seu tesouro mais precioso.

O exemplo desse santo sacerdote, que se chamava José Maria Thich, sempre vivo no meu coração, ajudou-me muito na prisão durante o período de isolamento. Naqueles anos segui em frente porque a Palavra de Deus era «lâmpada para os meus passos, luz para o meu caminho» (cf. Sl 119, 105).

Sabe-se que São Jerónimo e Santa Teresa do Menino Jesus traziam sempre consigo o Evangelho, perto do coração. Mas é a minha própria cultura que sublinha o valor único da Escritura. Na Ásia veneram-se muito as palavras de Confúcio e de Mêncio, seu discípulo. Não se podem ter em toda a parte, mas guardam-se na memória como sinal de veneração.

A Palavra e as palavras

Quando Jesus, na Transfiguração, manifestou a sua glória a Pedro, Tiago e João, ouviu-se uma voz da nuvem: «Este é o meu Filho, o meu Eleito; escutai-o» (Lc 9, 35).

As palavras de Jesus não são como as palavras dos homens. Os seus primeiros ouvintes deram-se conta disso imediatamente e diziam que «ensinava como quem tem autoridade, e não como os seus escribas» (Mt 7, 29).

Não é por acaso que o Evangelho exerce um grande fascínio até fora do mundo cristão. Gandhi, por exemplo, deixou escrito: «Quando li os Evangelhos e cheguei ao Sermão da Montanha, comecei a captar profundamente a doutrina cristã. O ensinamento do Sermão da Montanha

tinha o eco de algo que eu aprendera na minha infância, algo que parecia pertencer ao meu próprio ser e que me parecia ver realizar-se na minha vida de cada dia... Saciai profundamente a vossa sede nas fontes do Sermão da Montanha» [22].

O facto é que as palavras de Jesus possuem uma densidade e uma profundidade que as outras palavras não têm, sejam de filósofos, de políticos ou de poetas. As palavras de Jesus são, como muitas vezes se definem no Novo Testamento, espírito e vida. Contêm, exprimem, comunicam uma vida, a plenitude da vida.

Gosto muito do que narra o capítulo sexto do Evangelho de São João. Com a revelação do pão da vida, o caminho torna-se difícil e, a partir daquele momento, muitos dos seus discípulos abandonam Jesus. Então Ele pergunta aos Doze: «Também vós quereis ir embora?».

E Pedro responde-lhe: «Senhor, para quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna» (cf. Jo 6, 67-68).

Toda a força e toda a fragilidade da nossa esperança dependem destas palavras.

Palavra e Eucaristia, uma única mesa

A Sagrada Escritura afirma desde as primeiras páginas que a Palavra de Deus possui uma eficácia única (cf. Gn 1, 3.7.11.15.24.30). Depois da queda dos nossos primeiros pais, a Palavra de Deus, com a promessa da redenção, devolve-lhes a esperança da salvação (Gn 3, 15). Com o chamamento de Abraão, Deus cria o seu povo. E modela a história com as suas palavras: fala aos patriarcas e comunica-lhes as suas promessas, dirige-se a Moisés para libertar o seu povo da escravidão do Egipto, transmite palavras de verdade através dos profetas, na expectativa do Messias, o único Salvador.

Mas é Jesus a Palavra por excelência. «Jesus Cristo, Palavra feita carne, homem enviado aos homens [23] — afirma a *Dei Verbum* — fala as palavras de Deus» (cf. Jo 3, 34) e leva a cumprimento a obra de salvação que o Pai lhe confiou (cf. Jo 5, 36; 17, 4).

Para compreender a importância que a Palavra de Deus tem para a Igreja basta recordar a atitude bimilenária da Igreja, que «sempre venerou a Sagrada Escritura como venerou o próprio Corpo de Cristo, pois, sobretudo na sagrada liturgia, nunca deixou de tomar e repartir aos fiéis o Pão da vida que oferece a mesa da Palavra de Deus e do Corpo de Cristo» (DV 21).

Ao longo de toda a tradição cristã pode sublinhar-se constantemente este vínculo entre Palavra e Eucaristia, ambas alimento do cristão. «Nós bebemos o sangue de Cristo — escreve Orígenes — não apenas quando o recebemos segundo o rito dos mistérios, mas também quando recebemos as suas palavras, nas quais reside a vida» [24]. E São Jerónimo: «O conhecimento das Escrituras é um alimento verdadeiro e uma verdadeira bebida que se recebe pela Palavra de Deus» [25]. Por sua vez, Santo Ambrósio diz: «Bebe-se o sangue de Cristo, que nos redimiu, como se bebem as palavras da Escritura, que passam para as nossas veias e, assimiladas, entram na nossa vida»[26].

São Jerónimo afirma também:

«Eu considero que o Evangelho é o corpo de Jesus e as Escrituras são o seu ensinamento. As palavras de Jesus: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue” (Jo 6, 54) podem entender-se tanto referidas ao mistério [eucarístico] como ao verdadeiro corpo e sangue de Cristo, que é a palavra das Escrituras. [...] A Palavra de Deus é essa carne e esse sangue de Cristo que entra em nós através da escuta» [27].

O pão da Palavra — recorda ainda a *Dei Verbum* — é alimento que dá vigor, ilumina a mente, fortalece a vontade, reacende um ardor renovado e renova a vida (cf. n. 23).

Gostaria de vos comunicar a minha experiência a este respeito.

Quando tinha perdido tudo e estava na prisão, pensei preparar um *vademecum* que me permitisse viver a Palavra de Deus naquela situação. Não tinha papel nem cadernos, mas a polícia fornecia-me folhas nas quais eu tinha de escrever as respostas às muitas perguntas que me faziam. Então, pouco a pouco, comecei a guardar alguns pedaços de papel e consegui fazer uma pequena agenda, na qual, dia após dia, pude escrever, em latim, mais

de 300 frases da Sagrada Escritura que recordava de memória. A Palavra de Deus assim reconstruída foi o meu *vademecum* quotidiano, o meu cofre precioso do qual tirava força e alimento.

Acolher e viver a Palavra de Deus

Mas, para que a Palavra gere vida e produza todos os seus frutos, é necessário acolhê-la e vivê-la.

Diante do Verbo de Deus que fala e se comunica, a principal atitude que nos é pedida é escutá-lo e acolhê-lo. Esse é o mandato que o Pai dirige aos discípulos a respeito do seu Filho. Escutá-lo mais com o coração do que com os ouvidos. De facto, a Palavra só dá fruto se encontrar uma terra fértil, isto é, quando cai num coração bom e recto (cf. Lc 8, 15).

Mas não basta meditar a Palavra de Deus, não basta penetrá-la com a mente, rezar com ela, tirar dela alguma reflexão ou algum propósito. A escuta autêntica da Palavra traduz-se em obediência, em fazer aquilo que ela exige. É preciso deixar-se trabalhar pela Palavra até ao ponto de ela informar toda a vida cristã. É preciso aplicá-la a todas as circunstâncias da nossa existência, é preciso transformá-la em vida, como exorta São Tiago: «Sede cumpridores da palavra e não apenas ouvintes, enganando-vos a vós mesmos» (Tg 1, 22).

Adquirir a mente de Cristo

Quando estava na prisão escrevi: «Observa uma única regra: o Evangelho. Esta constituição é superior a todas as outras. É a regra que Jesus deixou aos seus apóstolos (cf. Mt 4, 23). Não é difícil, complicada ou legalista como as demais; pelo contrário: é dinâmica, suave e estimulante para a tua alma. Um santo afastado do Evangelho é um santo falso» [28].

A Palavra de Deus, ao entrar em nós, denuncia o modo humano de pensar e de agir e introduz-nos no novo estilo de vida inaugurado por Cristo. Quem vive o Evangelho pode chegar, com Paulo, a ter a mente de Cristo (1 Cor 2, 16); adquire a capacidade de ler os sinais dos tempos com o mesmo olhar de Cristo e assim incide com criatividade na história; experimenta a verdadeira liberdade, a alegria e a coragem da coerência

evangélica; encontra uma confiança nova no Pai, uma relação de autêntica e sincera filiação e, ao mesmo tempo, uma atitude concreta e efectiva de serviço para com todos.

O Evangelho, em definitiva, revela-nos o sentido profundo da nossa vida, de modo que finalmente sabemos para que vivemos; o ensinamento de Cristo restitui-nos a esperança.

O resultado é que já não somos nós que vivemos, mas é o próprio Cristo que vem viver em nós. Através das palavras da Escritura, é o Verbo quem vem habitar em nós e nos transforma nele: *verba* no *Verbum*.

«Como se torna Jesus presente nas almas?», perguntou-se Paulo VI. E respondeu: «Através do veículo, da comunicação da palavra, passa o pensamento divino, passa o Verbo, o Filho de Deus feito homem. Poder-se-ia afirmar que o Senhor se encarna dentro de nós quando aceitamos que a sua palavra venha habitar em nós» [29].

Comunicar a Palavra

No entanto, não basta acolher e viver a Palavra. Ela deve ser partilhada. Fazemo-lo na catequese, nas homilias, na pregação dos exercícios espirituais. O que talvez nem sempre fazemos é dar o fruto da Palavra.

A Palavra é uma semente lançada na nossa vida. A terra boa não devolve a semente, mas o fruto. Assim, deveríamos comunicar não apenas a nossa reflexão sobre a Palavra de Deus, mas antes aquilo que ela realizou depois de acolhida na terra da nossa vida. Não é verdade que as testemunhas são mais credíveis do que os mestres, ou que os mestres o são apenas quando também são testemunhas?

Isto deixa-nos entrever também qual é o anúncio cristão típico. Trata-se de comunicar uma vida (a Vida) e, portanto, de transmitir uma experiência, como a comunidade joanina tinha bem compreendido: «O que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos apalparam acerca da Palavra da vida... isso vos anunciamos, para que também vós estejais em comunhão conosco» (1 Jo 1, 1-3).

Só assim o Reino de Deus avança e a comunhão se dilata até reunir a humanidade inteira na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Na prisão de Phu-Khanh os católicos dividiam o Novo Testamento, que tinham introduzido clandestinamente, em pequenos pedaços de papel; repartiam-nos entre si e aprendiam-nos de memória. Como o chão era de terra ou de areia, quando ouviam os passos dos guardas escondiam a Palavra de Deus debaixo da terra.

Durante a noite, na escuridão, cada um recitava por sua vez a parte que já tinha aprendido. Era impressionante e comovente ouvir, no silêncio e na escuridão, a Palavra de Deus, a presença de Jesus, o «Evangelho vivo» recitado com toda a força da alma; ouvir a oração sacerdotal, a paixão de Cristo.

Os não cristãos escutavam com respeito e admiração aquilo a que chamavam *verba sacra*. Muitos diziam, por experiência própria, que a palavra de Deus é «espírito e vida».

Só com o Evangelho

Sempre pedi a São José que me ajudasse a pôr em prática o Evangelho. Embora fosse pai putativo de Jesus, não recebeu nenhum sacramento durante toda a sua vida — os sacramentos ainda não tinham sido instituídos — mas viveu apenas da Palavra: escutava-a, acolhia-a, punha-a em prática, comunicava-a e partilhava-a, de modo que a sua oficina de carpinteiro se transformava numa escola do Evangelho. Por isso considero São José o patrono de todos os que vivem da Palavra.

Gostaria de concluir esta meditação dirigindo o olhar para aqueles que colaboramos com o Santo Padre no exercício do seu ministério petrino. Muitas vezes me pergunto: como posso realizar, neste ano jubilar, uma mudança de mentalidade, uma constante reevangelização da vida, uma autêntica conversão?

Quando o Santo Padre atravessou a Porta Santa apenas com o Evangelho, deu-me uma grande lição: eis o caminho, eis a imagem da Cúria

Romana para o terceiro milénio: uma Igreja que acolhe, vive, partilha e anuncia o Evangelho da esperança.

8

A ARTE DE AMAR

VINCULUM PERFECTIONIS

Ao preparar esta meditação senti ressoar dentro de mim as palavras de Paulo: «Se não tiver caridade, nada sou» (1 Cor 13, 2). São palavras que me chamam à conversão e que me recordam que *ante omnia* (1 Pe 4, 8), antes de pregar, de rezar, antes de qualquer serviço apostólico, devo ter a caridade, ou melhor, devo ser caridade.

Sem o amor não possuo Deus e não o posso dar aos outros; nem sequer O conheço (cf. 1 Jo 4, 8). Ainda que escreva meditações, ainda que dirija exercícios espirituais para pessoas eminentes, ainda que «entregue o meu corpo às chamas» (1 Cor 13, 3) ou tenha permanecido longos anos na prisão..., se não tiver amor, que é Deus, tudo é desperdiçar energias, como diria Agostinho [30].

O mundo é de quem o ama!

Às vezes lamentamo-nos de que o cristianismo, na sociedade de hoje, é uma presença cada vez mais marginal, de que é difícil transmitir a fé aos jovens, de que as vocações diminuem. E poder-se-iam continuar a enumerar motivos de preocupação...

De facto, não é raro que, no mundo actual, nos sintamos derrotados. Mas a aventura da esperança leva-nos mais além. Um dia encontrei escritas num calendário estas palavras: «O mundo é de quem o ama e melhor o sabe demonstrar». Como são verdadeiras estas palavras! No coração das pessoas existe uma sede infinita de amor, e nós, com o amor que Deus derramou nos nossos corações (cf. Rm 5, 5), podemos saciá-la.

Mas é necessário que o nosso amor seja «arte», uma arte que supera a simples capacidade humana de amar. Muito, para não dizer tudo, depende disto.

Eu vi esta arte, por exemplo, na Madre Teresa de Calcutá. Quem a via, amava-a. Também em João XXIII, que será proclamado beato em breve.

Embora tenham passado muitos anos desde a sua morte, a sua memória continua muito viva entre as pessoas.

Ao entrar num convento, num centro diocesano ou nas nossas próprias repartições, nem sempre se encontra esta arte que torna o cristianismo belo e atraente. Encontram-se, pelo contrário, rostos tristes e aborrecidos por causa da rotina de todos os dias. Não dependerá também disto a falta de vocações? E a escassa incidência do nosso testemunho? Sem um amor forte não podemos ser testemunhas de esperança!

Mesmo sendo especialistas em matéria religiosa, corremos o risco de possuir uma teoria do amor sem possuir suficientemente a sua arte. Como um médico que tem ciência, mas não a arte de uma relação amável e cordial. As pessoas consultam-no porque precisam dele, mas quando ficam curadas já não voltam.

Jesus era, como ninguém, mestre na arte de amar. Tal como um emigrante que parte para o estrangeiro e, embora se adapte à nova situação, leva sempre consigo — pelo menos no coração — as leis e os costumes do seu povo, assim Ele, ao vir à terra, trouxe consigo, como peregrino da Trindade, o modo de viver da sua pátria celeste, «exprimindo humanamente os comportamentos divinos da Trindade» [31].

Distintivos do amor cristão

Contemplemos, pois, os elementos distintivos da arte de amar que Jesus nos ensina e que são a fonte do esplendor e da fascinação da vida cristã.

1. Ser o primeiro a amar

O amor de Deus que Jesus, com o dom do seu Espírito, semeou nos nossos corações é um amor completamente gratuito. Ama sem interesse, sem esperar nada em troca. Não ama apenas porque é amado, ou por outros motivos até bons, como a amizade humana. Não se detém a ver se o outro é amigo ou inimigo, mas é o primeiro a amar, tomando a iniciativa.

Cristo, quando ainda éramos pecadores, ingratos e indiferentes, morreu por nós (cf. Rm 5, 8). «Ele amou-nos primeiro», diz João (1 Jo 4, 19), e

assim devemos fazer também nós. «Não esperes que o outro te ame; adianta-te tu e começa», recomenda São João Crisóstomo [32].

2. Amar a todos

Para que resplandeça o amor que vem de Deus, devemos amar a todos, sem excluir ninguém. «Para que sejais filhos do vosso Pai celeste, que faz nascer o seu sol sobre maus e bons...» (Mt 5, 45). Somos chamados a ser pequenos sóis junto do Sol do Amor que é Deus. E então todos são destinatários do nosso amor. Todos! Não um «todos» ideal, toda a gente do mundo que talvez nunca conheceremos, mas um «todos» concreto.

«Para amar uma pessoa é preciso aproximar-se dela... — dizia a Madre Teresa. Nunca me ocupo das multidões, mas apenas das pessoas» [33].

«Assim como basta uma hóstia santa entre os milhões de hóstias da terra para nos alimentarmos de Deus — afirma Chiara Lubich — basta também um irmão — aquele que a vontade de Deus coloca ao nosso lado — para nos unirmos em comunhão com a humanidade, que é Jesus místico» [34].

Todo o próximo me oferece a ocasião de amar Cristo, que «pela sua encarnação se uniu, de certo modo, a todo o homem» (GS 22).

3. Amar os inimigos

Um distintivo muito especial do amor cristão é o amor aos inimigos, muitas vezes incompreensível para quem não crê.

Um dia um carcereiro perguntou-me:
— O senhor ama-nos?
— Sim, amo-vos.
— Mas nós mantivemo-lo na prisão durante muitos anos, sem julgamento, sem condenação, e o senhor ama-nos? É impossível! Não será verdade!
— Estive muitos anos convosco, e vós vistes: é verdade.
— Quando sair em liberdade, não enviará os seus fiéis para queimar as nossas casas e matar os nossos familiares?
— Não; mesmo que queirais matar-me, eu amo-vos.

— Mas porquê?

— Porque Jesus me ensinou a amar a todos, até os inimigos. Se não o fizer, não sou digno de me chamar cristão.

— É muito belo, mas difícil de compreender.

Jesus insistiu muito neste distintivo do amor cristão, e só com esta disposição do coração se pode fazer a verdadeira paz na terra: «Se amais os que vos amam..., se saudais apenas os vossos irmãos..., não fazem também assim os pagãos?... Eu, porém, digo-vos: amai os vossos inimigos e rezai por aqueles que vos perseguem» (Mt 5, 46-47.44).

4. Amar dando a própria vida

Jesus é Deus, e o seu amor não pode ser senão infinito como Deus. Não é um amor que dá algo; dá-se a si mesmo: «Tendo amado os seus..., amou-os até ao fim» (Jo 13, 1). «Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos» (Jo 15, 13).

Jesus deu tudo, sem reserva: deu a sua vida na cruz e deu o seu corpo e o seu sangue na Eucaristia. Esta é a medida com que também nós somos chamados a amar: dispostos a dar a vida por aqueles que trabalham connosco; dispostos a dar a vida uns pelos outros.

5. Amar servindo

Na grande maioria dos casos, o «dar a vida» que Jesus nos pede não se cumpre derramando sangue, mas na vida diária, em muitos pequenos pormenores, colocando-nos ao serviço dos outros, até daqueles que, por algum motivo, podem parecer «inferiores» a nós.

Sabe-se que, ao contrário dos sinópticos, na narração da hora solene da última ceia, o evangelista João não fala da instituição da Eucaristia, mas conta que Jesus lava os pés aos seus discípulos «para que também vós façais como Eu fiz convosco» (Jo 13, 15).

Servir significa tornar-se «eucaristia» para os outros, identificar-se com eles, partilhar as suas alegrias e as suas dores (cf. Rm 12, 15), aprender a

pensar com a sua cabeça, a sentir com o seu coração, a viver neles: «caminhar com os seus mocassins», como diz um provérbio indiano.

O amor, primeira evangelização

Recordo alguns momentos da minha vida que continuam a iluminar-me quando penso na grande tarefa do testemunho cristão.

Quando fui colocado em isolamento, confiaram-me a cinco guardas. Por turnos, dois deles estavam sempre comigo. Os superiores tinham-lhes dito: «Substituir-vos-emos de quinze em quinze dias por outro grupo, para que este bispo perigoso não vos “contamine”».

Depois decidiram: «Já não vos mudaremos, porque, se o fizermos, este bispo contaminará todos os polícias».

Ao princípio os guardas não falavam comigo. Limitavam-se a responder «sim» ou «não».

Era realmente triste, porque queria ser amável e cortês com eles, mas era impossível. Eles evitavam falar comigo.

Uma noite veio-me um pensamento: «Francisco, tu ainda és muito rico, tens o amor de Cristo no coração; ama-os como Jesus te amou».

No dia seguinte comecei a querer-lhes ainda mais, a amar Jesus neles, sorrindo-lhes, dirigindo-lhes palavras amáveis. Comecei a contar histórias das minhas viagens ao estrangeiro: sobre como vivem os povos da América, do Canadá, do Japão, das Filipinas..., sobre a economia, a liberdade, a tecnologia.

Isto despertou a sua curiosidade e levou-os a fazer-me muitas perguntas. Pouco a pouco tornámo-nos amigos. Quiseram aprender línguas estrangeiras: inglês, francês... Os meus guardas tornaram-se meus alunos!

Noutra ocasião, na montanha de Vinh Phú, na prisão de Vinh Quang, num dia de chuva, tinha de cortar lenha. Disse ao guarda:
— Posso pedir-lhe um favor?

- Diga, eu ajudo-o.
- Gostaria de cortar um pedaço de madeira em forma de cruz.
- Não sabe que é severamente proibido ter qualquer sinal religioso?
- Sei — respondi —, mas somos amigos e prometo mantê-la escondida.
- Seria extremamente perigoso para os dois.
- Feche os olhos; faça-a agora e serei muito cuidadoso.

Ele afastou-se e deixou-me sozinho. Cortei a cruz e mantive-a escondida dentro de um pedaço de sabão até à minha libertação. Com uma moldura de metal, este pedaço de madeira tornou-se a minha cruz peitoral.

Noutra prisão pedi ao meu guarda, de quem era amigo, um pedaço de fio de cobre. Assustado, disse-me:

— Estudei na Universidade da Segurança que, quando alguém pede fio de cobre, significa que quer suicidar-se.

Expliquei-lhe:

- Os sacerdotes católicos não se suicidam.
- Então para que quer o fio de cobre?
- Gostaria de fazer uma pequena corrente para prender a minha cruz.
- Como pode fazer uma corrente com um fio de cobre? É impossível!

— Se me trazer um alicate eu mostro-lhe.

- É demasiado perigoso!
- Mas somos amigos!

Três dias depois confessou-me: «É difícil negar-lhe alguma coisa. Amanhã à noite, quando estiver de turno, trar-lhe-ei um pedaço de fio de cobre. Temos de terminar tudo em quatro horas».

Procurando que ninguém nos descobrisse, na noite seguinte, das sete às onze, com um alicate, cortámos o fio de cobre em pedaços do tamanho de um fósforo, trabalhámo-los... e a pequena corrente ficou pronta antes de chegar o outro guarda.

Esta cruz e esta corrente trago-as comigo todos os dias, não porque sejam recordações da prisão, mas porque indicam uma convicção profunda

para mim, um constante apelo: só o amor cristão pode mudar os corações, não as armas, as ameaças ou os meios de comunicação social.

O amor é aquilo que prepara os caminhos para o anúncio do Evangelho.

Omnia vincit amor. Tudo vence o amor!

Quando o amor é verdadeiro, suscita amor como resposta. Então ama-se e é-se amado. E realiza-se na terra o mandamento novo de Jesus: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei» (Jo 15, 12). O amor mútuo é o cumprimento da arte de amar.

A Mãe do Amor formoso

Não podemos concluir esta meditação sem dirigir a nossa mente e o nosso coração para a Virgem. Maria é como a lua, que reflecte toda a beleza do sol, que é Jesus, todos os seus sentimentos, especialmente o seu amor. Fora da Santíssima Trindade não se encontra amor igual ao seu para amar a Deus e a humanidade inteira. Maria é a Mãe do Amor formoso. Por isso é tão amada pelo povo cristão e também por muitos não cristãos. Não podemos amar melhor do que unindo-nos ao amor belíssimo e terníssimo da Virgem Maria, que possui a mais delicada arte de amar.

A arte de amar é amar como Jesus (porque Ele é amor).

A arte de amar é amar como Maria.

A arte de amar é amar como Teresa do Menino Jesus, que disse: «No coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o amor» [35].

TODOS SÃO O POVO DE DEUS QUE ME FOI CONFIADO

EXTRA MUROS - OMNIA OMNIBUS

No dia 1 de Dezembro de 1976 chamam-me de repente, às nove da noite, juntamente com outros prisioneiros. Acorrentados dois a dois, colocam-nos num camião. Uma breve viagem leva-nos a Tan-Cang (Newport), o novo porto militar aberto poucos anos antes pelos americanos. Diante de nós vemos um navio, na penumbra para que a população não se aperceba do que está a acontecer. Fazem-nos embarcar e levam-nos para o norte, numa viagem de 1.700 km.

Juntamente com os outros prisioneiros levam-me para o porão do navio, onde se armazena o carvão. Há apenas uma pequena lamparina de petróleo; tudo o resto está completamente às escuras. Somos 1.500 pessoas, em condições indescritíveis. Na minha mente desencadeia-se uma tempestade. Até este momento estava na minha diocese, mas agora — Deus sabe onde irei parar! Medito as palavras de Paulo: «Dirijo-me a Jerusalém, sem saber o que ali me acontecerá; apenas sei que o Espírito Santo me testemunha em cada cidade que me aguardam prisões e tribulações» (Act 20, 22-23). Passo a noite angustiado.

Nas raízes da evangelização

Na manhã seguinte, quando entra um pouco de sol no porão do navio, descubro à minha volta os rostos tristes e desesperados dos outros prisioneiros. Há um ambiente de funeral. Um deles tentou enforcar-se com um arame. Os outros chamam-me. Falo com ele. Por fim escuta-me. (Dois anos atrás, num encontro inter-religioso na Califórnia, voltei a ver esse homem. Cheio de alegria veio ao meu encontro, agradeceu-me e mostrou a todos as cicatrizes que ainda tem no pescoço).

Durante aquela viagem, quando os prisioneiros sabem que ali está o bispo Van Thuan, aproximam-se de mim para me comunicar as suas angústias. Passo todo o dia a partilhar os seus sofrimentos e a confortá-los. Durante os três dias da viagem sustento os meus companheiros de prisão e medito sobre a paixão de Jesus. Na segunda noite, no frio de Dezembro do Oceano Pacífico, começo a compreender que se abre uma nova etapa da

minha vocação. Na minha diocese tinha organizado diversos actos para a evangelização dos não cristãos. Agora trata-se de ir com Jesus às raízes da evangelização. Trata-se de ir com Ele morrer *extra muros*: fora do recinto sagrado.

Jesus crucificado fez-se presente onde estão todos os malditos

Quero considerar, nesta meditação, uma palavra desconcertante de Paulo: «Maldito todo aquele que é suspenso num madeiro» (Gl 3, 13). Esta tremenda afirmação provém do Livro do Deuterónimo e considerava-se, no tempo de Jesus, palavra de maldição divina contra os judeus que, em nome de Deus e da lei de Moisés, sofriam o suplício romano da crucifixão.

Saulo estava convencido da verdade desta palavra aplicada a Jesus crucificado. Não podia ser senão um maldito, rejeitado por Deus, este homem de Nazaré que tinha corrompido o povo comendo com os pecadores e quebrantando as regras da pureza, e que pretendia ser o Messias. A sua morte na cruz era um sinal evidente de que não tinha agido segundo a vontade de Yahvé.

Como jovem rabino, Saulo não podia tolerar que este falso profeta, depois da sua morte, fosse seguido por pessoas que criavam desordem nas sinagogas proclamando que Ele era o Messias e estava vivo junto de Deus. Com zelo perseguia os discípulos de Jesus, até que um dia o Ressuscitado o derrubou e o transformou completamente. Aquele de quem Saulo pensava estar nas antípodas da vontade divina e rejeitado por Deus revelou-se-lhe subitamente como o Filho de Deus, como aquele que melhor tornava visível o rosto divino do Pai.

A partir desse momento, a palavra de maldição do Deuterónimo, que antes tinha legitimado o ódio sagrado contra os cristãos, começou a revelar o amor sem limites de Deus pelo homem. Se aquele Crucificado era verdadeiramente o Filho de Deus, se o próprio Deus estava presente naquele homem que pendia do madeiro, então essa morte por crucifixão, em vez de ser maldição, manifestava até que ponto Deus se tinha aproximado daqueles que estavam longe dele. Suspenso na cruz, Jesus tinha-se tornado presente ali onde viviam todos os malditos, ali onde vivia o mundo pecador

afastado de Deus. E precisamente assim tinha oferecido a reconciliação e a salvação a todos.

Extra muros

A tradição da Igreja primitiva reconhece esta realidade noutra facto: Jesus morreu *extra muros*, «fora da porta», como diz a Carta aos Hebreus (13, 12s), fora da vinha, isto é, da comunidade de Israel (cf. Lc 20, 15) e, portanto, fora do lugar santo da presença de Yahvé, onde apenas o homem religioso pode estar. Assim revelou, até às últimas consequências, que o amor de Deus se torna conhecido precisamente ali onde, aos olhos do homem, Deus não está.

Tendo em consideração o quarto Cântico do Servo de Yahvé («foi contado entre os rebeldes» [Is 53, 12]), a jovem Igreja está convencida de que o Crucificado abraça todos os homens, até o mais mau e desesperado. Através do véu rasgado do seu corpo, as fronteiras entre recinto sagrado e mundo sem Deus desapareceram: para Ele todos podem ter acesso ao Pai.

Paulo, e com ele as primeiras comunidades cristãs, têm sempre diante dos olhos esta verdade desconcertante: a cruz de Jesus está plantada no meio do mundo pecador. Se queremos descobrir o rosto do nosso Senhor, devemos procurá-lo entre os mais afastados. Ele espera-nos em todo o ser humano, seja qual for a sua situação, o seu passado ou o seu estado de vida.

No Monte das Oliveiras, antes de subir ao Céu, Jesus disse aos seus discípulos: «Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra» (Act 1, 8). Como os apóstolos, como Paulo, somos chamados a ir *extra muros*: a todos os povos.

A minha catedral mais bela

Durante a viagem para o norte do Vietname acorrentaram-me três vezes a um não católico, parlamentar conhecido como fundamentalista budista. A proximidade na mesma sorte tocou o seu coração. Mais tarde soube que, após a sua libertação, contou de boa vontade este facto: sentiu-se honrado; procurava sempre que o acorrentassem comigo; tornámo-nos amigos.

No navio e depois no campo de reeducação tive ocasião de dialogar com pessoas muito diversas: ministros, parlamentares, altas autoridades militares e civis, autoridades religiosas Cao Dai, Hoá Háo, budistas, brâmanes, muçulmanos, pessoas de várias denominações protestantes: baptistas, metodistas... No campo fui escolhido como ecónomo para servir a todos, repartir a comida, ir buscar água quente e transportar o carvão para o aquecimento durante a noite, porque os outros me consideravam um homem de confiança.

Jesus crucificado fora das muralhas de Jerusalém, ao partir de Saigão, tinha-me feito compreender que devia comprometer-me numa nova forma de evangelização, não como bispo de uma diocese, mas *extra muros*, como missionário *ad extra, ad vitam, ad summum*: para fora, por toda a vida, até ao máximo da minha capacidade de amar e de me entregar. Agora abria-se outra dimensão: *ad omnes* — para todos.

Na escuridão da fé, no serviço, na humilhação, a luz da esperança mudou a minha visão: este navio, esta prisão eram a minha catedral mais bela, e estes prisioneiros, sem qualquer excepção, eram o povo de Deus confiado ao meu cuidado pastoral. O meu cativo era providência divina, era vontade de Deus.

Falei de tudo isto com os outros prisioneiros católicos e nasceu entre nós uma profunda comunhão, um novo compromisso: somos chamados a ser juntos testemunhas de esperança para todos.

E não posso deixar de recordar aqui a grande aventura missionária que se desenvolveu no Vietname. Em nome do meu povo desejo exprimir a nossa especial e profunda gratidão à Igreja universal, à Congregação de Propaganda Fide, aos corajosos missionários que nos levaram o Evangelho e derramaram o seu sangue na nossa terra em testemunho da fé.

A radicalidade do Evangelho

Ao falar da aventura da esperança e, em particular, da evangelização, falamos da radicalidade do Evangelho. Surpreende-me o facto de que, na Sagrada Escritura, Jesus, Paulo e João utilizem frequentemente palavras que exprimem a dimensão do absoluto:

Todos sejam um (cf. Jo 17, 21), todos os povos (cf. Mt 28, 19).

Amarás o Senhor totalmente: com todo o teu coração, toda a tua mente, todas as tuas forças (cf. Mt 22, 37).

Até ao extremo Jesus amou os seus (cf. Jo 13, 1).

Por toda a parte os seus serão suas testemunhas (cf. Act 1, 8).

De geração em geração perdura a fidelidade do Senhor (cf. Sl 100, 5; etc.).

Há ainda outros termos que exprimem a dimensão ilimitada da obra da evangelização:

Como no Céu, assim na terra: o mesmo amor (cf. Jo 15, 12), a mesma missão (cf. Jo 20, 21).

Com as quatro dimensões deve manifestar-se em nós o amor de Cristo: largura, comprimento, altura e profundidade (cf. Ef 3, 18-19).

Compreendo assim como São Maximiliano Kolbe estava habituado a repetir: «absolutamente, totalmente, sem condições». Jesus assumiu tudo isso na cruz: *consummatum est* (cf. Jo 19, 30).

Tudo para todos

Só com a radicalidade do sacrifício podemos ser testemunhas de esperança, inspirados — como escreveu João Paulo II na Carta encíclica *Redemptoris missio* — «na própria caridade de Cristo, feita de atenção, ternura, compaixão, acolhimento, disponibilidade, interesse pelos problemas das pessoas» (n. 89).

A figura de Paulo acompanha-nos nesta nossa missão: «Sendo livre em relação a todos, fiz-me servo de todos para ganhar o maior número possível. Com os judeus fiz-me judeu [...]. Com os que estão sem lei, como se estivesse sem lei... estando eu sob a lei de Cristo [...]. Fiz-me tudo para todos [...]. Tudo isto faço por causa do Evangelho» (cf. 1 Cor 9, 19-23).

Jesus crucificado, na sua solidariedade com o último, com o mais afastado, com o homem sem Deus, abriu o caminho ao apóstolo para «se fazer tudo para todos». E Paulo, por sua vez, comunica-nos a nós cristãos qual é o verdadeiro apostolado: revelar a cada pessoa, sem qualquer discriminação, que Deus está próximo dela e a ama imensamente.

Ao tornarmo-nos «um» com todos, considerando com coragem cada ser humano, mesmo o aparentemente mais desprezível ou inimigo, como «próximo» e como irmão, pomos em prática o conteúdo central do alegre anúncio: na cruz de Jesus, Deus aproxima-se de cada homem afastado d'Ele e oferece-lhe perdão e redenção. Eis por que a evangelização não é uma tarefa confiada apenas aos missionários, mas é constitutiva da vida cristã: a Boa Nova do Deus próximo só pode manifestar-se se nos aproximarmos de todos.

Um horizonte ilimitado: «*omnia propter evangelium*» [36]

Deixemos que, para concluir esta meditação, se apresentem diante dos olhos da nossa mente, uma vez mais, os vastos horizontes da missão da Igreja, tal como foram delineados pelo Concílio Vaticano II e testemunhados pelos últimos Papas:

— todo o homem e todos os homens são destinatários da Boa Nova.

— a tarefa de evangelizar impele-nos, em círculos concêntricos, a estabelecer um diálogo universal que começa dentro da Igreja, abraça os nossos irmãos e irmãs de outras Igrejas e Comunidades eclesiais, estende-se às grandes religiões, estabelece vínculos de amizade e de cooperação com quem não professa uma fé religiosa e não exclui sequer aqueles que se opõem à Igreja e a perseguem de diversos modos. «Todos somos chamados a ser irmãos», afirma a *Gaudium et spes* (n. 92).

— as quase cem viagens pastorais de João Paulo II aos cinco continentes, o seu encontro com os aborígenes na Papua-Nova Guiné e a sua visita à Ilha dos Escravos, na África Ocidental, os seus colóquios com Fidel Castro em Cuba e o recente diálogo com o grande xeque de Al-Azhar no Cairo, a sua obra de paz entre os povos e as religiões na Terra Santa,

representam de modo eloquente o caminho ilimitado que somos chamados a percorrer hoje ao serviço do Evangelho.

— a Santa Sé, nestas últimas décadas, enriqueceu-se com novos dicastérios e numerosos outros organismos para responder cada vez melhor a esta missão e recolher tudo aquilo que Cristo crucificado, no seu amor sem limites, semeou por toda a parte. Por meio deles a Igreja não apenas dá, mas também recebe.

Para mim é um privilégio poder participar nesta grande obra, vivendo e trabalhando há vários anos na Cúria Romana. Do coração da Igreja sou testemunha feliz das maravilhas que o Espírito Santo realiza dia após dia para levar a Boa Nova ao coração de cada povo, de cada cultura, de cada expressão da vida humana. Estou agradecido por poder viver em comunhão com todos, levando na alma as palavras de Paulo: «Fiz-me tudo para todos, para salvar a todo o custo alguns. E tudo isto faço por causa do Evangelho, para dele me tornar participante».

ESPERANÇA
CONTRA TODA A ESPERANÇA

10

ABANDONADO PELO PAI

ELOÍ, ELOÍ, LEMÁ SABACTANÍ?

«Na minha primeira defesa ninguém me assistiu; pelo contrário, todos me abandonaram. [...] Mas o Senhor assistiu-me e deu-me forças para que, por meu intermédio, a mensagem fosse plenamente proclamada» (2 Tm 4, 16-17).

Nestas palavras de Paulo reflete-se a minha experiência durante os duros anos de cativo. Não é que os meus fiéis e os meus sacerdotes me tivessem abandonado, mas ninguém podia fazer nada por mim. Fiquei completamente isolado e experimentei o abandono. Mas «o Senhor assistiu-me»; assim, o Pai, mesmo quando se oculta, não nos abandona.

A prisão onde me encontrava durante os primeiros meses situa-se na parte mais católica da cidade de Nhatrang, da qual fui bispo durante oito anos.

Da minha cela oiço, de manhã e à noite, os sinos da minha catedral e, durante todo o dia, os de muitas paróquias e comunidades religiosas. Teria preferido estar na montanha para não os ouvir.

Durante a noite, no silêncio, oiço o ruído das ondas do Pacífico, que outrora via da janela do meu escritório. Ninguém sabe onde me encontro, embora a prisão fique apenas a alguns quilómetros da minha casa. Vivo o absurdo!

Na noite de 1 de dezembro de 1976, como já contei, tiram-nos da prisão de Thú Duc e metem-nos no barco Hai-Phong. Nessa noite, enquanto aguardamos o embarque, fazem-nos sentar no chão, no meio da escuridão. Ao longe, a três quilómetros, vejo as luzes da cidade de Saigão, centro da diocese da qual fui nomeado coadjutor a 24 de abril de 1975. Sei que tenho diante de mim uma viagem que me levará para longe daqui. A dor dentro de mim angustia-me. Penso no apóstolo Paulo, quando em Mileto se despede dos anciãos de Éfeso sabendo que não os voltaria a ver nunca mais. E eu não posso despedir-me dos meus. Não posso sequer consolá-los nem dar-

lhes qualquer conselho. Dentro de mim digo-lhes adeus, especialmente ao meu bom arcebispo idoso Paulo Nguyen van Binh, com o coração ferido ao pensar que já não os voltaria a ver. Até hoje não os voltei a ver.

Senti um profundo sofrimento pastoral por tudo isto, mas posso testemunhar que o Pai não me abandonou e que me deu forças.

Os nossos momentos de abandono

Talvez todos nós, e mais de uma vez, vivamos momentos assim de abandono.

Não nos sentimos compreendidos, por vezes somos desiludidos, traídos. Sentimos a insuficiência das nossas forças e a solidão perante missões que são maiores do que nós. Chegamos a conhecer dores atrozes da Igreja, de povos inteiros. Em certos momentos, a própria luz da fé e do amor parece apagar-se e caímos na tristeza e na angústia.

São pequenas ou grandes noites da alma, por vezes prolongadas, que obscurecem em nós a certeza da presença do Deus próximo que deu sentido a toda a nossa vida.

São noites que assumem por vezes uma dimensão de época e coletiva, como no nosso tempo, em que o homem — como observou lucidamente João Paulo II — «apesar das suas conquistas, roça [...] o abismo do abandono, a tentação do niilismo, o absurdo de tantos sofrimentos físicos, morais e espirituais» [37].

Paulo falou dos seus momentos de abandono mais cruciais: «... perigos dos da minha raça; perigos dos gentios; perigos na cidade; perigos no deserto; perigos no mar». No fim indica aquilo que para ele era o facto mais triste, o que o torna mais próximo de Jesus: «Perigos entre falsos irmãos» (2 Co 11, 26).

O mistério da cruz

É a lei do Evangelho: «Se o grão de trigo não cair na terra e morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto» (Jo 12, 24).

E é a lei que Jesus viveu em primeira pessoa: a sua morte foi real, mas ainda mais real é a vida em abundância que brotou dessa morte.

Mas quanto custou esta vida!

Ele tinha descido à terra por amor de nós, para levar a cabo, em plena unidade com a vontade do Pai, o seu desígnio de salvação do mundo.

«Por causa do seu amor infinito pelos homens — escreve Máximo, o Confessor — fez-se verdadeiramente e por natureza aquilo mesmo que amava» [38].

Inefável *kénosis* — «abaixamento» — de Deus que Paulo nos faz contemplar no célebre hino da Carta aos Filipenses, apresentando-nos Cristo no ato de se despojar da sua condição divina para assumir «a condição de servo» e tornar-se em tudo semelhante a nós, homens (cf. Flp 2, 6-8).

Imagem de um Deus que se entrega sem reservas, que dá a sua vida sem medida até subir à cruz, onde toma sobre si toda a culpa do mundo, até assumir, ele que é o «inocente» (Mt 27, 4), o «justo» (1 P 3, 18), a semelhança com o homem pecador.

«Cristo resgatou-nos da maldição da lei [isto é, do pecado], tornando-se ele próprio maldição por nós», afirma Paulo (Gl 3, 13).

Intercâmbio admirável entre Deus e o homem: *commercium caritatis*, dirá Agostinho[39]; *commercium salutare*, dirá Leão Magno.

O abandono de Jesus

«Deus fez dele pecado por nós», lemos na Segunda Carta aos Coríntios (cf. 2 Co 5, 21).

E é ali, na cruz, que Jesus, pouco antes de morrer, se dirige ao Pai gritando: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?» (Mc 15, 34; Mt 27, 46).

Grito misterioso de um Deus que se sente abandonado por Deus. No momento culminante da sua vida, Jesus fora traído pelos homens, os seus já não estavam com ele, e agora Deus, esse Deus a quem chamava Pai, *Abbá*, parece calar-se. O Filho sente o vazio da sua ausência, perde a sensação da sua presença. A certeza inabalável de que nunca estava só (cf. Jo 16, 32), de que o Pai sempre o escutava (cf. Jo 11, 42), de que era instrumento da sua vontade, dá lugar à súplica cheia de angústia.

Então parece obscurecer-se aquilo que lhe era mais próprio: a sua íntima união com o Pai, a ponto de não se sentir filho: «Meu Deus, meu Deus», grita, e não «Pai».

Assim penetra João Paulo II, com impressionante profundidade, neste mistério:

«Pode dizer-se que estas palavras sobre o abandono nascem no terreno da inseparável união do Filho com o Pai, e nascem porque o Pai “carregou sobre ele a iniquidade de todos nós” (Is 53, 6) e à luz do que dirá São Paulo: “Aquele que não conheceu pecado, Deus fez pecado por nós” (2 Co 5, 21). Juntamente com este peso horrível, medindo todo o mal de voltar as costas a Deus contido no pecado, Cristo, mediante a profundidade divina da união filial com o Pai, percebe de modo humanamente inexplicável este sofrimento que é a separação, a rejeição do Pai, a ruptura com Deus» [40].

«O que — afirma São João da Cruz — foi o maior desamparo sensitivo que teve na sua vida, [...] ficando assim aniquilado e reduzido como a nada».

E, no entanto — prossegue São João da Cruz —, «nele realizou a maior obra que em toda a sua vida tinha feito com milagres e obras, tanto na terra como no céu, que foi reconciliar e unir o género humano por graça com Deus» [41].

Aquele vértice de dor que o Filho de Deus atingiu abre-se completamente diante dos nossos olhos como o ápice do seu amor por nós.

Numa intensa oração, Chiara Lubich diz

«Para que tivéssemos a luz, fizeste-te cego.
Para que tivéssemos a união, experimentaste a separação do Pai.
Para que possuíssemos a sabedoria, fizeste-te “ignorância”.
Para que nos revestíssemos da inocência, fizeste-te pecado.
Para que esperássemos, quase desesperaste.
Para que Deus estivesse em nós, sentiste-O longe de ti.
Para que o céu fosse nosso, sentiste o inferno.
Para nos dar uma morada jubilosa na terra entre cem irmãos e mais,
foste excluído do céu e da terra, dos homens e da natureza. És Deus, és
o meu Deus, o nosso Deus de amor infinito».

Uma só coisa com o Pai

Mas nós podemos pensar que, naquela hora extrema em que o Filho se sente abandonado pelo Pai, também o Pai vive a mesma «paixão de amor» do Filho [42].

Ao dar o Filho, deixando que Ele percorra até ao fundo toda a separação de Deus provocada pelo pecado, também Ele entra, de certo modo, em comunhão com todo o sofrimento humano: a tal ponto o conduz o amor que sente pelo homem.

O Filho, sentindo-se abandonado pelo Pai, volta a abandonar-se a Ele com um ato de amor infinito: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito» (Lc 23, 46). Manifesta assim que é uma só coisa com o Pai, no amor; um com Ele nesse Espírito de amor que os une.

Assim, a experiência da maior separação de Deus encerra, misteriosa mas realmente, a experiência da mais plena unidade com o Pai.

Como escreve tão profundamente João Paulo II: «Quando o Filho é abandonado pelo Pai no Espírito Santo, nesse abandono está contida a plenitude definitiva do amor que salva: a plenitude da unidade do Filho com o Pai no Espírito Santo» [43].

Nesta surpreendente e divina dinâmica de amor, toda a nossa dor é acolhida e transformada, todo o vazio preenchido, todo o pecado redimido. O nosso abandono, a nossa distância de Deus são superados.

Completo na minha carne...

Há um mistério abissal naquele grito que encerra em si todos os gritos da humanidade. É o grito do parto da «nova criação», do nosso novo nascimento como filhos de Deus.

Mas este parto não se realiza sem nós. O amor extremo de Jesus impele-nos a viver — na medida do possível — como Ele e n’Ele toda a dor.

E podemos fazê-lo.

Podemos, se, reconhecendo em cada dor pessoal e alheia uma sombra da sua dor infinita, um aspeto, um rosto d’Ele, cada vez que ela se apresenta não a afastarmos de nós, mas a acolhermos no nosso coração, como se acolhêssemos o próprio Jesus. E, se depois, esquecendo-nos de nós mesmos, nos lançarmos a fazer o que Deus nos pede naquele momento presente, no próximo que Ele nos coloca diante de nós, dispostos apenas a amar. Veremos então, muito frequentemente, que a dor se dissipa como por encanto e que na alma permanece apenas o amor.

Valorizar cada dor como um dos inúmeros rostos de Jesus crucificado e uni-la à sua significa, na verdade, entrar na sua própria dinâmica de dor-amor; significa participar da sua luz, da sua força, da sua paz; significa descobrir em nós uma presença de Deus nova e mais plena.

Recordo a minha experiência durante os anos sombrios na prisão. Nesse abismo dos meus sofrimentos, alguns sentimentos davam-me a paz da alma: nunca deixei de amar a todos, não excluí ninguém do meu coração. Deus amor será quem me julgará — disse a mim mesmo —; não o mundo, não o governo, não a propaganda. Tudo passa, só Deus não muda. Estou nas mãos de Maria. Devo ser fiel ao exemplo dos meus antepassados mártires, ao que aprendi da minha mãe quando era criança.

... em favor do seu corpo, que é a Igreja

Mas unir cada dor à de Cristo na cruz significa também tornar-se, com Ele e n’Ele, instrumento de salvação.

E aqui penso em nós, sacerdotes.

Porque é que os peregrinos de Ars se aglomeravam, como um só coração e uma só alma, em torno do altar onde São João Maria Vianney celebrava a Eucaristia? E porque é que aqueles que assistiam à missa do Padre Pio em São Giovanni Rotondo ficavam fascinados com o mistério que se realizava diante deles, a ponto de perderem a noção do tempo?

Porque viam diante deles um sacerdote tão identificado com Jesus na cruz que podia dizer, como São Paulo: «Completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo, em favor do seu corpo, que é a Igreja» (Cl 1, 24)!

Em cada uma das nossas missas, como o Cura d’Ars, como o Padre Pio, temos à nossa volta o mundo inteiro com todos os lugares onde «Deus chora», com todos os pecados e com todos os sofrimentos da humanidade. Ouvimo-lo com os nossos ouvidos, sofremo-lo com o nosso coração e deixamos que o Espírito reze em nós com «gemidos inefáveis» (cf. Rm 8, 26). Tudo podemos unir a Jesus crucificado, que está ali no altar. E podemos identificar-nos com Ele. Assim, na fé, poderemos alegrar-nos «exultando na revelação da sua glória» (1 Pe 4, 13).

Cristo crucificado é a nossa esperança.

«Assim como abundam em nós os sofrimentos de Cristo, assim também por Cristo transborda a nossa consolação» (2 Co 1, 5).

PARA QUE O MUNDO CREIA*NUM CORPUS DIVIDI POTEST?*

Ainda tenho diante dos meus olhos a celebração ecuménica de abertura da Porta Santa na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, na presença de personalidades eminentes de várias Igrejas e Comunidades eclesiais.

Vejo o Santo Padre ajoelhado no limiar da Porta Santa, junto do metropolitano ortodoxo Athanasios e do arcebispo de Cantuária George Carey. Vejo-os erguer o livro do Santo Evangelho para os quatro pontos cardeais da terra. Vejo-os trocar o gesto da paz.

E vem-me à memória o grito da multidão, composta por católicos, ortodoxos e protestantes, em Bucareste, em maio do ano passado, 1999, quando João Paulo II e o patriarca Teoctist trocaram entre si um cálice: «*Unitate, unitate*».

O caminho diligente rumo à plena comunhão visível dos cristãos é uma prioridade deste ano jubilar. Sabemos como é árduo e, ao mesmo tempo, como é urgente. Sabemos que só a conversão do coração, só uma intervenção especial do Espírito Santo, pode realizar este milagre. Por isso, gostaria de dedicar esta meditação ao ecumenismo.

O grito de Jesus

Quando vejo a divisão dos cristãos penso no Corpo de Cristo. «Pode um corpo estar dividido? Pode a Igreja, Corpo de Cristo, estar dividida?», é a pergunta que brotou, vibrante, do coração do Santo Padre em São Paulo Fora dos Muros, como um grito, um grito de súplica. Oiço nesta pergunta a preocupação de Paulo perante as divisões que havia na comunidade de Corinto: «*Está Cristo dividido?*» (1 Co 1, 13). E escuto nela o mesmo grito de Jesus na cruz.

«Pai, que eles sejam um, para que o mundo creia» (Jo 17, 21) fora a sua oração suprema. Vindo à terra, suscitara a Igreja como «povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (LG 4). Com o dom da Eucaristia fizera dela o seu Corpo. Com o envio do Espírito forjara o

instrumento para reunir todos os povos numa só família: «A Igreja é, em Cristo, como que um sacramento, isto é, sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano» (LG 1).

Mas, por causa de tristes acontecimentos da história e por fraqueza humana, aqueles que foram «batizados num só Espírito para formar um só corpo» (1 Co 12, 13) voltam a estar divididos. Chamados a ser «instrumento de unidade», já não estão unidos. Eis a chaga da Igreja, a chaga de Cristo! Como poderá penetrar a mensagem da Boa Nova? E, com estes pressupostos, como se poderá remendar a ruptura do secularismo e do ateísmo, que leva milhões de pessoas, em nações de antiga tradição cristã, a viver como se Deus não existisse?

Somos chamados — segundo a perspectiva do Concílio Vaticano II — a ser profecia e fermento de unidade no seio da humanidade. Mas como poderemos cumprir eficazmente esta nossa missão se já entre nós existem divisões? E como poderá avançar o projeto de Deus na história, a superação das terríveis desigualdades económicas que mergulham milhões de seres humanos na mais absoluta pobreza, a abolição da lógica do poder e do lucro, da qual nascem novas e devastadoras guerras? Como se podem recompor numa unidade as diferenças entre povos, culturas e religiões, se os cristãos, se a Igreja de Cristo, não é claramente modelo de unidade?

Oiço nestas perguntas o grito de Jesus: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?». E também: «Tenho sede». Tenho sede de ver circular livremente o meu Espírito, o Espírito do amor, entre todos os membros do Corpo; tenho sede de ver recompor-se num só o instrumento da unidade; tenho sede de ver o fruto da minha oferta: a Igreja una!

«*Unitate, unitate*», gritou o povo de Bucareste. E João Paulo II, em São Paulo Fora dos Muros, exclamou: «Obrigado por esta voz, por esta voz consoladora dos nossos irmãos e irmãs. Talvez também nós possamos sair desta basílica gritando como eles: “*Unidade, unidade; Unité; Unity*”».

Esperança contra toda a esperança

Disse um bispo com experiência neste campo: «No ecumenismo entra-se com muita esperança e permanece-se contra toda a esperança».

Quando, em 1994, João Paulo II, na *Tertio millennio adveniente*, formulou o desejo de que «diante do Grande Jubileu nos possamos apresentar, se não totalmente unidos, pelo menos muito mais próximos de superar as divisões do segundo milénio» (n. 34), as perspectivas do ecumenismo, humanamente falando, não eram as melhores. Precisamente nesses anos surgiram novos obstáculos no caminho para a plena comunhão visível dos cristãos. E difundiu-se um certo pessimismo. Mas a unidade é obra do Espírito Santo.

De Max Thurian, que durante muitos anos trabalhou no Conselho Ecuménico das Igrejas, conta-se que, num momento difícil, respondeu a quem o convidava a não desanimar: «Desanimar, nunca! É preciso continuar, cada um no seu lugar, com seriedade e fidelidade. E talvez, quando menos se espera, abre-se um vau por onde a história dá um salto qualitativo».

Alguns acontecimentos verificados precisamente no limiar do ano jubilar fazem-nos esperar um salto de qualidade assim.

Quando, a 31 de outubro de 1999, entre a alegria do povo e a comoção dos responsáveis, foi assinada em Augsburg a Declaração conjunta católico-luterana sobre a doutrina da justificação, muitos dos presentes tiveram expressões como esta: «Pareceu-me que o Espírito Santo pairava sobre esta Assembleia e que o peso da divisão se aliviava; uma felicidade nunca experimentada!».

Também com as Igrejas do Oriente se deram passos significativos. Após a sua inesquecível viagem à Roménia, João Paulo II pôde, em novembro, visitar a Igreja ortodoxa irmã na Geórgia. E no início de dezembro, em Belém, as Igrejas presentes na Terra Santa abriram juntas o Grande Jubileu com uma participação nunca vista.

Poucos dias depois, o estudo da figura de João Hus, promovido pelas Igrejas da República Checa, culminou num congresso na Pontifícia Universidade Lateranense: importante etapa de purificação da memória, que trouxe ainda mais esperança para a plena reconciliação dos cristãos daquele país.

Depois, o histórico encontro na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, no qual se registou a presença mais numerosa, depois do Vaticano II, de representantes de diferentes Igrejas de todo o mundo. O metropolitano Athanasios comentou depois: «Todos devemos repetir este gesto: realizar a conversão do coração» [44]. E o arcebispo Carey declarou: «Isto encorajou-me muito a continuar» [45].

Poucos dias antes destes exercícios, acompanhámos ainda cheios de admiração a visita do Santo Padre ao Egito. Que testemunho para toda a cristandade e para o mundo foi aquele «Santidade, amamo-lo» do Papa Shenouda III, e a resposta de João Paulo II: «Desejo corresponder dizendo: “Também nós vos amamos”» [46]!

E, por fim, a corajosa confissão das culpas contra a unidade do Corpo de Cristo por parte do Santo Padre, no primeiro domingo da Quaresma deste ano jubilar, que teve tão grande eco em todo o mundo!

O sacrifício da unidade

Na causa do ecumenismo — recorda-nos insistentemente João Paulo II — «não há tempo a perder». «No início de um novo século e de um novo milénio, que lançam enormes desafios à família humana... este testemunho comum é mais importante do que nunca» [47].

E, no entanto, segundo a medida humana, o caminho para a plena comunhão visível de todos os batizados ainda parece longo.

Recordo um episódio que me contou o prior de Taizé, Roger Schutz. Tinha ido visitar Constantinopla. «Quando já nos tínhamos despedido — disse-me —, o patriarca Atenágoras, inesperadamente, aproximou-se de novo de mim. Significando com as mãos erguidas um cálice, com uns olhos que brilhavam como fogo e com um tom de voz que comovia, disse-me: Eis a unidade!».

E recordo a recente presença, aqui em Roma, do arcebispo Carey. «Cada vez que visito as catacumbas — confidenciou-me — sinto-me próximo dos apóstolos, sinto reviver a Igreja primitiva». E exprimiu a sua grande estima por João Paulo II e a sua saudade da plena comunhão.

Mas onde olhar para alcançar esta meta tão elevada e aparentemente tão difícil?

O grande desafio da unidade das Igrejas leva-nos a enraizar ainda mais nas insondáveis profundezas do mistério pascal.

Jesus, que no momento do abandono parecia ter perdido a unidade com o Pai e com os homens, é imagem da divisão que existe entre as Igrejas. Descobrimo na chaga das divisões o seu rosto e amando-O apaixonadamente nesta triste situação, podemos encontrar a força para não fugir ao sofrimento nem às dificuldades que marcam o caminho para a plena comunhão. Unidos a Ele na cruz encontramos a força para as enfrentar.

Passando com Ele pela Porta Santa da cruz podemos encontrar também o caminho para curar as feridas do seu Corpo. Precisamente no momento em que experimentou a separação mais abissal, gerou a Igreja. E colocando-nos junto d'Ele, com imenso amor, na chaga da divisão, também nós podemos tornar-nos instrumentos de unidade. Na sua *kénosis* por amor, Ele ensina-nos o caminho para a *énosis*: na sua descida radical e no seu despojamento interior de toda a riqueza, mostra-nos o estilo e a medida do amor que conduz à unidade.

Na comunhão com Ele está o caminho — para superar toda a autossuficiência e acolher-nos uns aos outros, — para voltar a abrir portas que podem parecer fechadas para sempre, — para reconhecer as nossas culpas e perdoarmo-nos mutuamente, — para nos amarmos com aquela caridade que «tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta» (1 Co 13, 7).

«A aspiração à unidade — disse João Paulo II a 18 de janeiro de 2000, na Basílica de São Paulo, referindo-se à conclusão da encíclica *Ut unum sint* (n. 102) — caminha a par com uma profunda capacidade de “sacrifício”». E explicou: «Dispor-se ao sacrifício da unidade significa mudar o nosso olhar, alargar o nosso horizonte, saber reconhecer a ação do Espírito Santo, que atua nos nossos irmãos, descobrir novos rostos de santidade, abrir-nos a aspetos inéditos do compromisso cristão» [48].

Conversão do coração

Quero dar graças ao Senhor, juntamente com toda a Igreja, pelo grande dom da unidade que nos vem de Jesus crucificado. E, com todos, quero colocar-me a seguir os seus passos, disposto a realizar a conversão do coração na qual se apoia o «verdadeiro ecumenismo» [49].

Impressionaram-me muito estas palavras do grande patriarca Atenágoras:

«É preciso desarmar-se.
Eu fiz esta guerra. Durante anos e anos.
Foi terrível. Mas agora estou desarmado.
Já não tenho medo de nada, porque “o amor expulsa o medo”.
Estou desarmado da vontade de prevalecer,
de me justificar à custa dos outros.
Já não estou em alerta
zelosamente agarrado às minhas riquezas.
Acolho e partilho.
Não me importam especialmente as minhas ideias, os meus projetos.
Se me propõem outros melhores, aceito-os de bom grado.
Isto é: não melhores, mas bons.
Sabeis, renunciei ao comparativo...
O que é bom, verdadeiro, real, esteja onde estiver, é o melhor para mim.
Por isso já não tenho medo.
Quando já não se possui nada, já não se tem medo.
«Quem nos separará do amor de Cristo?» [...].
Mas se nos desarmarmos, se nos despojarmos,
se nos abirmos ao Deus-homem que faz novas todas as coisas,
então é Ele quem apaga o passado mau
e nos devolve um tempo novo onde tudo é possível» [50].

Um tempo novo: o tempo da unidade. Um tempo em que Cristo crucificado verá o fruto pleno da sua oferta. Um tempo em que poderemos dizer a quem pensa que Ele ainda está sepultado sob as divisões dos cristãos: «Não está aqui, ressuscitou!» (Mt 28, 6).

MÁRTIRES DE HOJE*SEMEN CHRISTIANORUM*<

João Paulo II convidou-nos, para este Grande Jubileu, a abrir os olhos perante os «novos mártires». Um século como aquele que termina, em que houve tanto bem-estar, tanto apego à vida, tanto medo de a perder, foi também o século do martírio cristão. Os mártires estiveram entre nós. Mais ainda, são a força da Igreja do século XX e do novo século.

No entanto, temos de alargar o nosso olhar a esta realidade da história da Igreja para a contemplar: o martírio.

A herança dos mártires

Eu próprio vivi na prisão o sofrimento da Igreja. Sentia o tempo passar, dia após dia, sem ver o fim. Perguntava-me como o profeta Isaías: «Sentinela, que há da noite? Sentinela, que há da noite?» (Is 21, 11). Começava então a compreender melhor o significado do martírio. Não o cruento, que era uma possibilidade diante de mim, mas o martírio como uma vida que não se impõe limites — nem sequer o da sua conservação — por amor a Deus, por fidelidade à unidade e à comunhão da Igreja, por serviço ao Evangelho.

O cristão não despreza a vida: recordava na prisão os dias felizes do meu serviço pastoral como sacerdote e como bispo, pensava nos católicos das dioceses onde tinha estado, nos meus irmãos no ministério, nos meus amigos, nos meus parentes. Que alegria teria sido voltar a vê-los!

E, no entanto, a minha fé não podia ser vendida. Não podia ceder a nenhum preço, nem sequer ao de uma vida feliz. Parecia-me compreender um pouco melhor o martírio: não pôr limites ao amor pelo Senhor, nem sequer o limite tão natural da própria salvação, da própria vida, da própria felicidade. E, nesses momentos, pensava em tantos cristãos presos, a sofrer, deportados. Pensava naqueles que sofrem grandes dores. Recordava as palavras da Carta aos Hebreus: «Ainda não resististes até ao sangue na vossa luta contra o pecado» (12, 4).

Sentíamo-nos em comunhão com muitas testemunhas: «Também nós, rodeados de tão grande nuvem de testemunhas, rejeitemos todo o peso e o pecado que nos envolve, e corramos com perseverança a corrida que nos é proposta, com os olhos fixos em Jesus, autor e consumador da fé» (Hb 12, 1-2).

Pensava nas perseguições, nas mortes, nos martírios que tiveram lugar durante 350 anos no Vietname e deram à Igreja tantos mártires desconhecidos: cerca de 150.000.

Eu próprio creio que a minha vocação sacerdotal esteve misteriosa, mas realmente, ligada ao sangue desses mártires do Vietname, que no século XX tombaram enquanto anunciavam o Evangelho e permaneciam fiéis à unidade da Igreja, apesar das ameaças de morte e da violência.

Recordo o testemunho do meu bisavô paterno. Contava-me frequentemente que os membros da sua família tinham sido separados à força e colocados sob a guarda de várias famílias não cristãs para lhes fazer perder a fé, enquanto o seu pai fora preso. Assim, o meu bisavô, quando tinha 15 anos, percorria diariamente 30 km a pé para levar ao pai um pouco de arroz e sal, que retirava daquilo que recebia da família com quem vivia e trabalhava. Saía às 3 da manhã para regressar a tempo do trabalho.

Do lado do meu avô materno há um facto ainda mais dramático: em 1885 toda a paróquia foi queimada viva na igreja, exceto ele, que nessa altura era estudante na Malásia.

Penso que a fidelidade da Igreja vietnamita se explica pelo sangue desses mártires. As vocações sacerdotais e religiosas que enriquecem a Igreja do Vietname nascem da graça da provação. Os mártires ensinaram-nos a dizer sim: um sim sem condições nem limites ao amor pelo Senhor. Mas ensinaram-nos também a dizer não às lisonjas, aos compromissos, à injustiça, mesmo que isso servisse para salvar a vida ou gozar de alguma tranquilidade.

É uma herança. E uma herança deve ser sempre acolhida. Não é automática nem natural. Pode ser rejeitada. A herança dos mártires: não se trata de heroísmo, mas de fidelidade. A fidelidade amadurece dirigindo o

olhar para Jesus, modelo de vida cristã, modelo de toda a testemunha, modelo de todo o mártir.

Jesus, modelo e causa de todo o martírio

Na prisão escrevia: «Olha para a cruz e encontrarás a solução para todos os problemas que te preocupam» [51]. Os mártires olharam para Ele...

Todos podemos vê-lo no momento do seu martírio, só, abandonado, crucificado. O povo comenta assim o fim daquele Mestre da Galileia: «Salvou os outros; salve-se a si mesmo, se é o Cristo de Deus, o Eleito» (Lc 23, 35). Ele, que tinha feito tantos milagres, curas, ressurreições e dado tantos ensinamentos... por que não se salva a si mesmo? Os soldados troçavam dele: «Se és o rei dos judeus, salva-te!» (Lc 23, 37). No Evangelho de Mateus, os escribas e os sumos sacerdotes comentam: «Salvou os outros e não pode salvar-se a si mesmo. É o rei de Israel: desça agora da cruz e acreditaremos nele. Confiou em Deus; que Ele o livre agora, se o ama verdadeiramente» (Mt 27, 42-43).

Jesus não se salvou a si mesmo: «Jesus, para se salvar, podia sair de Jerusalém e refugiar-se noutro lugar. Assim poderia escapar à conjura que estava para acontecer. Podia partir, tomar o caminho que vai de Jerusalém a Jericó, onde tinha situado o encontro com o bom samaritano... Fugindo de Jerusalém, talvez se tivesse salvado. Mas não o faz. Não o fez... Permanece e oferece a sua vida, sem procurar salvar-se a si mesmo» [52].

Os mártires, certamente, olharam para Ele. Não escutaram a ironia nem os conselhos dos que os rodeavam: «Salva-te a ti mesmo!». Jesus é o modelo de muitos mártires: «O qual, em vez da alegria que tinha diante de si, suportou a cruz, desprezando a ignomínia, e está sentado à direita do trono de Deus» (Hb 12, 2).

Não sabemos quantos olharam para Ele na solidão das prisões, nas últimas horas depois da sentença de morte, nas longas noites de espera de uma mão assassina iminente, no frio dos campos de concentração, na dor e no cansaço de marchas insensatas. Não sabemos quantos ergueram os olhos para Ele e conformaram a sua vida ao seu martírio. Muitos, mais do que pensamos. Acontecia o que está escrito na Carta aos Hebreus: «Considerai

atentamente Aquele que suportou tal oposição por parte dos pecadores, para não vos deixardes abater, perdendo o ânimo» (12, 3).

Muitos pensaram n'Ele e não desanimaram. Encontraram uma força que surpreendeu os verdugos, que os consideravam vencidos, como um objeto frágil nas suas mãos. Diz a Carta aos Hebreus: «Encontraram força na sua fraqueza» (cf. 11, 34). Imaginemos o espanto dos verdugos diante desta força que vinha de corpos vencidos e de existências encarceradas!

Uma multidão imensa na Igreja de hoje

Não são histórias antigas, já passadas! Não são apenas as histórias de Inácio de Antioquia, que dizia: «É belo morrer para o mundo por amor do Senhor e ressuscitar com Ele».

É preciso saber reconhecer a visão do Apocalipse na história do século XX: «...Olhei e vi uma multidão imensa, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, de pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos com túnicas brancas e com palmas nas mãos, e clamavam com voz forte: “A salvação pertence ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro”» (Ap 7, 9-10). Quem são eles? O ancião disse: «São aqueles que vêm da grande tribulação; lavaram as suas vestes e branquearam-nas no sangue do Cordeiro» (Ap 7, 14). São aqueles que não renunciaram a amar para salvar a sua vida. São aqueles que acreditaram que a salvação pertence ao nosso Deus.

É preciso abrir os olhos e ler esta visão no nosso tempo: ver-se-á uma multidão de mártires. Os novos mártires do século XX. Não são apenas alguns. Não são raras exceções, mas uma multidão imensa que não é fácil contar. Centenas de milhares de homens e mulheres. Não nos chegaram muitos testemunhos sobre eles. Outros foram cuidadosamente guardados nos arquivos dos verdugos. O nome de outros foi manchado, acrescentando a ignomínia ao martírio... São uma «multidão imensa que ninguém pode contar».

Pertencem a várias nações, falam línguas diferentes, têm traços diversos. Muitos povos, muitas Igrejas, muitas comunidades sofreram. João Paulo II escreveu na *Tertio millennio adveniente*: «No final do segundo

milénio, a Igreja voltou a ser novamente Igreja de mártires. As perseguições de crentes — sacerdotes, religiosos e leigos — deram origem a uma grande sementeira de mártires em várias partes do mundo. O testemunho dado a Cristo até à efusão do sangue tornou-se património comum de católicos, ortodoxos, anglicanos e protestantes...» (n. 37).

Meditando sobre o martirologio do século XX, algumas palavras da Sagrada Escritura parecem-me colunas que sustentam este glorioso monumento:

Sine me nihil potestis facere (Jo 15, 5).

Omnia possum in eo qui me confortat (Flp 4, 13).

Non ego autem, sed gratia Dei mecum (1 Co 15, 10).

Mártires da caridade

Quero fazer memória do «reino dos infelizes», como o definiu uma deportada do campo de concentração das Ilhas Solovki, na Rússia.

Um detido recorda uma imagem de amor naquele inferno:

«Unidos no esforço, trabalham juntos um bispo católico ainda jovem e um velhinho frágil e magro de barba branca, um bispo ortodoxo, avançado em idade mas forte de espírito, que empurrava com energia a carga... Aquele de nós que um dia tiver a sorte de regressar ao mundo terá de dar testemunho do que vemos aqui agora. E o que vemos é o renascimento da fé pura e autêntica dos primeiros cristãos, a união das Igrejas na pessoa dos bispos católicos e ortodoxos que participam unanimemente no trabalho, uma união no amor e na humildade» [53].

Isto acontecia nas Ilhas Solovki, alma mater dos campos de concentração soviéticos. João Paulo II disse: «O ecumenismo dos santos e dos mártires é talvez o mais convincente. A comunhão dos santos fala com mais força do que os elementos de divisão» [54].

Entre os mártires do comunismo soviético, mal conseguimos reconhecer alguns rostos. Só Deus conhece o nome de muitos deles. O metropolitano

ortodoxo de São Petersburgo, Benjamim, martirizado em 1922 após um processo baseado em falsas acusações, escreveu antes de ser executado:

«Os tempos mudaram e surgiu a possibilidade de sofrer por amor de Cristo penalidades vindas tanto dos nossos como dos estranhos. Sofrer é duro, pesado, mas, à medida dos nossos sofrimentos, superabunda a consolação divina. É difícil atravessar... este limiar e entregar-se totalmente à vontade de Deus. Mas, quando isso acontece, o homem enche-se de consolação e já não sente os terríveis sofrimentos...» [55].

Os terríveis tormentos não venceram as numerosas testemunhas dos campos de concentração do nazismo. Ali viveu-se o amor, como mostra São Maximiliano Kolbe, patrono do difícil século XX, que não considerou a sua sobrevivência como o valor supremo da sua vida: «O amor é forte como a morte» (Ct 8, 6). A desumanidade do sistema dos campos de concentração, esse terrível mundo submerso, escola de ódio e de aniquilação da pessoa, não sufocou o amor forte até ao martírio. Prossegue o Cântico dos Cânticos: «As águas caudalosas não podem apagar o amor, nem os rios submergi-lo» (Ct 8, 7).

Uma multidão de mártires que falavam uma língua diferente da população do país onde morreram: os missionários não abandonaram as suas comunidades no momento do perigo e tombaram enquanto outros estrangeiros partiam. Mártires missionários: o medo não apagou o amor. Mártires do amor. Em 1995, seis Irmãos Pobres de Bérgamo morreram na epidemia de Ébola no Congo por contágio. As religiosas, que estavam no terreno, quiseram permanecer para cuidar dos doentes. Outras irmãs chegaram para as ajudar. Todas morreram. A uma delas, a irmã Dinarosa Belleri, perguntaram: «Não tem medo, estando sempre rodeada de doentes?». A sua resposta foi: «A minha missão é servir os pobres. O que fez o meu fundador? Estou aqui para seguir os seus passos... O Pai eterno ajudar-me-á». São mártires do amor: para os cristãos, proteger a própria vida não é um valor absoluto quando tem de ser pago com o preço de se separar dos necessitados. O amor aos pobres é mais importante do que salvar-se a si mesmo.

Mártires da fé. O bispo arménio católico de Mardin, Mons. Maloyan, homem de paz, injustamente acusado, foi preso e deportado com um grupo

de cristãos. Propuseram-lhe renunciar à fé para se salvar. Respondeu: «Nós morreremos, mas morreremos por Jesus». Morreu mártir com os seus fiéis em 1915.

Mártires do ódio étnico. Em Buta, no seminário, num Burundi devastado pelas guerras étnicas, 40 seminaristas hutus e tutsis foram massacrados juntos, a 30 de abril de 1996, por guerrilheiros hutus. Tinham-nos convidado a separar-se entre hutus e tutsis; os primeiros salvariam a vida, mas não quiseram separar-se dos seus companheiros e todos foram mortos juntos.

Não podemos descrever os prodígios da graça em tantos irmãos nossos cujo sofrimento só Deus conhece. Irmãos e irmãs, não vos esquecemos!

Testemunhas da Páscoa de Cristo

Quantos mártires! Uma multidão de mártires: mártires da pureza, mártires da justiça, mártires crianças, mulheres e homens mártires, povos mártires. É um grande fresco que se estende diante dos nossos olhos: de uma humanidade cristã, mansa, humilde, não violenta, que resiste ao mal, frágil e ao mesmo tempo forte na fé, que amou e acreditou para além da morte. Esta humanidade martirizada é a esperança para o século que estamos a começar a viver.

É uma herança para nós, cristãos do século XXI, que devemos abraçar e escolher. É uma herança a acolher na vida de cada dia, nas pequenas e grandes dificuldades, no despojamento de toda a agressividade, de todo o ódio, de toda a violência. A herança dos mártires aceita-se todos os dias numa vida cheia de amor, de mansidão, de fidelidade. Escrevia Isaac o Sírio: «Deixa-te perseguir, mas não persigas. Deixa-te crucificar, mas não crucifiques. Deixa-te ultrajar, mas não ultrajes» [56].

Parece-me ouvir uma pergunta dirigida a todos nós nesta Quaresma e nesta Páscoa do Grande Jubileu: queremos abraçar a herança destes mártires sob o sinal da cruz e da Ressurreição?

«Vi o meu pai subir ao Céu»

Este é o título de um pequeno livro que recebeu o prémio UNESCO. O autor, um russo que vive em Paris, narra nele, com palavras comoventes, a vida do seu pai: um sacerdote ortodoxo, piedoso e pastor apaixonado, que enfrentou inúmeros sacrifícios no meio da perseguição. Um dia, durante a guerra, foi preso por usar um par de botas que um dos seus filhos, soldado, lhe tinha oferecido [56].

Foi condenado à morte porque a lei proibia aos civis usar calçado militar. Na realidade, era um pretexto, atrás do qual se escondia como verdadeiro motivo a sua atividade religiosa.

Reunido todo o povo num campo à volta do pastor, um capitão proclamou a sentença. Como única resposta, o sacerdote ajoelhou-se para rezar. E todo o povo se ajoelhou com ele e rezava em voz alta. «Fogo», ordenou o capitão, mas os soldados permaneceram imóveis. «Fogo», gritou de novo, mas ninguém disparava. Derrotado, o capitão deixou o sacerdote regressar a casa com o seu povo, a cavalo.

Alguns meses depois, enquanto se encontrava em viagem pastoral, este sacerdote ortodoxo «desapareceu» e nunca mais se soube nada dele. Todos compreenderam qual tinha sido o seu destino. E assim o povo disse que tinha ido para o Céu com o seu cavalo.

*O Crux, ave spes unica,
mundi salus et gloria!* [57]

REZAR SEMPRE*IN ORATIONE DEI*

Depois da minha libertação, muitas pessoas disseram-me: «Padre, deve ter tido muito tempo para rezar na prisão». Não é tão simples como poderia parecer. O Senhor permitiu-me experimentar toda a minha fraqueza, a minha fragilidade física e mental. O tempo passa lentamente na prisão, sobretudo durante o isolamento. Imaginai uma semana, um mês, dois meses de silêncio... São tremendamente longos, mas quando se transformam em anos tornam-se uma eternidade. Há dias em que, esgotado pelo cansaço e pela doença, não consigo sequer recitar uma oração.

Mas é verdade: pode aprender-se muito sobre a oração, sobre o verdadeiro espírito de oração, precisamente quando se sofre por não conseguir rezar, por causa da fraqueza física, da impossibilidade de concentração, da aridez espiritual, com a sensação de estar abandonado por Deus e tão longe d'Ele que não se Lhe pode dirigir a palavra.

E talvez seja precisamente nesses momentos que se descobre a essência da oração e se compreende como viver aquele mandamento de Jesus que diz: «É preciso rezar sempre» (Lc 18, 1).

Desde os Padres do deserto até ao Peregrino russo, desde os monges do Ocidente aos do Oriente, houve uma preocupação fundamental, uma busca apaixonada: poder pôr em prática uma oração contínua e perseverante. «Esta é a cume da perfeição — diz Cassiano —: que toda a nossa vida e todo o movimento do nosso coração sejam uma única e ininterrupta oração» [58].

Uma oração simples

Gosto de rezar com as orações litúrgicas, os salmos, os cânticos. Gosto muito do canto gregoriano, que em grande parte recordo de memória. Graças à formação no seminário, estes cantos litúrgicos entraram profundamente no meu coração. Depois, as orações na minha língua materna, que toda a família recita todas as noites na capela doméstica, tão comoventes, que recordam a primeira infância. Sobretudo as três Avé-

Marias e o *Memorare*, que a minha mãe me ensinou a recitar de manhã e à noite.

Gosto da oração de Francisco de Assis, que passa toda a noite na neve repetindo: «Meu Deus e meu tudo!», e da oração de Dom Marmion, abade de Maredsous: *Deus meus, misericordia mea!*

Entre os meios que mantêm vivo o espírito de oração estão os brevíssimos impulsos para o céu, as jaculatórias, que nada no mundo pode impedir ou deter, porque são inspirações da alma, batimentos do coração.

Olho para Jesus como modelo de oração.

A sua é uma oração sincera e simples, dirigida ao Pai. Houve ocasiões em que a sua oração foi longa, sem fórmulas fixas, como a oração sacerdotal após a Ceia: ardente e espontânea.

Mas muitas vezes Jesus, a Virgem, os apóstolos utilizam orações breves, mas muito belas, ligadas à vida quotidiana. Eu, que sou fraco e morno, amo estas breves orações diante do sacrário, no meu escritório, na rua, estando sozinho. Quanto mais as repito, mais penetram em mim:

«Eis a serva do Senhor» (Lc 1, 38).

«Magnificat...» (Lc 1, 38)

«Não têm vinho» (Jo 2, 3).

«Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem» (Lc 23, 34).

«Lembra-te de mim quando entrares no teu Reino» (Lc 23, 42). «Nas tuas mãos entrego o meu espírito» (Lc 23, 46). «Senhor, que queres que eu faça?» (At 22, 10). «Senhor, tu sabes tudo. Tu sabes que te amo» (Jo 21, 17). «Senhor, tem misericórdia de mim, que sou um pobre pecador» (Lc 18, 13).

«Eis o teu filho; eis a tua mãe» (cf. Jo 19, 26-27). Todas estas breves orações, unidas umas às outras, formam uma vida de oração. Como uma cadeia de gestos discretos, de olhares, de palavras íntimas, formam uma vida de amor. Mantêm-nos num ambiente de oração sem nos afastarem da tarefa presente, antes ajudando-nos a santificar cada coisa.

Em estado de oração

Mas o que pode ajudar, na vida quotidiana, na rotina normal de trabalho e de relações, a manter-se num estado de oração, de união com Deus?

Impressionou-me, ao ler os Padres do deserto — para os quais a solidão é uma *conditio sine qua non* de uma oração contínua —, um episódio pouco conhecido, mas muito significativo.

Diz-se que um dia o grande António teve uma revelação surpreendente: «Na cidade há alguém semelhante a ti; é médico de profissão, dá o que lhe sobra aos necessitados e todo o dia canta o *trisaghion* com os anjos» [59]. Como podia este médico desconhecido de Tebas praticar uma forma tão elevada de oração? Talvez a chave nos seja dada por Agostinho quando afirma: «O teu desejo é a tua oração; se o desejo é contínuo, também a oração o é» [60].

Para Agostinho, o seu *desiderium* identifica-se com a *caritas*, e a *caritas* conduz a fazer o bem, de modo que outra forma de tornar contínua a oração consiste em fazer o bem, no *bene agere*.

«Quem poderá repetir com a língua todo o dia os louvores de Deus? [...] Quem pode perseverar em louvar a Deus todo o dia? Dou-te um meio para louvar a Deus todo o dia, se quiseres. Tudo o que fizeres, fá-lo bem, e deste glória a Deus» [61].

Ser oração

A última etapa da oração contínua, segundo os autores espirituais, é quando não só se reza sempre, mas se é oração. Isaac de Nínive descreve assim quem vive desta forma:

«Quer coma, beba, durma ou faça qualquer outra coisa, mesmo no sono mais profundo, o perfume da oração eleva-se sem esforço no seu coração. [...] Os movimentos do coração e do intelecto purificado são as vozes cheias de doçura com que tais homens não cessam de cantar em segredo ao Deus escondido» [62].

Um moderno especialista em espiritualidade sintetizou em poucas palavras toda a tradição e o sentir atual sobre a oração, dizendo:

«O verdadeiro caminho da oração é a vida [...]. Uma oração contínua é uma vida completamente entregue ao serviço de Deus. Esta é a única maneira de rezar sempre. A oração é contínua quando o amor é contínuo. O amor é contínuo quando é único e total» [63].

Se a nossa vida se torna «um único ato de amor desdobrado no tempo», se reflete, momento a momento, a vida do Senhor Jesus, então pode compreender-se esta afirmação simples e concisa de Chiara Lubich: «Que fazer para rezar sempre? Ser Jesus. Jesus reza sempre».

Esta breve fórmula encerra toda a essência da oração, na qual é o próprio Jesus que — como diz Santo Agostinho — *orat pro nobis ut sacerdos noster; orat in nobis ut caput nostrum; oratur a nobis ut Deus noster* — «reza por nós como nosso sacerdote; reza em nós como nossa cabeça; é rezado por nós como nosso Deus» [64].

Na impossibilidade de rezar

Houve longos períodos da minha vida em que sofri por não conseguir rezar. Experimentei o abismo da minha fraqueza física e mental. Mais de uma vez gritei como Jesus na cruz: «Meu Deus, porque me abandonaste?».

Mas Deus não me abandonou.

Na prisão, entre os guardas, alguns aprenderam latim para poder ler os documentos eclesiásticos. Um dia, um deles perguntou-me:

- Pode ensinar-me um cântico latino?
- Sim, mas há muitos, todos muito belos.
- O senhor cante, eu escuto e escolherei.

Cantei o *Ave maris stella, Salve Mater, Veni Creator...* E ele escolheu o *Veni Creator*.

Nunca teria imaginado que um polícia ateu aprenderia de cor todo este hino, e menos ainda que começasse a cantá-lo todas as manhãs por volta das sete, quando descia a escada de madeira para fazer ginástica e tomar banho no jardim. Cantava-o por partes e acompanhava-o com vários movimentos: *Veni Creator Spiritus, mentes tuorum visita...* E terminava no seu quarto, já vestido, com as últimas palavras: *in saeculorum saecula. Amen.*

Ao princípio fiquei muito surpreendido com isto, mas pouco a pouco dei-me conta de que era o Espírito Santo que se servia de um polícia comunista para ajudar um bispo preso a rezar quando estava tão fraco e deprimido que não conseguia fazê-lo. Só um polícia podia cantar em voz alta o *Veni Creator*. Eu não podia fazê-lo, porque isso teria significado dar a entender a outras pessoas que naquela cela havia um sacerdote.

Quando me é impossível rezar, recorro à Virgem dizendo: «Mãe, Tu vês que estou no limite extremo e não consigo recitar nenhuma oração. Direi então apenas Ave Maria com todo o meu afeto. Pondo tudo nas Tuas mãos, repetirei: Ave Maria. Peço-Te que distribuas esta oração por todos os necessitados da Igreja, da minha diocese...».

Para me colocar em estado de oração, ajuda-me procurar ser uma Ave Maria viva.

Outra forma que me ajudou a rezar é o Pai-nosso.

Quando, estando fraco e sem forças, não conseguia sequer rezar, pensava na oração do Senhor com uma fórmula abreviada, muito concisa:

Para o Pai: o teu nome, o teu reino, a tua vontade.

Para a humanidade: o nosso pão, as nossas ofensas, a nossa tentação.

Não se pode imaginar a força que as orações da liturgia infundem na alma.

Quando, estando na prisão, me sentia abatido, cantava o hino das vésperas dos mártires (*Sanctorum meritis*) e, de cada vez, recebia como que

uma poderosa injeção do Espírito Santo que me devolvia a força:

*Ceduntur gladiis more bidentium
non murmur resonant non querimonia,
sed corde impavido mens bene
conscia conservant patientiam* [65].

O Testamento de Jesus

Uma última forma de rezar como bispo na prisão era mergulhar no Testamento de Jesus: nas suas últimas palavras, nas suas últimas ações.

«Que nos deixou Jesus antes de subir ao Céu?», perguntava-me.

E a resposta era: «Deixou-nos a sua palavra; o seu corpo; a sua mãe; a sua Igreja; o seu sacerdócio; a sua paz».

No seu amor infinito (*in finem dilexit* — «amou até ao extremo»), *Ele tinha-nos deixado tudo*.

E uma onda de felicidade invadia-me.

«Que nos prometeu Jesus?», perguntava-me então. E recordava o que Ele promete aos seus antes de subir para o Pai: que estará connosco todos os dias até ao fim do mundo (cf. Mt 28, 20); que nos enviará o Espírito Santo (cf. Jo 14, 16.26); que o Pai nos ama (cf. Jo 16, 27); que podemos obter tudo se rezarmos em seu nome (cf. Jo 14, 13); que Ele estará no meio de nós onde dois ou três estiverem reunidos em seu nome (cf. Mt 18, 20).

«Que pede Jesus à sua Igreja?», perguntava-me também.

E constatava: Jesus quer deixar uma Igreja pobre: Ele, que não tem casa onde celebrar a última Ceia e que oferece o supremo sacrifício na cruz despojado das suas vestes.

Jesus quer deixar uma Igreja de serviço: Ele, que lava os pés aos seus discípulos.

Jesus quer deixar uma Igreja mariana, quando, desde a cruz, confia Maria a João e derrama sobre eles o Espírito.

Jesus quer deixar uma Igreja missionária, quando envia os apóstolos como suas testemunhas até aos confins da terra.

Jesus quer deixar uma Igreja que enfrente corajosamente os desafios do mundo, quando reza: «Não Te peço que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno» (Jo 17, 15).

Por fim, perguntava-me: «Qual é o maior mandamento que nos deixa?». E a resposta era: o amor até à unidade.

O Testamento de Jesus é o tesouro inesgotável que alimentou a minha vida espiritual para conservar a esperança nas provas do desespero, da solidão, da doença, no mar, na montanha, na prisão.

Vigiai e orai

Permiti-me, irmãos, que conclua esta meditação com uma oração:

Pela oração vivo em Ti, Senhor.

A minha alma está em Ti, como a criança no seio da sua mãe, unido o seu sopro ao dela,

um coração que bate ao ritmo do outro...

Senhor Jesus, Tu és o meu modelo.

O Evangelho mostra-Te em oração uma noite inteira no monte. Rezavas antes de realizar um milagre, antes de escolher os apóstolos, durante a Ceia...

Rezavas enquanto da tua fronte corria suor de sangue no horto de Getsémani, enquanto agonizavas na cruz.

Rezavas com a Palavra de Deus...

A tua existência era uma oração contínua.

Voltado para o Pai, com um coração amoroso, entregue ao serviço da sua glória:

«Santificado seja o teu nome, venha o teu reino».

Esperavas com ardor que chegasse a tua hora

para realizar o sacrifício do amor.

Tu disseste:

«Eu e o Pai somos um»... «Rezai sem cessar».

«Faço sempre o que agrada ao meu Pai».

Assim me fazes compreender que a oração incessante é comunhão com o Pai e que, na prática, rezar consiste sempre em fazer a vontade do Pai sob a ação do Espírito Santo.

O POVO DA ESPERANÇA

CONCORPÓREOS E CONSANGUÍNEOS COM CRISTO

CARO MEA PRO MUNDI VITA

O ano Dois Mil — lemos na *Tertio millennio adveniente* — «será um ano intensamente eucarístico; no sacramento da Eucaristia, o Salvador, que se encarnou no seio de Maria há vinte séculos, continua a oferecer-*Se* à humanidade como fonte de vida divina» [66]. E nós preparamo-nos para fazer de Roma a *statio Orbis com a celebração do Congresso Eucarístico Internacional*.

O alimento das testemunhas

Quando em 1975 me levaram para a prisão, abriu-se caminho dentro de mim uma pergunta angustiante: «Poderei continuar a celebrar a Eucaristia?». Foi a mesma pergunta que mais tarde me fizeram os fiéis. Mal me viram, perguntaram: «Conseguiu celebrar a santa Missa?».

No momento em que tudo começou a faltar, a Eucaristia ocupava o lugar mais alto dos nossos pensamentos: o pão da vida. «Se alguém comer deste pão, viverá eternamente; e o pão que Eu hei de dar é a minha carne pela vida do mundo» (Jo 6, 51).

Quantas vezes me recordei da frase dos mártires de Abitene (séc. IV), que diziam: *Sine Dominico non possumus!* — «*Não podemos viver sem a celebração da Eucaristia!*» [67].

Em todos os tempos, e especialmente em tempos de perseguição, a Eucaristia foi o segredo da vida dos cristãos: o alimento das testemunhas, o pão da esperança.

Eusébio de Cesareia recorda que os cristãos não deixavam de celebrar a Eucaristia nem sequer no meio das perseguições: «Todo o lugar onde se sofria era para nós um lugar de celebração..., fosse um campo, um deserto, um navio, uma hospedaria, uma prisão...» [68]. O martirólogo do século XX está cheio de relatos comoventes de celebrações clandestinas da

Eucaristia em campos de concentração. Porque sem a Eucaristia não podemos viver a vida de Deus!

«Fazei isto em memória de Mim»

Na Última Ceia, Jesus vive o momento culminante da sua experiência terrena: a entrega máxima no amor ao Pai e a nós, expressa no seu sacrifício, que antecipa no corpo entregue e no sangue derramado.

Ele deixa-nos o memorial desse momento culminante, não de outro, por mais esplêndido e extraordinário que seja, como a transfiguração ou algum dos seus milagres. Ou seja, deixa na Igreja o memorial-presença desse momento supremo de amor e de dor na cruz, que o Pai torna perene e glorioso com a ressurreição. Para viver d’Ele, para viver e morrer como Ele.

Jesus quer que a Igreja faça memória d’Ele e viva os seus sentimentos e as suas consequências através da sua presença viva. «Fazei isto em memória de Mim» (cf. 1 Co 11, 25).

Volto à minha experiência. Quando fui preso, tive de partir imediatamente, de mãos vazias. No dia seguinte permitiram-me escrever aos meus para pedir o mais necessário: roupa, pasta de dentes... Escrevi-lhes: «Por favor, enviem-me um pouco de vinho como remédio para as dores de estômago». Os fiéis compreenderam imediatamente.

Enviaram-me uma pequena garrafa de vinho de missa, com a etiqueta: «remédio para as dores de estômago», e hóstias escondidas numa tocha contra a humidade.

A polícia perguntou-me:

— Dói-lhe o estômago?

— Sim.

— Aqui tem um remédio para si.

Nunca poderei exprimir a minha grande alegria: diariamente, com três gotas de vinho e uma gota de água na palma da mão, celebrava a Missa.

Este era o meu altar e esta era a minha catedral! Era a verdadeira medicina da alma e do corpo: «remédio de imortalidade, antídoto para não morrer, mas para viver para sempre em Jesus Cristo», como diz Inácio de Antioquia [69].

A cada passo tinha ocasião de estender os braços e cravar-me na cruz com Jesus, de beber com Ele o cálice mais amargo. Cada dia, ao pronunciar as palavras da consagração, confirmava com todo o coração e com toda a alma uma nova aliança, uma aliança eterna entre Jesus e mim, mediante o seu sangue misturado com o meu. Foram as missas mais belas da minha vida!

Quem me come viverá por Mim

Assim me alimentei durante anos com o pão da vida e o cálice da salvação.

Sabemos que o aspeto sacramental do alimento que nutre e da bebida que fortalece sugere a vida que Cristo nos dá e a transformação que Ele realiza: «O efeito próprio da Eucaristia é a transformação do homem em Cristo» [70], afirmam os Padres. Diz Leão Magno: «A participação no corpo e no sangue de Cristo não faz outra coisa senão transformar-nos naquilo que recebemos» [71]. Agostinho põe estas palavras nos lábios de Jesus: «Não serás tu a transformar-me em ti, como o alimento do teu corpo, mas serás transformado em Mim» [72]. Pela Eucaristia tornamo-nos — como diz Cirilo de Jerusalém — «concorpóreos e consanguíneos com Cristo» [73]. Jesus vive em nós e nós n'Ele, numa espécie de «simbiose» e de mútua imanência: Ele vive em mim, permanece em mim, atua através de mim.

A Eucaristia no campo de reeducação

Assim, na prisão, sentia bater no meu coração o coração de Cristo. Sentia que a minha vida era a sua vida, e a sua era a minha.

A Eucaristia tornou-se para mim e para os outros cristãos uma presença escondida e encorajadora no meio de todas as dificuldades. Jesus na

Eucaristia era adorado clandestinamente pelos cristãos que viviam comigo, como tantas vezes aconteceu nos campos de concentração do século XX.

No campo de reeducação estávamos divididos em grupos de 50 pessoas; dormíamos numa cama comum; cada um tinha direito a 50 cm. Organizámo-nos para que houvesse cinco católicos comigo. Às 21h30 tinha de se apagar a luz e todos tinham de se deitar. Nesse momento, encolhia-me na cama para celebrar a Missa, de memória, e distribuía a comunhão passando a mão por baixo da rede mosquiteira. Chegámos mesmo a fabricar pequenas bolsas com o papel dos maços de cigarros para conservar o Santíssimo Sacramento e levá-lo aos outros. Jesus Eucaristia estava sempre comigo no bolso da camisa.

Uma vez por semana havia uma sessão de doutrinação em que todo o campo tinha de participar. Durante a pausa, eu e os meus companheiros católicos aproveitávamos para passar um pequeno saco a cada um dos outros quatro grupos de prisioneiros: todos sabiam que Jesus estava no meio deles [69].

À noite, os prisioneiros revezavam-se em turnos de adoração. Jesus eucarístico ajudava de um modo inimaginável com a sua presença silenciosa: muitos cristãos voltavam ao fervor da fé. O seu testemunho de serviço e de amor produzia um impacto cada vez maior nos outros prisioneiros. Budistas e outros não cristãos chegavam à fé. A força do amor de Jesus era irresistível.

Assim, a escuridão da prisão tornou-se luz pascal, e a semente germinou debaixo da terra, durante a tempestade. A prisão transformou-se numa escola de catequese. Os católicos batizavam os seus companheiros; eram seus padrinhos.

No total, foram presos cerca de 300 sacerdotes. A sua presença em vários campos foi providencial, não só para os católicos, mas também ocasião para um prolongado diálogo inter-religioso que criou compreensão e amizade com todos.

Assim Jesus tornou-se — como dizia Santa Teresa de Jesus — o verdadeiro «companheiro nosso no Santíssimo Sacramento» [74].

Um só pão, um só corpo

E Jesus fez-nos ser Igreja.

«Porque há um só pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, pois todos participamos do mesmo pão» (1 Co 10, 17). Eis a Eucaristia que faz a Igreja: o corpo eucarístico que nos faz Corpo de Cristo. Ou, com a imagem joanina: todos nós somos uma única videira, com a seiva vital do Espírito que circula em cada um e em todos (cf. Jo 15).

Sim, a Eucaristia faz-nos um em Cristo. Cirilo de Alexandria recorda: «Para nos fundir na unidade com Deus e entre nós, e para nos unir uns aos outros, o Filho unigénito... inventou um meio admirável: por meio de um só corpo, o seu próprio corpo, santifica os fiéis na comunhão mística, tornando-os concorpóreos com Ele e entre si» [75].

Somos uma só coisa: esse «um» que se realiza na participação na Eucaristia. O Ressuscitado faz-nos «um» com Ele e com o Pai no Espírito. Na unidade realizada pela Eucaristia e vivida no amor recíproco, Cristo pode tomar nas suas mãos o destino dos homens e conduzi-los ao seu verdadeiro fim: um só Pai e todos irmãos.

Pai nosso, pão nosso

Se tomarmos consciência do que realiza a Eucaristia, ela leva-nos imediatamente a unir as duas palavras da oração do Senhor: «Pai nosso» e «pão nosso». Disso dá testemunho a Igreja das origens: «Eram assíduos... na fração do pão», narram os Atos dos Apóstolos (2, 42). E indicam o seu reflexo imediato: «A multidão dos crentes tinha um só coração e uma só alma. Ninguém considerava seus os bens que possuía, mas tudo entre eles era comum» (At 4, 32).

Se Eucaristia e comunhão são duas faces inseparáveis da mesma realidade, esta comunhão não pode ser apenas espiritual. Somos chamados a oferecer ao mundo o testemunho de comunidades onde se tenha em comum não só a fé, mas onde se partilhem verdadeiramente alegrias e sofrimentos, bens e necessidades espirituais e materiais.

O ministério que exerço na Cúria Romana, ao serviço da justiça e da paz, torna-me particularmente sensível a esta exigência. É urgente testemunhar que o corpo de Cristo é verdadeiramente «carne para a vida do mundo».

Todos sabemos como, nos dois séculos que acabaram de passar, muitas pessoas que sentiam a exigência de uma verdadeira justiça social, não encontrando no âmbito cristão um testemunho claro e forte, recorreram a falsas esperanças. E todos nós assistimos a verdadeiras tragédias, seja ouvindo falar delas, seja pagando pessoalmente o seu preço.

Nos nossos dias, o problema social não diminuiu de modo algum. Infelizmente, grande parte da população mundial continua a viver na mais desumana miséria. Caminha-se para a globalização em todos os campos, mas isso pode agravar mais do que resolver os problemas. Falta um verdadeiro princípio unificador, que una valorizando — e não massificando — as pessoas. Falta o princípio da comunhão e da fraternidade universal: Cristo, pão eucarístico que nos faz um n'Ele e nos ensina a viver segundo um estilo eucarístico de comunhão.

Nós, cristãos, somos chamados a dar este contributo essencial. Os cristãos dos primeiros séculos compreenderam-no muito bem. Lemos na *Didaché*: «*Se sois participantes nos bens imortais, quanto mais nos bens corruptíveis!*» [76]. João Crisóstomo exorta a reconhecer a presença de Cristo no irmão quando celebramos a Eucaristia: «Aquele que disse: “Isto é o meu corpo”... e que garantiu com a sua palavra a verdade destas coisas, disse também: aquilo que deixastes de fazer ao mais pequeno, a mim o deixastes de fazer» [77]. Consciente disto, Agostinho tinha construído em Hipona uma *domus caritatis junto da sua catedral*. E São Basílio tinha criado uma cidade da caridade em Cesareia. Afirma o *Catecismo da Igreja Católica*: «A Eucaristia implica um compromisso em favor dos pobres: para receber na verdade o Corpo e o Sangue de Cristo entregues por nós, devemos reconhecer Cristo nos mais pobres, seus irmãos (cf. Mt 25, 40)» [78].

Mas a função social da Eucaristia vai mais além. É necessário que a Igreja que celebra a Eucaristia seja também capaz de transformar as estruturas injustas deste mundo em formas novas de convivência, em

sistemas económicos onde prevaleça o sentido da comunhão e não o do lucro.

Paulo VI formulou este admirável programa: «Fazer da missa uma escola de profundidade espiritual e uma serena, mas empenhada, palestra de sociologia cristã» [79].

Jesus, Pão da vida, impele-nos a trabalhar para que não falte o pão de que muitos ainda necessitam: o pão da justiça e da paz, onde a guerra ameaça e não são respeitados os direitos do homem, da família, dos povos; o pão da verdadeira liberdade, onde não existe uma justa liberdade religiosa para professar abertamente a própria fé; o pão da fraternidade, onde não se reconhece nem se realiza o sentido da comunhão universal na paz e na concórdia; o pão da unidade entre os cristãos, ainda divididos, em caminho para partilhar o mesmo pão e o mesmo cálice.

Uma grande hóstia

Concluo formulando um sonho.

Sonho com a Santa Sé, com todos os seus organismos, como uma grande hóstia, um único pão oferecido em sacrifício espiritual, dentro da Igreja como grande Cenáculo, com Maria, a Mãe do Corpo de Cristo, e com Pedro, que exerce o seu ministério de unidade ao serviço de todos. E todos nós, com eles, como grãos de trigo que se deixam moer pelas exigências da comunhão, para formar um só corpo, plenamente solidários e plenamente entregues, como pão de vida para o mundo, como sinal de esperança para a humanidade.

Um só pão, um só corpo. *O res mirabilis! ...Nec laudare sufficis! — Ó coisa admirável! Não basta louvá-la!*

CONVOSCO TODOS OS DIAS*IESUS VIVENS IN ECCLESIA SUA*

Dilexit Ecclesiam, «amou a Igreja». Assim está escrito, com letras grandes, no túmulo do fundador de um dos Movimentos eclesiais do nosso tempo [80]. Mesmo em momentos difíceis, mesmo quando foi provado pelos responsáveis, este homem soube ver na Igreja a Esposa e o Corpo de Cristo. E por isso a amou.

Sabemos que muitos dos nossos contemporâneos dizem: «Cristo, sim; a Igreja, não». Não veem o vínculo entre Jesus e a Igreja. Não se dão conta da sua presença nela. E, no entanto, que é, que quer ser a Igreja, senão aquela que manifesta o rosto do Senhor no meio do mundo?

Vem-nos à mente o Cura d’Ars, pastor humilde e muito simples. Chamado a dar o seu testemunho sobre ele, um camponês disse: «Vi Deus num homem».

Vem-nos ao pensamento a Madre Teresa de Calcutá e a multidão que, no dia do seu funeral, acompanhava os seus restos mortais. Cristãos, hindus e muçulmanos, todos reconheceram nela o fascínio de Jesus.

São preciosíssimos estes grandes testemunhos da presença de Cristo! E devemos dar graças ao Senhor por eles. Mas, no nosso tempo, tão complexo e tão necessitado de salvação, urge que em toda a Igreja se veja Cristo, que toda ela irradie a sua presença.

João Paulo II, com os recentes Sínodos continentais, quis sublinhar esta urgência. Como um *leitmotiv*, em todas essas Assembleias sinodais repetia-se a mesma ideia: *Cristo vivo, Iesus vivens in Ecclesia sua*.

Como está presente Jesus na Igreja?

Bebendo na tradição secular da Igreja, o Concílio Vaticano II pôs em relevo várias formas da presença de Cristo:

- Jesus está presente na Igreja de modo especial nas ações litúrgicas, na pessoa do ministro e, sobretudo, sob as espécies eucarísticas.

- Jesus está presente com a sua força nos sacramentos.

- Jesus está presente na sua Palavra [81].

- Jesus está presente quando a Igreja exerce as obras de misericórdia; está presente nos pobres, nos doentes, nos prisioneiros (cf. Mt 25, 31-46).

- Jesus está presente «na vida daqueles que, embora participem da nossa natureza humana, são transformados mais perfeitamente na imagem de Cristo (cf. 2 Cor 3, 18). Neles é Ele próprio quem nos fala e nos mostra o sinal do seu Reino» [82].

- Jesus está presente numa comunidade cristã que vive no amor (cf. At 2, 42-48; 4, 32-35).

Jesus está presente. E, no entanto, muitas vezes parece como se não estivesse. Para muitos dos nossos contemporâneos, e também para não poucos cristãos, sucede o que viveram os dois discípulos de Emaús: «Caminhava com eles, mas os seus olhos estavam impedidos de o reconhecer» (Lc 24, 15-16). «Caminhava pelo caminho como um companheiro de viagem – escreve santo Agostinho –, ou melhor, era Ele quem os guiava. Portanto, viam-no, mas não eram capazes de o reconhecer. Os seus olhos – assim o entendemos – estavam impedidos de o reconhecer. Estavam impedidos não de o ver, mas de o reconhecer» [83].

«Estou no meio deles»

São Mateus refere esta promessa de Jesus: «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt 18, 20).

Aqui não devemos pensar apenas na assembleia litúrgica, mas em toda a situação em que dois ou mais cristãos estão unidos no Espírito, na caridade de Jesus. E também não devemos pensar apenas na simples omnipresença de Cristo ressuscitado em todo o cosmos.

Escreve um exegeta dos nossos dias: «Mateus pensa numa presença “personalizada”. Jesus está presente como crucificado ressuscitado, isto é, na abertura de doação total vivida na cruz, onde Ele, com toda a sua humanidade, se abre à ação divinizante do Pai e se entrega totalmente a nós, comunicando-nos o seu Espírito, o Espírito Santo. A presença do Ressuscitado não é, portanto, uma presença estática, um estar-aqui e nada mais, mas uma presença relacional, uma presença que reúne e unifica e que, por conseguinte, espera a nossa resposta, a fé. Em suma, a proximidade de Cristo reúne os “filhos de Deus dispersos” para fazer deles a Igreja» [84].

Desde a Aliança selada no Sinai com Israel, Javé revela-se como Aquele que intervém eficazmente na história. Ele libertou os hebreus da escravidão do Egito, fez deles o seu povo. «Eu estou no meio de vós» é a palavra que já identifica a primeira Aliança: uma presença que protege, guia, consola e corrige...

Com a vinda do Novo Testamento, esta presença adquire uma densidade nova e especial. Na ressurreição de Jesus, a promessa da presença definitiva de Deus, isto é, a promessa da Aliança definitiva, encontra o seu cumprimento.

Na comunidade cristã, o Emanuel, o Deus-connosco, é «o salvador do seu Corpo», a Igreja (cf. Ef 5, 23). Presente no meio dos seus, Ele convoca e reúne não só Israel, mas toda a humanidade (cf. Mt 28, 19-20). Viver com Jesus «no meio», segundo a promessa de Mt 18, 20, significa tornar atual desde já o desígnio de Deus sobre toda a história da humanidade.

Uma resposta: na fraternidade vivida

Mas como tornar visível a presença permanente do Ressuscitado?

Quando, após a queda do muro de Berlim, se reuniu a Primeira Assembleia especial do Sínodo dos Bispos para a Europa e se interrogou sobre a nova evangelização do continente, um religioso húngaro sublinhou que a única Bíblia que os chamados «afastados» leem é a vida dos cristãos. E poderíamos acrescentar: somos nós, é a nossa vida, a única Eucaristia de que se alimenta o mundo não cristão.

Pela graça do batismo, e especialmente pela Eucaristia, estamos enxertados em Cristo, mas é na fraternidade vivida que a presença de Jesus na Igreja se manifesta e se torna operante na existência quotidiana.

No silêncio, dois ou três crentes podem testemunhar, no amor recíproco, aquilo que constitui a sua identidade profunda: ser Igreja na atenção aos mais frágeis, na correção fraterna, na oração em unidade, no perdão sem limites. São Paulo diz: «Vivei no amor, como Cristo nos amou e se entregou por nós como oblação e sacrifício de agradável odor» (Ef 5, 2).

Encontramos esta orientação no chamado «mandamento missionário do quarto Evangelho»: «Nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13, 35). Onde há amor recíproco, aí se vê Cristo. E a medida do amor recíproco é: «Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos» (Jo 15, 13).

Com razão, o *Instrumentum laboris da recente Segunda Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Europa afirma*: «Se a Eucaristia é a maior presença do Senhor ressuscitado, o amor recíproco vivido com radicalidade evangélica é a presença mais transparente, a que mais interpela e leva a crer» (n. 45). *Ubi caritas est vera, Deus ibi est, diz o antigo hino.*

Células vivas por toda a parte

No meu país, antes da *perestroika (Đổi mới)*, em cada uma das duas dioceses de Langson e Bac Ninh, no Vietname do Norte, restavam apenas dois sacerdotes que não podiam sair livremente da sua residência. Conta o cardeal José Trinh Nhu Khue: «Pequenos grupos de duas ou mais pessoas viviam o Evangelho na vida quotidiana e ajudavam-se de todas as maneiras; e, no dom recíproco, experimentavam a presença d'Aquele que disse: “Coragem!: Eu venci o mundo” (Jo 16, 33)».

A Igreja no meu país sobreviveu, sobretudo, graças a estes pequenos grupos que experimentavam e testemunhavam, na vida de cada dia, a presença de Cristo. Por toda a parte, de facto, podia sentir-se esta presença de Cristo: entre dois cristãos que se encontravam no mercado ou entre dois homens que trabalhavam lado a lado no campo de reeducação. Não era

necessário falar. Não era necessário um contexto especial. Bastava unir-se «em seu nome», isto é, no seu amor. E experimentava-se a presença do Ressuscitado, que iluminava e confortava.

Na presença de Cristo no meio de nós encontrávamos a esperança: essa esperança que «não engana» (cf. Rm 5, 5). E, graças a ela, irradiávamos o Evangelho à nossa volta. Precisamente quando tudo parecia desmoronar-se, Jesus voltou a caminhar pelas ruas do nosso país. Saiu dos sacrários e fez-se presente nas escolas e nas fábricas, nos escritórios e nas prisões.

O que nos distingue

Iesus vivens in Ecclesia sua. E surge uma pergunta: não é esta uma grande luz, especialmente para nós, que vivemos e trabalhamos na Cúria Romana? Não se encontra aqui aquilo que, mais do que tudo, pode dispor os corações a escutar-nos e a amar-nos? Sem o testemunho do amor recíproco, sem a presença viva de Cristo entre nós — não só nas nossas igrejas e capelas, mas também nos nossos gabinetes — o nosso trabalho seria como o de uma empresa.

No Vaticano somos cerca de 3.500 colaboradores. O que nos distingue de um qualquer organismo de governo? As funções religiosas? O facto de nos ocuparmos das coisas da Igreja? E o que pode dar verdadeira incidência à nossa ação no mundo? «Nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros»!

Certamente, esta presença viva de Cristo na reciprocidade do amor exige uma grande pureza e nobreza de intenções.

Adverte São João Crisóstomo: «Que dizer então? Não há dois ou três reunidos em seu nome? Sim, mas raramente. De facto, [Jesus] não fala simplesmente de uma reunião [material] [...]. O que Ele quer dizer é isto: se alguém me tem como motivo principal do seu amor ao próximo, Eu estarei com ele [...]. Hoje, porém, vemos que a maior parte dos homens tem outros motivos para a amizade: um ama porque é amado; outro, porque foi honrado; outro, porque alguém lhe foi útil [...]. Mas é difícil encontrar alguém que ame por Cristo, como se deve amar o próximo [...]. Quem ama assim [...], mesmo sendo odiado, insultado, ameaçado de morte, continua a

amar [...], porque assim amou Cristo os seus inimigos [...] com o maior amor» [85].

E é também São João Crisóstomo quem nos apresenta o exemplo de Pedro e João segundo o relato de Atos 3, 1: «Procura aprender quão grande era a sua caridade, a sua concórdia e o seu acordo: como tudo partilhavam e tudo faziam unidos pelo vínculo da amizade segundo Deus, e como apareciam juntos para comer, na oração, caminhando e em todas as outras ações». «Pedro e João — conclui — eram assim (estavam unidos) e *Iesum in medio habebant*. *Compreendes quão importante é estar unido?*» [86].

O que mais vale

A vocação cristã é viver a unidade.

A comunidade cristã unida no amor recíproco é o lugar atual onde Jesus se torna visível.

A novidade cristã manifesta-se onde dois ou três, unidos, gozam da presença de Cristo ressuscitado.

Caríssimos irmãos: peçamos a graça de que este jubileu nos revista de um amor novo, de uma renovada concórdia e amizade e de uma grande longanimidade, para que resplandeça no meio de nós a presença de Cristo!

«Se estamos unidos, Jesus está entre nós. E isto vale. Vale mais do que qualquer outro tesouro que o nosso coração possa possuir: mais do que a mãe, o pai, os irmãos, os filhos. Vale mais do que a casa, o trabalho, a propriedade; mais do que as obras de arte de uma grande cidade como Roma. Jesus no meio vale mais do que os magníficos monumentos, do que os suntuosos mausoléus, do que todo o esplendor do Vaticano: mais do que a nossa própria alma».

Há muitos anos, o Santo Padre Paulo VI, num colóquio com Chiara Lubich, viu precisamente nisto a verdadeira riqueza da Igreja [87].

A TUA ESPERANÇA É A IGREJA*IMAGO TRINITATIS*

Talvez em nenhum lugar como aqui, em Roma, possamos tomar consciência da catolicidade da Igreja, do seu mistério de comunhão.

Neste momento vejo dilatar-se os espaços desta capela e sinto palpitar a Igreja nos pontos mais diversos da terra. Sinto-a viver em torno dos sacrários de aldeias perdidas da Amazónia e da África equatorial, onde, ao redor de Jesus Eucaristia, vive o seu Corpo místico. Sinto-a palpitar no coração das grandes metrópoles dos Estados Unidos e da Europa: bastam poucos fiéis unidos na fé e no amor mútuo para tornar presente e viva a Igreja.

Sinto um amor apaixonado cada vez que contemplo a Igreja. Quero partilhar convosco este amor.

Não estamos aqui no coração da Igreja, onde Pedro estabeleceu a sua sede, precisamente para a amar mais e para estar ao seu serviço?

«Somos filhos da Igreja»

Nós amamos esta Igreja, da qual nos sentimos membros vivos. Gostaríamos de repetir, do fundo do coração, como Teresa de Jesus: «Somos filhos da Igreja» [88].

Amamos a Igreja porque «nos enxertou — Mãe puríssima — na sua família, abrindo-nos as portas do verdadeiro Paraíso através dos sacerdotes e dos sacramentos.

Ela formou-nos como soldados de Cristo.

Ela perdoou-nos e apagou setenta vezes sete os nossos pecados.

Ela alimentou-nos com o Corpo de Jesus; selou divinamente o amor do nosso pai e da nossa mãe. Ela elevou a uma dignidade altíssima pobres

homens como nós e investiu-os do sacerdócio. Ela, finalmente, nos dará a última despedida: a Deus. Dar-nos-á Deus.

Se o nosso coração não lhe canta, é um órgão mudo. Se a nossa mente não a vê e não a admira, é cega e obscura. Se a nossa boca não fala dela, é melhor que fique sem palavra» [89].

A beleza da Igreja primitiva

No isolamento da minha prisão pensei muitas vezes nos Atos dos Apóstolos, esse «Evangelho do Espírito Santo» que me dava um grande impulso para estar em comunhão com toda a Igreja.

Os que tinham chegado à fé — narram os Atos — «perseveravam no ensino dos apóstolos, na comunhão, na fração do pão e nas orações ... tinham tudo em comum» (At 2, 42-47).

À luz deste testemunho, na Igreja primitiva podemos distinguir três aspetos da comunhão eclesial:

1. a adesão fiel aos apóstolos e ao seu ensinamento;
2. a participação na *koinonía* (comunhão) das três Pessoas divinas;
3. a comunhão fraterna que dela deriva. Dedicemos uma palavra a cada uma destas três dimensões.

1. A Igreja é comunhão porque é adesão aos apóstolos e ao seu ensinamento

Como testemunhas da encarnação, morte e ressurreição de Jesus, os apóstolos são intermediários indispensáveis entre Cristo e os fiéis. Certamente, cada um pode ter também uma relação direta com Cristo, mas isso exige, em todo o caso, o conhecimento prévio de Jesus, que passa pelo testemunho dos apóstolos e daqueles que continuam a sua obra.

Sem plena adesão aos apóstolos não é possível, portanto, a comunhão com Cristo, pelo menos não em sentido pleno e total. Por isso, os Atos falam de uma assiduidade no ensinamento dos apóstolos, insistindo muito

no anúncio da Palavra que, desde a origem da Igreja, se desenvolve segundo três tipos de ensinamento e de pregação, que ainda hoje existem: o *kerygma* ou a evangelização, a catequese ou ensinamento em sentido próprio e, por fim, a homilia, que está ligada à celebração litúrgica e mais particularmente à Eucaristia.

Numa palavra: sem «a obediência da fé», sem que o Espírito Santo «mova o coração, o dirija a Deus, abra os olhos do espírito e conceda a todos o gosto de aceitar e crer na verdade» (DV 5), não há comunhão eclesial no sentido do *et unam, sanctam, catholicam et apostolicam ecclesiam que confessamos no Credo*. No meu país experimentámos isto muitas vezes. A unidade com o ensinamento da Igreja era a nossa salvação.

2. A Igreja é comunhão porque participa na Vida das três Pessoas Divinas

Se os cristãos estão unidos entre si, não é simplesmente porque têm um mesmo pensamento, o de Jesus e o dos apóstolos, e nem sequer apenas porque têm «um só coração e uma só alma» (At 4, 32), mas sobretudo porque participam na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo (cf. Jo 17, 21-24), porque estão unidos a Cristo (cf. 1 Cor 10, 16, clara alusão à Eucaristia), porque partilham os sofrimentos de Cristo (cf. 1 Ped 4, 13) e porque estão unidos no Espírito (cf. 2 Cor 13, 13).

O Concílio Vaticano II ajudou-nos a tomar mais consciência da Igreja como mistério de comunhão. Como sublinhou a *Relatio finalis do Sínodo extraordinário de 1985, a realidade da comunhão constitui a ideia central e fundamental da eclesiologia do Vaticano II. Para falar da Igreja-comunhão, o ensinamento conciliar vai diretamente à fonte: a Igreja é comunhão e é unidade porque é — como dizia São Cipriano — «um povo reunido em virtude da unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (LG 4). A Igreja é "Ecclesia de Trinitate", é seu ícone, imagem e participação; e tudo nela é reflexo da Trindade e encontra na comunhão trinitária o seu modelo.*

Está aqui a chave para interpretar e viver autenticamente todas as relações eclesiais. Sabemos que as três Pessoas divinas vivem na mais plena doação recíproca: uma com a outra, uma para a outra, uma na outra.

Vivendo o mandamento novo de Jesus, a Igreja vive segundo este modelo supremo.

Mas a natureza da Igreja-comunhão leva-nos a viver em relação «trinitária» também no plano social: não só amor mútuo entre as pessoas, mas entre o conjunto dos bispos, presbíteros e religiosos, entre as diversas ordens, entre os grupos e movimentos...; até amar a diocese do outro como a própria, o próprio dicastério como o do outro, o outro carisma como o próprio...; até implicar no amor recíproco toda a humanidade, até chegar a amar a pátria alheia como a própria, a cultura do outro como a própria...; até à realização da oração de Jesus: «Pai ... que todos sejam um como eu e tu somos um».

Infelizmente, de vez em quando falta esta plenitude de comunhão. E isso, em certo sentido, é pior do que a perseguição nazi ou comunista, já que se trata de um ataque à Igreja que provém, não do exterior, mas do interior. Onde falta a comunhão, no seio da Igreja aumentam as células cancerosas. Basta ver como, numa diocese em que não há comunhão entre os sacerdotes, o bispo se vê obrigado a perder mais tempo a resolver estes problemas internos do que pode dedicar a fazer projetos de evangelização e a enfrentar as dificuldades que vêm do exterior

3. A Igreja é comunhão fraterna de bens espirituais e materiais

Segundo o testemunho dos Atos, a comunhão dos cristãos — como já disse na meditação sobre a Eucaristia — deve chegar até uma certa partilha dos bens materiais. E isso não apenas dentro da comunidade, mas também entre as diferentes Igrejas. Os Atos mencionam a existência de outras comunidades: a de Jerusalém, na Judeia; as da Galileia, Samaria (9, 31), Damasco (9, 2-8.1925), Antioquia (11, 19-21). Desde as origens, a comunhão entre as Igrejas assume a forma de «coleta» para ajudar as mais pobres, como a de Jerusalém (cf. At 11, 29-30; 2 Cor 8, 1 - 9, 15). E manifesta-se também sob a forma de hospitalidade (cf., por exemplo, At 10, 6 e 48). Nestas expressões concretas, são Lucas vê uma vontade de partilha inspirada pelos vínculos espirituais profundos que unem os membros da comunidade primitiva.

Quero recordar aqui uma experiência que tive há muitos anos. Em 1954, Mons. Hans Daneels de Colônia foi enviado pela Conferência episcopal alemã para ajudar os refugiados do Vietname. Em 1957 fui visitá-lo à sua cidade. Ao ver ainda os efeitos devastadores da guerra, perguntei-lhe: «Porque nos ajudais, quando o vosso próprio país ainda está em fase de reconstrução?». «Isto é uma ajuda dos pobres aos mais pobres», respondeu-me. Compreendi qual é a verdadeira comunhão.

Comunhão e missão

A "Ecclesia de Trinitate" é, portanto, no seu interior, mistério de comunhão na concretização do espaço-tempo. Mas precisamente assim se torna instrumento para realizar o projeto de Deus sobre toda a criação: unificar tudo em Cristo e na unidade trinitária (cf. LG 1). «A comunhão gera comunhão e configura-se essencialmente como comunhão missionária», diz a Christifideles laici. E explica: «A comunhão e a missão estão profundamente unidas, compenetram-se e implicam-se mutuamente, a ponto da comunhão representar a fonte e ao mesmo tempo o fruto da missão; a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão» (n. 32).

Daqui nascem consequências imediatas para a evangelização.

«Nós — disse João Paulo II ao clero de Roma — devemos estar em comunhão muito profunda com Deus para levar por diante a sua missão de comunhão, a sua missão divina, trinitária. Devemos estar cada vez mais em comunhão entre nós, unidos entre nós, porque esta é a consequência da nossa semelhança — somos à imagem e semelhança de Deus —, da nossa vocação cristã. Isto é também um imperativo de estratégia evangélica, missionária, pastoral» [90].

Ao serviço da unidade da Igreja

Mas olhemos para nós nesta Igreja que é, ao mesmo tempo, comunhão e missão.

Como filhos da Igreja, somos chamados a ser também servidores da Igreja. Vivemos dela e vivemos para ela, dispostos a dar a vida por ela, como Paulo de Tarso, Inácio de Antioquia, Agostinho de Hipona e todos os

Padres da Igreja. Como filhos da Igreja, somos chamados a tornar-nos, como eles, pais e mães da Igreja. De que modo ser apóstolo, mártir, confessor, doutor? Teresa do Menino Jesus diz: «No coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o amor» [91], porque — são palavras suas — Jesus «não tem absolutamente necessidade das nossas obras, mas apenas do nosso amor» [92].

Nesta Igreja-comunhão, um modo típico nosso de ser o amor exprime-se no ministério da Cúria Romana. Trata-se de um serviço real, de uma *diakonía*, segundo o modelo do próprio Cristo, o qual — diz a Constituição *Pastor Bonus* — «não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos» (Mc 10, 45). É necessário compreender e exercer o poder na Igreja segundo as categorias do serviço (n. 2), de modo que «a comunhão se estabeleça cada vez mais, tenha vigor e continue a produzir os seus frutos admiráveis» (n. 1).

Um âmbito muito concreto no qual podemos exercer este nosso ministério típico de comunhão é, sem dúvida, o acolhimento dos bispos que fazem a visita *ad limina*. As visitas *ad limina*, lemos na *Pastor Bonus*, devem constituir «um momento especial daquela comunhão que decide tão profundamente da substância da Igreja» (n. 5).

E como não parar aqui e tomar consciência de que esta nossa *diakonía* requer, antes de mais, a comunhão entre nós? Também para nós, enquanto indivíduos e enquanto departamentos e dicastérios, o modelo é a Trindade. Como à Igreja inteira e, a fortiori, a nós, pede-se que vivamos uns com os outros, uns para os outros, uns nos outros. Então os bispos, que vêm de vários continentes, encontrarão uma «comunidade», um «cenáculo permanente».

«Pupilla oculi»

No seu livro *Dom e mistério*, João Paulo II conta como, sendo ainda jovem sacerdote, lhe tinham aconselhado vir à Cidade Eterna não só para estudar, mas para «aprender a própria Roma» [93]. No coração desta Roma está a Cúria Romana.

Durante estes anos recebi no meu dicastério não só diplomatas, mas também numerosos grupos de sacerdotes, seminaristas, leigos, adultos e jovens que vinham de longe e desejavam conhecer o trabalho da Cúria Romana. Mas não tive o mesmo contacto com os estudantes eclesiais que têm a sorte de poder formar-se na capital do cristianismo e que são a «pupila dos olhos» de Pedro e dos sucessores dos apóstolos. Estes, muitas vezes, não conhecem a Cúria senão pelos jornais. Como poderão amá-la no futuro e colaborar com ela se hoje não a conhecem de perto?

Pensando na formação de sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos no centro da Igreja universal, parece-me muito importante, ou melhor, essencial, que se encontre o modo de dar a todos a oportunidade de ter, durante a sua permanência, pelo menos uma vez, um contacto profundo com a Cúria Romana. Poderão obter o doutoramento noutras partes, mas não «a experiência romana».

Como um peixinho pode trazer a esperança

Quero concluir esta meditação com o relato de uma experiência muito simples, também do tempo do meu encarceramento.

É difícil imaginar com quanta ansiedade os nossos fiéis, nos anos de dura provação (a partir de 1958), desafiando o castigo ou a prisão, por se tratar de «propaganda estrangeira, reacionária», procuravam escutar a Rádio Vaticano para ouvir palpitar o coração da Igreja universal e permanecer unidos ao sucessor de Pedro.

Mais tarde fiz eu próprio essa experiência.

Estava em isolamento em Hanói quando, um dia, uma senhora da polícia me trouxe o peixinho que eu tinha de preparar. Assim que vi o embrulho, enchi-me de alegria, que, no entanto, tive o cuidado de não manifestar exteriormente. A alegria não era pelo peixe, mas pela folha que o envolvia: duas páginas de *L'Osservatore Romano*. Quando, naqueles anos, o jornal vaticano chegava aos correios de Hanói, era confiscado e vendido no mercado como papel. Aquelas duas páginas tinham sido usadas para embrulhar o peixinho. Com calma, sem que me vissem, lavei bem

aquelas folhas para lhes tirar o cheiro, sequei-as ao sol e guardei-as como uma relíquia

Para mim, em regime de isolamento, aquelas páginas eram um sinal de comunhão com Roma, com Pedro, com a Igreja, um abraço de Roma. Não teria podido sobreviver se não tivesse tido a consciência de fazer parte da Igreja.

Hoje vivemos num mundo que rejeita os valores da civilização da vida, do amor, da verdade; a nossa esperança é a Igreja, *Imago Trinitatis*

VIVER A COMUNHÃO*SICUT TU IN ME ET EGO IN TE*

«O Senhor Jesus — disse João Paulo II em 1995 a um numeroso grupo de bispos, entre os quais me encontrava — não chamou os discípulos a um seguimento individual, mas inseparavelmente pessoal e comunitário. E, se isto é verdade para todos os batizados, vale de modo especial para os apóstolos e seus sucessores» [94].

Estou convencido de que este novo milénio requer uma vida comunitária, marcadamente eclesial, e que isso diz respeito de modo especial àqueles que têm uma tarefa de responsabilidade na Igreja.

Nos alvares do monaquismo

Quero convidar-vos a regressar por um momento ao primeiro milénio.

«Foge dos homens e serás salvo», afirmou Apa Arsénio, anacoreta no deserto do Egito. E também: «Não posso estar ao mesmo tempo com Deus e com os homens» [95]. Perante um mundo frívolo e extravagante, retirar-se na solidão para estar com Deus parecia, naquela época, o único modo de seguir Jesus sem reservas. É uma convicção que marcou durante séculos a história da vida cristã. Afirma a *Imitação de Cristo*: «Os santos maiores evitavam, quando podiam, a companhia dos homens e preferiam servir a Deus na solidão. Disse um sábio: “Cada vez que fui entre os homens, voltei menos homem” [...]. Certamente, àquele que se afasta de amigos e conhecidos, aproxima-se Deus com os seus anjos» [96].

Certamente, nada pode igualar certos momentos em que a alma, deixando tudo para trás, se encontra pessoalmente mergulhada num profundo colóquio com Deus.

E, no entanto, bem cedo os Padres do deserto deram-se conta de que o Evangelho não pode ser vivido em plenitude senão juntos. Escreve Basílio Magno: «O nosso Criador quis que tivéssemos necessidade uns dos outros, para que vivamos em unidade uns com os outros [...]. De facto, se vives sozinho, a quem podes lavar os pés? De quem podes cuidar? Como podes

colocar-te no último lugar? [...] A vida comunitária é, pois, um estádio onde nos exercitamos como atletas, um ginásio que nos faz progredir, um exercício contínuo de perfeição nos mandamentos de Deus» [97].

Nasceram desta convicção os cenóbios para viver juntos o Evangelho e gozar permanentemente da presença de Cristo.

Um novo Pentecostes

Hoje, a meu ver, vivemos uma evolução análoga e maravilhosa. Sabemos que, nos últimos séculos, em que tanto se acentuou o valor do indivíduo, na vida espiritual se sublinhou fortemente a dimensão individual. Agora, há já algumas décadas, no povo de Deus volta a emergir vigorosamente a dimensão comunitária. É a Igreja que «desperta nas almas», como disse Romano Guardini. Sob o sopro do Espírito, abre-se diante de nós um novo caminho que se baseia na *koinonía: a comunhão!*

«Os mais velhos — escreveu há anos Karl Rahner — fomos espiritualmente individualistas, dada a nossa origem e a nossa formação». E sublinhava que, no futuro, uma espiritualidade vivida em conjunto teria uma função determinante. Para o confirmar, evocava a experiência do primeiro Pentecostes: «Um acontecimento — é de supor que não consistiu na reunião casual de uma soma de místicos individualistas, mas na experiência do Espírito feita pela comunidade» [98].

É necessário regressar com alegria ao estilo de vida cristã neste seu momento carismático mais elevado: Pentecostes. Doce mas firmemente, o Espírito convida-nos a viver a comunhão não apenas como um dom, mas como resposta e adesão da nossa parte; não só como participação espiritual no mistério unitrino de Deus, mas na concretização da comunhão interpessoal, de modo que se realize o novo Pentecostes da Igreja, que foi anunciado pelos últimos papas.

A unidade, um sinal dos tempos

Olhemos à nossa volta para captar ainda melhor esta exigência de uma vida efetiva de comunhão.

O mundo tende para a unidade. Muitos sinais o evidenciam.

Os organismos internacionais nascidos após a II Guerra Mundial como tentativa de organização planetária, a ciência e a técnica, os intercâmbios culturais e comerciais, a facilidade de viajar, as manifestações desportivas, os meios de comunicação social, até à atual explosão da Internet... são todos fatores que aproximam os povos e incrementam o encontro entre indivíduos e culturas. O mundo de hoje, de facto, nas suas estruturas políticas, económicas e sociais, aparece ligado por uma interdependência orgânica e profunda.

Infelizmente, muitas vezes esta tensão para a unidade, que hoje surge sob a forma da globalização, é guiada apenas por interesses gigantescos. E, enquanto por um lado se tecem grandiosos projetos de conjunto, por outro milhões e milhões de pessoas veem-se excluídas.

É como se da humanidade e das próprias Igrejas de hoje se elevasse um pedido, um grito que invoca uma globalização de outro tipo, guiada não pela lógica do lucro, mas pela lei do amor. É certamente o Espírito Santo que colocou no coração dos homens e das mulheres de hoje este anseio, e é Ele que impele a Igreja a tornar-se comunhão, de modo que saiba responder a esta ânsia da humanidade.

«O nosso tempo exige uma nova evangelização», disse o Papa no discurso aos bispos que citei no início. E precisou os seus pressupostos: «Um anúncio renovado do Evangelho não pode ser coerente nem eficaz se não for acompanhado por uma sólida espiritualidade de comunhão...» [99].

Como viver a comunhão no nosso tempo

Mas procuremos compreender: em que consiste a novidade de uma «sólida espiritualidade de comunhão»?

Penso que consiste em tomar consciência de que a comunhão fraterna, quando está fundada no Evangelho, é lugar privilegiado do encontro com Deus. Este é um dos temas fundamentais dos escritos joaninos: «A Deus ninguém jamais o viu — diz João —: se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor chegou em nós à perfeição» (1 Jo 4, 12).

Estou convencido de que, no nosso tempo, o Espírito Santo suscitou novos carismas espirituais comunitários aptos para realizar uma renovação da vida cristã neste sentido.

Há já alguns anos encontrei um texto que me impressionou muito como expressão desta nova visão inspirada na relação da comunhão trinitária:

«Deus, que está em mim, que plasmou a minha alma, que nela habita como Trindade (com os santos e com os anjos), está também no coração dos irmãos. Não é razoável que eu O ame apenas em mim. Assim, a minha cela (como diriam a Deus as almas íntimas) é o nós; o meu céu está em mim e, como em mim, na alma dos meus irmãos. [...].

Sim, é necessário viver sempre a vida interior, mesmo na presença do irmão, mas não fugindo da criatura, e sim acolhendo-a no próprio céu ou penetrando no seu» [100].

Eis a novidade: o irmão não é um obstáculo para a santidade, mas caminho para ela. Em vez de o evitar para encontrar a intimidade com Deus, trata-se de o procurar para criar com ele esse «espaço teologal no qual se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado» [101].

Dimensões concretas

Procuremos ilustrar, mediante três exemplos, o que implica esta tomada de consciência para a nossa vida.

1. Ascese no quotidiano

Do meu pai, que era construtor, aprendi que, para construir uma casa de betão armado, é necessário purificar bem todos os elementos: o ferro, a areia, a brita, o cimento. A resistência do edifício que se constrói depende deste trabalho de purificação que elimina todo o fator de contaminação.

Algo de semelhante vale para a comunhão entre nós.

Saber ir contra o próprio eu e mortificar-se é indispensável. Existem várias práticas para esse fim, como o jejum e outras. Mas a mais evangélica e, ao mesmo tempo, a mais acessível, possível em todo o momento, é a relação com o próximo: acolher o outro, estar sempre disponível, saber escutar, ter paciência, fazer-se tudo para todos, antepor os interesses do outro aos próprios é uma renúncia contínua ao próprio eu e coloca-nos em Deus.

Escrevi quando estava na prisão:

«A comunhão é um combate de todos os momentos.

A negligência de um só instante pode pulverizá-la; basta uma ninharia;

um único pensamento sem caridade,

um juízo mantido obstinadamente, um apego sentimental, uma orientação errada,

uma ambição ou um interesse pessoal,

uma ação realizada por si mesmo e não pelo Senhor. [...]

Ajuda-me, Senhor, a examinar-me assim: qual é o centro da minha vida: Tu ou eu? Se és Tu,

reunir-nos-ás na unidade. Mas, se vejo que à minha volta

pouco a pouco todos se afastam e se dispersam,

é sinal de que me coloquei a mim mesmo no centro» [102].

2. Uma oração substancial

Todos os mestres espirituais ensinam como rezar: é preciso preparar-se, recolher-se, saber ir em profundidade. E, no entanto, por vezes a nossa oração é árida. E as nossas celebrações correm o risco de se tornar um hábito piedoso ou pouco mais. Há uma palavra de Jesus que nos indica o caminho mestre: «Se, pois, ao apresentares a tua oferta no altar, te lembrares então de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti ... vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão» (Mt 5, 23-24).

Todos experimentámos que, depois de um encontro profundo com o próximo, depois de ter restabelecido talvez o pleno e cordial entendimento com as pessoas com quem vivemos ou trabalhamos, a oração brota espontaneamente do coração e a celebração da santa missa adquire uma densidade especial.

Sem comunhão entre nós, a oração não agrada a Deus. Com efeito, como poderia Ele, que é unidade, habitar na nossa alma, se nós estamos divididos?

3. Não só o silêncio, mas também a palavra e a partilha

Mas há outra expressão particularmente importante de uma vida espiritual vivida em comunhão. Na nossa formação aprendemos o valor do silêncio para escutar bem a voz de Deus no nosso coração. Mas a palavra não é menos essencial: dar aos outros, com simplicidade, a nossa experiência espiritual. Por vezes surpreende ver como, nos nossos ambientes de Igreja, falamos tão pouco da nossa experiência pessoal de Deus.

Segundo santo Inácio de Loyola, esta falta de comunicação é uma arma do diabo. Este, «vendo o servo do Senhor tão bom e tão humilde que, fazendo o que o Senhor manda, pensa que ainda tudo é inútil [...], põe-lhe no pensamento que, se alguma coisa encontra daquilo que Deus Nosso Senhor lhe deu, tanto em obras como em propósitos e desejos, peca por uma espécie de vanglória, porque fala em seu próprio favor. Assim procura que não fale das coisas boas recebidas do seu Senhor, para que não produza fruto nos outros, nem em si mesmo, tanto porque, recordando-se do que recebeu, sempre se ajuda para coisas maiores» [103].

São Lourenço Giustiniani escreve, por sua vez: «Nada no mundo dá mais glória a Deus e O revela mais digno de louvor do que o humilde e fraterno intercâmbio de dons espirituais; porque precisamente de tais dons a caridade tira força, a qual não pode florescer na solidão. [...] É [...] preceito do Senhor que exercitemos sempre esta virtude, mediante a palavra e a obra, para com os nossos irmãos. Por isso, se não querem ser transgressores da sua lei e julgados como almas que desprezam a salvação dos irmãos, todos aqueles que receberam graças do céu procurem, com toda a dedicação, encontrar o modo de dar aos outros os dons divinos que lhes foram comunicados, especialmente os dons que podem ajudá-los no caminho da perfeição» [104].

Construir a Igreja

O «castelo exterior»

E agora olhemos para a Escritura.

Não suscitou Jesus o novo povo de Deus comunicando aos seus discípulos todas as palavras do seu Pai?

E não contou Maria, porventura, a sua experiência mais íntima quando cantou o Magnificat?

E não edificou Paulo as suas comunidades comunicando tudo o que vivia? Dizia tudo o que era seu: a conversão, o caminho de apóstolo, até as experiências mais profundas, como o arrebatamento ao terceiro céu, a sua relação mística com Cristo, mas também as angústias que o atormentavam ao pensar que o seu povo não aceitava a revelação de Cristo, ou ainda as suas próprias fraquezas, as provações, o espinho na carne. Podemos dizer que ele comunicou aos outros a sua alma, a sua vida, e assim construiu a Igreja.

No meu país, dado que está proibido qualquer tipo de associação católica, o povo está totalmente concentrado em viver a Palavra de Deus. Como não há livros espirituais impressos, comunicam entre si os frutos de viver a Palavra. Têm apenas o Evangelho e a comunicação recíproca do que vivem. E, com esta redução ao essencial, a vida cristã floresce.

Em contrapartida, quando uma Conferência episcopal está dividida — como aconteceu em alguns países sob o regime comunista — perde credibilidade diante do povo. Disso me falaram, nos anos 70, alguns bispos da Europa centro-oriental. Tudo fica numa justaposição de bispos que vivem uns ao lado dos outros sem a comunhão que une Jesus ao Pai.

O «castelo interior»

Santa Teresa de Jesus, doutora da Igreja, fala de um «castelo interior» esplêndido e luminoso: é a alma habitada pela Santíssima Trindade; uma realidade que devemos descobrir dentro de nós, que ilumina toda a vida e conduz à perfeita união com Deus e ao serviço do próximo.

Nesta época da globalização, nesta hora da Igreja-comunhão, não chegou o momento — como alguém sugeriu — de descobrir, iluminar, edificar, além do castelo «interior», o «castelo exterior»? [105]. Isto é: a presença de Deus não só em nós, mas também entre nós. É o castelo de dois ou mais reunidos em nome do Senhor, castelo que nunca deve ser destruído, mas que deve ser continuamente reconstruído e conservado em toda a relação até ao esplendor de uma unidade perfeita.

Escrevia santo Agostinho: «Nós também formamos juntos a casa do Senhor, mas somente se estamos unidos mutuamente no amor» [106]. «Somos o seu templo, tanto coletivamente como individualmente. Ele deseja habitar na união de todas as pessoas e de cada pessoa» [107].

Sonho com a Igreja do terceiro milénio como Casa que guarda a presença do Deus vivo, como Cidade santa que desce do alto; não como um conjunto de pedras dispersas, mas como construção articulada e harmoniosa, que se torna compacta pela comunhão vivida. Sonho com esta Cidade, que guarda no seu centro o Cordeiro como fonte de luz para toda a humanidade

**RENOVAR EM NÓS
A ESPERANÇA**

NÃO TENHAIS MEDO*PUSILLUS GREX*

Na recente Assembleia especial do Sínodo dos Bispos para a Europa, os padres sinodais sublinharam várias vezes o facto de que a Igreja, em terras tradicionalmente cristãs, hoje se encontra em minoria. Foram postos em evidência o declínio das vocações sacerdotais e religiosas; a diminuição da prática religiosa; o confinamento da religião ao âmbito do privado, com a consequente dificuldade de influenciar os costumes e as instituições; o problema de transmitir a fé às novas gerações. Um bispo confidenciou-me que, noutro tempo, tinha 145 seminaristas, mas no ano passado entrou apenas um jovem no seminário. Outro disse-me: «Sou bispo há 7 anos. Ordenei 7 sacerdotes e enterrei 147».

Noutros lugares, graças a Deus, há vocações, mas a admissão no seminário é limitada pelo governo e só se admitem cinco seminaristas por diocese a cada dois anos. Há sítios onde os bispos têm de permanecer no cargo até aos 80 ou mesmo 90 anos, porque o governo não dá o seu *placet ao sucessor*. *Noutros países, devido a múltiplos problemas, os cristãos emigram para o Ocidente, de modo que terras cristãs desde o tempo dos apóstolos se tornam um «museu da época cristã».* *Noutros lugares, um só sacerdote, física e espiritualmente esgotado pelos longos percursos que tem de fazer sob o sol tropical, serve 30 comunidades. Estar em minoria é, de facto, uma característica da vida da Igreja no mundo de hoje.*

Onde está o Vaticano?

Viajo com o passaporte diplomático da Santa Sé. Não é raro encontrar dificuldades por parte dos polícias nos aeroportos. Os italianos, em geral, não criam problemas, mas pode acontecer que me façam esperar enquanto mostram o meu passaporte aos colegas. Na Alemanha é mais difícil: «O que é a Santa Sé?», perguntam. Estranham que a Santa Sé possa emitir passaportes. Na Malásia é ainda mais difícil. «Onde está a Santa Sé? Onde está o Vaticano?», perguntam-me. Quando respondo: «Em Itália, em Roma», levam-me diante de um grande mapa-múndi: «Indique-me onde

fica Itália». «E Roma?». «E onde se encontra o Vaticano?». Mas no mapa-múndi o Vaticano não aparece. Assim, tenho de esperar meia hora com os imigrantes ilegais. No fim, o chefe da polícia diz aos seus subordinados: *I know. The Vatican is a former French colony!* — «Já sei. O Vaticano é uma antiga colónia francesa».

O mistério da minoria

Voltemos a nossa atenção para a história do Povo de Deus, para a Sagrada Escritura, para nela encontrar relatos e acontecimentos que podem iluminar a nossa situação de «minoria».

A Bíblia apresenta muitas situações em que Deus se serve dos fracos para vencer os fortes. A partir de uma condição de inferioridade, Moisés venceu o faraó e libertou o seu povo; Judite derrotou Holofernes; Ester, a Amã.

Na história da Igreja não faltam exemplos como Catarina de Sena, que, sem qualquer autoridade, conseguiu que o Papa regressasse a Roma desde Avinhão; ou como Dom Bosco, a quem o Papa e o rei pediam conselho.

Quando, em cada Sexta-Feira Santa, no Coliseu, vemos o Papa levar a cruz, temos diante dos olhos o «mistério da minoria»: foi esta cruz que venceu aquele colosso que era o Império Romano.

«De quantas divisões dispõe o Papa?» (J. Estaline)

Quanto ao aspeto da «minoria quantitativa», gostaria de refletir sobre a surpreendente história de Gedeão, chefe carismático em Israel, no século XII antes de Cristo.

O Livro dos Juízes, no cap. 7, conta como Gedeão se prepara para a batalha contra Madiã. «Demasiado numeroso é o povo que te acompanha para que eu entregue Madiã nas suas mãos», diz-lhe o Senhor. E explica: «Não vá Israel vangloriar-se à minha custa, dizendo: Foi a minha própria mão que me salvou!» (v. 2).

Segundo as indicações do Senhor, Gedeão reduz o exército: primeiro de 32.000 para 10.000 homens e depois de 10.000 para apenas 300. Estes 300 homens, armados apenas com trombetas e cântaros vazios com tochas no seu interior, invadem o acampamento inimigo fazendo grande ruído. Então, «enquanto os trezentos tocavam as trombetas, o Senhor voltou a espada de cada um contra o seu companheiro em todo o acampamento» (v. 22).

Surgem espontaneamente algumas considerações:

- Como o povo da Antiga Aliança no tempo de Gedeão, também hoje o novo Israel deve combater muitas forças que avançam com prepotência. É preciso reagir. Mas, como Israel, uma Igreja demasiado poderosa correria o risco de se envaidecer, de cair no triunfalismo, de atribuir a si mesma o sucesso.

- Dá que pensar o facto de aquelas «armas», aparentemente tão ridículas, terem podido produzir de repente um efeito inimaginável. Tal como Gedeão, uma Igreja que se abandona totalmente ao mandato do Senhor pode obter resultados importantes sem grandes meios. Pode bastar uma trombeta para anunciar a Palavra de Deus e uma tocha, a luz de Deus, com a condição de que sejamos cântaros vazios.

- Como aconteceu com Madiã, pode também acontecer agora que o inimigo se destrua a si mesmo e que a Igreja não tenha de fazer um grande esforço para sair das dificuldades. Os procedimentos ímpios e injustos acabam por ser autodestrutivos. Não é, portanto, evidente que o «número reduzido» anule necessariamente a força de incidência da Igreja.

«Tu não podes ir contra esse filisteu» (Saul)

A «minoría qualitativa» sugere o modo como o Senhor atuou em tempos muito próximos de nós. Tanto em Lourdes como em Fátima ou em La Salette, a Virgem apareceu não a pessoas preparadas e doutas, mas a uma ou mais crianças, pastorinhos quase ignorantes, e indicou sempre os mesmos meios para enfrentar as dificuldades e as ameaças: a oração e a conversão.

Mas voltemos à Escritura e meditemos sobre a figura de David como exemplo de um grande chefe bíblico que utiliza para a sua missão meios modestos, humanamente inadequados.

Todos sabemos que o facto que o tornou repentinamente conhecido e o projetou para a conquista da realeza foi a sua vitória contra os filisteus e, em particular, o seu duelo com o gigante Golias (cf. 1 Sam 17).

Gostaria de sublinhar alguns pormenores que podem ajudar a captar a atualidade deste relato:

- O gigante que procurou ridicularizar David e que se esforça por nos ridicularizar também a nós representa o mal ou as ideologias e os valores anti-evangélicos. Golias é hostil, ameaça, provoca: «Vem até mim e darei a tua carne às aves do céu e às feras do campo» (v. 44).

- Também hoje a Igreja, perante o mal, encontra-se com Golias, um gigante terrível que parece invencível. Diante dele, como primeira reação, a Igreja, e com ela cada um de nós, experimenta fortemente a própria impotência. E não faltam no mundo aqueles que se sentem obrigados a reforçar esta sensação, dizendo como disse Saul: «Tu não podes ir contra esse filisteu» (v. 33).

- No início, David toma o caminho errado. Reveste-se da armadura do poder e da força, isto é, segue o modo de se defender do mundo (cf. vv. 38-39a). Mas isso paralisa a sua ação: «Não posso andar com isto, pois nunca o usei» (v. 39b). Tal como a Igreja quando recorre ao arsenal do mundo.

- O facto é que a Igreja tem as suas «armas» para combater. E essas são as únicas armas verdadeiramente importantes. Entre elas brilha um princípio. Diz David: «Tu vens contra mim com espada, lança e dardo, mas eu vou contra ti em nome do Senhor dos Exércitos, Deus das hostes de Israel» (v. 45). As outras armas são apenas acessórias (cf. v. 40): o «cajado» (a violência), que David, no entanto, não usa na batalha. Depois, muito simplesmente, uma funda e cinco pedras lisas do ribeiro. De facto, todo o gigante tem o seu ponto fraco. Basta olhar com atenção. Uma pequena pedra bem lançada derrubou o gigante, e a sua própria espada serviu para lhe cortar a cabeça (cf. vv. 41-54).

David é a figura da Igreja de hoje. Em muitas situações estamos em minoria quanto aos números, às forças, às possibilidades e aos meios. Mas, como David, avançamos *in nomine Domini*.

Jesus, o homem dos pequenos números

Dirijamos o olhar para Jesus.

Na Sagrada Escritura, Moisés aparece como o homem dos grandes números. Quando os israelitas saem do Egito, são «cerca de seiscentos mil homens de pé, sem contar as crianças». «Saiu também com eles — acrescenta a Escritura — uma grande multidão, com ovelhas e bois; uma quantidade enorme de gado» (cf. Ex 12, 37-38).

Jesus, em comparação, aparece como o homem dos pequenos números. A sua atenção concentra-se sobretudo nos «pequenos», nos pecadores: em Zaqueu, na samaritana, na pecadora perdoada, na adúltera...

No seu ensinamento sobre o Reino de Deus não surgem figuras grandiosas ou vistosas: «A que é semelhante o Reino de Deus? A que o compararei? É semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e lançou no seu jardim; cresceu até se tornar árvore e as aves do céu fizeram ninho nos seus ramos» (Lc 13, 18-19).

E continua: «A que compararei o Reino de Deus? É semelhante ao fermento que uma mulher tomou e misturou em três medidas de farinha até que tudo ficou levedado» (Lc 13, 20-21).

«Dizia também: “O Reino de Deus é como um homem que lança a semente à terra; durma ou se levante, de noite ou de dia, a semente germina e cresce, sem que ele saiba como”» (Mc 4, 26-27).

Jesus não compara o grupo dos seus discípulos com um exército preparado para o combate ou exultante pelas vitórias, mas diz:

«Não temas, pequeno rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o Reino» (Lc 12, 32).

E ainda:

«Vós sois o sal da terra. Mas, se o sal perder o sabor, com que se há de salgar?» (Mt 5, 13).

«Vós sois a luz do mundo...» (Mt 5, 14).

«Eis que vos envio como cordeiros no meio de lobos» (Lc 10, 3), diz aos seus, e exorta-os a ir sem dinheiro e sem poder: não leveis bolsa nem alforge nem cajado (cf. Mt 10, 9-10).

Nas suas parábolas e nos seus relatos destacam-se antes números pequenos e realidades humildes, que indicam a sua atenção às pessoas, às coisas simples e essenciais.

Fala das «duas moedinhas» (um quadrante) que uma viúva lançou no tesouro do templo (cf. Mc 12, 41-42); do pastor que deixa as 99 ovelhas para ir procurar a que se tinha perdido (cf. Lc 15, 4-7); da mulher que tinha dez dracmas e varreu a casa para encontrar a que tinha perdido (cf. Lc 15, 8-10).

Bastaram-lhe cinco pães e dois peixes para saciar uma multidão.

A Igreja como «minoridade» é chamada a viver segundo este estilo do Evangelho, a fazer suas as prioridades e as preferências de Jesus.

As muralhas da nova Jericó

Na história, a Igreja, tanto na sua dimensão universal como local, esteve em minoria diante do Império Romano e das invasões dos bárbaros, viu-se enfraquecida pelas divisões internas na era moderna, diante da Revolução Francesa; sofreu, já no século XX, a prepotência do nazismo, do comunismo e agora do consumismo...

Mas, perante os Golias de todas as épocas, o Senhor enviou Davides desarmados: um Cirilo, um Atanásio, um Hilário de Poitiers, um Ambrósio e um Agostinho, um Francisco de Assis, um Domingos, uma Brígida e uma Catarina, um Inácio de Loyola, um Pedro Canísio e um Carlos Borromeu,

uma Teresa, um Tomás Moro; e, no nosso tempo, todos os grandes papas do século XX e pastores como Wyszynski, Mindszenti, Beran, Stepinac, Tomasek, Gong Pin-Mei.

Paulo VI, o Papa dilacerado pela crise do pós-concílio, escolheu como lema: *In nomine Domini*. João Paulo II, desde o início do seu pontificado, tomou como emblema a cruz, *Spes unica*, e Maria, *vita, dulcedo et spes nostra*, e gritou: «Não tenhais medo! O comunismo é apenas um parêntesis da história!». Muitos se riram dele. Pensaram que era pouco realista. Disseram que o mapa-múndi já estava totalmente vermelho. Mas as muralhas da nova Jericó (Berlim) caíram e a Igreja atravessou o limiar do terceiro milénio.

Caminhos insuspeitados do Senhor

Quando estava em residência obrigatória na pequena aldeia de Giang-Xa, a 20 km de Hanói, era vigiado por um católico. No início, ele colocava a si mesmo muitas perguntas sobre a minha pessoa: que terá feito este bispo para ser detido assim? Vivendo e comendo comigo e dormindo no quarto ao lado do meu, foi compreendendo, permitiu-me escrever livros espirituais, trouxe-me sacerdotes que vinham visitar-me de noite, desde 300 km de distância, para ouvir falar do Concílio Vaticano II, já que nenhum bispo do Vietname do Norte tinha podido participar no Concílio.

Todos os meses este guarda tinha de redigir para a polícia um relatório escrito sobre mim. Durante algum tempo fê-lo, mas depois disse-me:

- Já não escrevo mais. Não sei o que escrever.
- É preciso escrever! Se não escrever, será substituído. Um novo guarda prejudicar-me-á.
- Mas não sei o que escrever!
- Então escrevo eu o relatório, o senhor copia-o e assina.
- Está bem.

A polícia felicitou-o pela sua dedicação e ofereceu-lhe uma garrafa de aguardente de laranja, que ele levou para casa e que bebíamos juntos à noite. Graças a ele pude ordenar clandestinamente sacerdotes destinados a outras dioceses, que os seus ordinários me enviavam. Como eu já estava preso, não corria perigo. De noite, o guarda introduzia em casa seminaristas que traziam o ritual dos bispos e os santos óleos. Foram as ordenações mais longas do mundo!, porque começavam por volta das 23h30 e terminavam por volta da uma da madrugada.

Também de noite, este guarda me levava a administrar os sacramentos aos doentes. Nunca teria imaginado que Jesus me chamaria a este tipo de pastoral tão original. É verdade que o Espírito Santo se serve de qualquer pessoa para ser instrumento da sua graça

Mirabilis Dominus

Concluo com mais duas histórias pessoais.

Na ilha de Zanzibar, no imenso Oceano Índico, numa pobre aldeia sob os coqueiros, conheci duas jovens alemãs: uma era médica e a outra enfermeira. O que faziam ali? Eram voluntárias que tinham ido testemunhar o amor cristão no meio desta fortaleza muçulmana. Um grão de sal no oceano! Que fé!

Em Bagamoyo, porto do leste da Tanzânia onde desembarcaram os primeiros missionários, visitei o velho cemitério dos Padres Espiritanos, junto de um baobá, árvore colossal de África. Todos tinham morrido jovens. O mais velho tinha chegado aos 39 anos. Em silêncio, ajoelhei-me e beijei a terra: *Mirabilis Dominus in sanctis suis! E ouvi no vento que soprava entre os coqueiros: Pusillus grex — «pequeno rebanho». Não tenhais medo.*

Por isso, irmãos: não tenhais medo! *Procedamus in nomine Domini!* — «Avancemos em nome do Senhor!». As muralhas da nova Jericó cairão.

PARA RENOVAR A FAZ NA TIERRA*ACCIPIETIS SPIRITUM SANCTUM*

Não há muitos anos, na televisão francesa, o cardeal Jean-Marie Lustiger, arcebispo de Paris, foi entrevistado por um jornalista que lhe perguntou:

- Senhor cardeal, acredita na existência do demónio?

- Sim, acredito.

- Mas numa época de tantos progressos científicos e tecnológicos, continua a acreditar na existência do demónio?

- Sim, continuo a acreditar nele.

- Já viu o demónio?

- Sim, já o vi.

- Onde?

- Em Dachau, em Auschwitz, em Birkenau!

Então o jornalista ficou sem palavras.

Se alguém me perguntasse: «Viu o Espírito Santo?», eu também responderia sem hesitar: «Sim, vi-O». «Onde?». «Na Igreja e fora dela».

Vi o Espírito Santo, *Fons vivus, ignis, caritas* [108], nos papas deste século

No século XX, o mundo foi dilacerado por duas guerras mundiais, conflitos étnicos, genocídios e lutas sangrentas. Nunca na história houve tamanha mortandade, para não falar de todo o mal provocado pelas guerras ideológicas... Dentro da Igreja verificaram-se crises e deserções, sofremos as consequências da descristianização e da secularização, a barca de Pedro correu o risco de afundar no meio da tempestade.

E, no entanto, talvez nunca a Igreja tenha tido tantos papas tão grandes como os pontífices do século XX: de Leão XIII a Pio X, Bento XV, Pio XI, Pio XII, João XXIII, Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II. Creio que nenhum país do mundo, neste mesmo período, teve a sorte de ter à sua frente responsáveis de tal altura moral, santidade e competência.

Encontramo-nos diante da ação do Espírito Santo, que confirmou com a sua obra a promessa de Jesus: «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Hades não prevalecerão contra ela» (Mt 16, 18).

O Espírito Santo guiou e guia o ministério e o magistério dos papas.

Vi o Espírito Santo, *Dominum et vivificantem* [109], na história da Igreja

Todos conhecemos a obra do Espírito Santo nos primeiros séculos cristãos: a rápida difusão do cristianismo por todo o Império Romano; a ação especial do Espírito nos concílios ecumênicos que definiram a doutrina trinitária e cristológica; o seu sopro poderoso no nascente monaquismo, que impediu os cristãos de se mundanizarem, mantendo vivo entre eles o anseio da santidade.

Quando, na Idade Média, um novo perigo parece ameaçar a Igreja, o Espírito não só faz renascer o monaquismo, mas suscita novas formas de vida consagrada que respondem às necessidades dos tempos. Lemos numa carta da Cúria Romana, escrita por ordem de Alexandre IV, sobre São Francisco e Santa Clara de Assis: «Como se o mundo envelhecido estivesse oprimido pelo peso dos anos, tinha-se obscurecido a visão da fé, tornara-se incerta e vacilante a conduta de vida... E Deus, que ama os homens, do segredo da sua misericórdia providenciou suscitar na Igreja novas ordens religiosas, dando por seu meio apoio à fé e uma norma para reformar os costumes. Não hesitaria — prossegue esta carta — em chamar aos novos fundadores, com os seus verdadeiros seguidores, luz do mundo, indicadores do caminho, mestres de vida» [110].

O que aqui se diz pode afirmar-se de todos os grandes fundadores. E de tantas mulheres inspiradas, como as três doutoras da Igreja: Catarina de

Sena, Teresa de Jesus e Teresa do Menino Jesus, e as co-padroeiras da Europa: Brígida da Suécia e Edith Stein, além de Catarina. Nelas manifestase a ação poderosa do Espírito Santo.

Mas detenhamos o olhar nos últimos decénios da história da Igreja: do Concílio Vaticano II ao Jubileu de 2000. Não assistimos com admiração a um novo Pentecostes? Talvez nunca como hoje tenha havido tanto florescimento de santidade nas atividades tipicamente laicais. É uma nova e autêntica primavera da Igreja.

Bastaria pensar nas Jornadas Mundiais da Juventude em Roma, Buenos Aires, Compostela, Czestochowa, Denver, Manila e Paris. Todos reunidos em torno do Santo Padre, desejosos de escutar a Palavra de Deus e empenhados em vivê-la. Ou no Congresso dos Movimentos e Comunidades eclesiais na vigília de Pentecostes, a 30 de maio de 1998. Novos carismas irrompem na Igreja, verdadeiros dons do Espírito que fazem florescer de novo no mundo o Evangelho.

Observando na Praça de São Pedro aquela multidão de pessoas animadas pelo Espírito, o Santo Padre podia dizer: «O que aconteceu em Jerusalém há dois mil anos é como se esta tarde se renovasse nesta praça, centro do mundo cristão. Como então os apóstolos, também nós nos encontramos reunidos num grande cenáculo de Pentecostes, desejando a efusão do Espírito».

E acrescentava: «Sempre que intervém, o Espírito deixa-nos maravilhados. Suscita acontecimentos cuja novidade surpreende; muda radicalmente as pessoas e a história. Esta foi a experiência inesquecível do Concílio Ecuménico Vaticano II, durante o qual, sob a guia do Espírito, a Igreja redescobriu como constitutiva de si mesma a dimensão carismática: “O mesmo Espírito Santo não só santifica e dirige o Povo de Deus mediante os sacramentos e os ministérios e o adorna com virtudes, mas também distribui graças especiais entre os fiéis de qualquer condição, repartindo a cada um como quer (1 Cor 12, 11) os seus dons, com os quais os torna aptos e prontos para exercer as diversas obras e funções que são úteis para renovar e edificar cada vez mais a Igreja” (LG 12)» [111].

Vi que sem o Espírito Santo não podemos fazer nada de bom: *Sine tuo numine, nihil est in homine* [112]

É verdade que, após o primeiro entusiasmo suscitado pelo Concílio, houve um momento de desorientação. Perante as mudanças que o Espírito exigia, alguns, confiando demasiado nas próprias ideias e recursos, perderam o rumo, criando desânimo e, por vezes, confusão; e, em vez da primavera desejada, parecia ter chegado um inverno gelado. «Mas eis que o Espírito Santo — como disse o cardeal Ratzinger no Congresso dos movimentos eclesiais —, por assim dizer, voltou a tomar a palavra. E em homens e mulheres jovens a fé voltou a florescer, sem condições nem reservas, sem subterfúgios nem evasivas, vivida na sua integridade como dom, como um presente precioso que dá vida» [113].

Ignazios Hazim, atual patriarca ortodoxo de Antioquia, a propósito da ação do Espírito Santo na Igreja, dizia em Upsala já em 1968: «Sem o Espírito Santo, Deus está longe, Cristo está no passado, o Evangelho é letra morta; a Igreja, uma simples organização; a autoridade, uma dominação; a missão é propaganda; o culto, uma evocação, e o agir cristão, uma moral de escravos. [...] Mas n'Ele... Cristo ressuscitado está aqui, o Evangelho é força de vida, a Igreja significa comunhão trinitária, a autoridade é um serviço libertador, a missão é um Pentecostes, a liturgia é memorial e antecipação, o agir humano é divinizado» [114].

No Sínodo dos Bispos da Ásia, os leigos pediram aos bispos que não confiem apenas na sua capacidade organizativa, atuando como bons gestores, mas que sejam verdadeiros pais, pastores, testemunhas autênticas do amor de Deus pela humanidade.

Gosto muito de recordar o que escrevia são João Crisóstomo, apresentando os apóstolos como as verdadeiras figuras dos autênticos pastores: «Os apóstolos não desceram como Moisés do monte, trazendo nas mãos tábuas de pedra, mas saíram do cenáculo levando o Espírito Santo no coração e oferecendo por toda a parte tesouros de sabedoria e de graça como dons espirituais que brotavam de uma fonte viva. Foram pregando por todo o mundo, sendo eles mesmos a lei viva, como se fossem livros animados pela graça do Espírito Santo» [115].

Vi o Espírito Santo agir numa Igreja que se renova continuamente

A Igreja renova-se e purifica-se «continuamente sob a guia do Espírito Santo» (GS 21). Para uma renovação assim, a Igreja dos nossos dias sente a necessidade de voltar com fidelidade às fontes: a Ur da Caldeia, ao Sinai, a Jerusalém, Belém, Nazaré, ao monte das bem-aventuranças, ao santo sepulcro...

E o Povo de Deus faz exame de consciência.

A Igreja, por virtude do Espírito Santo, é mãe e virgem, permaneceu como esposa fiel ao Senhor, é santa, sem pecado, mas pede perdão pelos seus filhos e filhas, que são pecadores.

Recordemos em particular o acontecimento eclesial mais importante do século XX. Para uma grande renovação da Igreja, o Espírito Santo inspirou o Papa João XXIII a lançar a «pequena semente» [116], anunciando, a 25 de janeiro de 1959, a convocação do Concílio Vaticano II. Ele próprio não podia imaginar naquele momento o que este acontecimento traria consigo: todas as reformas da Igreja e da Cúria Romana, a publicação do novo Código de Direito Canónico, do Código dos Cânones das Igrejas Orientais, do Catecismo da Igreja Católica, de tantas cartas encíclicas importantes, do novo Missal Romano, nem o impulso que daria à colegialidade, ao diálogo ecuménico e ao diálogo inter-religioso. A preparação e a celebração do grande Jubileu de 2000 estimulam o aprofundamento deste rico património por parte das novas gerações.

E poder-se-ia continuar; poderíamos citar outros factos, outras novidades suscitadas no seio da Igreja pelo Espírito Santo. Na verdade, é impossível ter uma visão completa da obra do Espírito no século XX, porque ela é também mistério na profundidade das almas.

Basta recordar uma palavra de admiração do mundo: «Foram necessários 20 séculos para percorrer o quilómetro entre o Vaticano e a Sinagoga, e o papa Wojtyla foi o primeiro a fazê-lo!»

Obrigado, Santo Padre!

Também vi o Espírito Santo fora da Igreja

Enquanto sustenta e ilumina os apóstolos, o Espírito Santo suscita a sede da água viva (cf. Jo 4, 10-15) no coração de toda a pessoa, cultura e religião em busca de Jesus, o único Salvador que poderá saciar plenamente a sua sede.

Os Atos contam-nos, no capítulo 10, a visão de Cornélio, oficial romano pagão, depois a visão de Pedro e a voz que lhe disse: «Levanta-te, Pedro, mata e come!». «De modo nenhum, Senhor; porque nunca comi nada profano nem impuro». «O que Deus purificou não o chames tu profano» (At 10, 13-15). «Estava Pedro ainda a dizer estas coisas quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que escutavam a palavra. E os fiéis circuncisos que tinham vindo com Pedro ficaram admirados ao ver que o dom do Espírito Santo fora derramado também sobre os gentios, pois ouviam-nos falar em línguas e glorificar a Deus. Então Pedro disse: “Pode alguém negar a água do batismo a estes, que receberam o Espírito Santo como nós?”» (At 10, 44-48).

O Espírito precede, acompanha e segue qualquer missão nossa.

Com o dom das línguas, prepara o grande diálogo de amor entre Deus e a humanidade, entre o Salvador e os povos de todos os continentes, fortalecendo o testemunho, segundo a promessa de Jesus: «Recebereis uma força quando o Espírito Santo vier sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra» (At 1, 8).

Também hoje, no novo Pentecostes que estamos a viver, o Espírito guia a Igreja na sua missão de realizar um encontro entre Jesus Cristo e todos os povos. Este parece-me ser o significado mais profundo dos diversos diálogos que a Igreja católica empreendeu depois do Concílio.

Provenho desse vasto continente que é a Ásia, e todos os dias vejo esta obra do Espírito entre os «gentios». É acertada a observação de são Tomás, que ele atribui a santo Ambrósio: *Omne verum a quocumque dicatur, a Spiritu Sancto est*, «tudo o que é verdadeiro, seja dito por quem for, vem do Espírito Santo» [117]. Talvez não só toda a verdade, mas também toda a

bondade, justiça, beleza: a profundidade da oração, o esplendor da sabedoria. Consola-nos ver que o Espírito está a agir para revelar plenamente o mistério de Cristo.

Vi o Espírito, *Pater pauperum*, que não nos deixou órfãos

Durante a minha longa permanência na prisão, despojado de todos os recursos humanos, convenci-me ainda mais profundamente da força do Espírito Santo tal como nos é apresentada nos Atos dos Apóstolos. Esta força é indispensável para a Igreja também hoje, para que possa superar todo o tipo de provações.

Por isso, de 1975 a 2000 pedi sempre aos meus penitentes que lessem atentamente, como penitência após a confissão, um capítulo dos Atos.

Sim, o Espírito Santo vive e atua nos corações dos pobres e dos humildes, na piedade popular, na solidariedade, no sofrimento. Ele está ali como advogado e intérprete dos desejos e das orações.

Recordo um episódio.

Um dia, um jovem pároco do Vietname do Norte viu chegar um grupo da tribo H'Mong.

- De onde vindes? — perguntou-lhes.

- Vimos de Lai-Chau [localidade onde, em 1954, se travou a batalha de Dien Bien Phu, na qual os franceses foram derrotados]. Caminhámos durante seis dias pela montanha.

- Meu Deus! Para quê?

- Queremos ser batizados imediatamente.

- É impossível! Na vossa aldeia não há sacerdotes nem catequistas, e não conheceis a religião nem as orações.

- Aprendemos tudo por uma rádio das Filipinas.

- Mas que rádio? Não existe nenhuma emissora católica que transmita no vosso dialecto!

- Foi a rádio «Fonte de vida»!

- É uma rádio protestante, e agora vindes aqui para vos tornardes católicos? Que surpresa! — Profundamente comovido, o pároco exclamou: — Um novo Pentecostes! É obra do Espírito Santo! O Espírito Santo! — E perguntou-lhes: — Não podeis ficar mais algum tempo?

- Padre, é impossível; trouxemos arroz para 14 dias: 12 dias de viagem e dois de estudo e de oração...

Foram batizados e confirmados, assistiram pela primeira vez à santa missa e receberam a Eucaristia.

- Já não tereis missa, não tereis igreja. Que fareis?

- À noite escutamos a rádio em grupos de três ou quatro famílias para rezar juntos e estudar a religião. Aos domingos trabalhamos nos arrozais, mas às 9h30 deixamos de trabalhar, damos descanso aos búfalos e assistimos à missa através da Rádio Veritas de Manila.

Desejo aproveitar esta ocasião para agradecer à Rádio Veritas e à Rádio Vaticano, que realizam um precioso trabalho de evangelização através do programa vietnamita e H'Mong. Os H'Mong estão felizes por terem uma emissão na sua própria língua.

Entretanto, estes primeiros batizados levaram a fé a outros 5.000 concidadãos. O Espírito Santo não os deixa órfãos.

«Veni, Sancte Spiritus»

Paulo VI fala de modo esplêndido do Espírito Santo como alma da Igreja: «O Espírito Santo é o animador e santificador da Igreja, o seu sopro divino, o vento das suas velas, o seu princípio unificador, o seu sustento e o seu consolador, a sua fonte de carismas e de cânticos, a sua paz e a sua alegria, o seu prémio e prelúdio da vida bem-aventurada e eterna. A Igreja

necessita do seu perene Pentecostes; necessita de fogo no coração, de palavras nos lábios, de profecia no olhar» [118].

Por isso, também nós invocamos com confiança: *Veni, Sancte Spiritus*. Assim rezava Edith Stein, co-padroeira da Europa, no último Pentecostes da sua vida:

«Quem és Tu, doce luz, que me enches
e iluminas a escuridão do meu coração?

Tu guias-me como mão materna e deixas-me livre.

Tu és o espaço que envolve
o meu ser e o encerra em si.

Se Tu o deixasses, cairia no abismo do nada,
do qual Tu o elevas ao ser.

Tu, mais próximo de mim do que eu mesma,
e mais íntimo do que o meu íntimo,
e, no entanto, incompreensível e inabarcável,
que fazes explodir todo o nome:

Espírito Santo, Amor eterno» [119].

O MODELO DA IGREJA*ECCE MATER TUA*

«A alegria jubilar não seria completa se o olhar não se dirigisse para aquela que, na plena obediência ao Pai, gerou para nós, na carne, o Filho de Deus» [120].

A Virgem ao meio-dia

Nestes dias tive o privilégio de estar em silêncio a contemplar a Virgem, tão bem representada nesta capela *Redemptoris Mater*. E do coração brotou-me esta bela oração de Paul Claudel (†1955):

«É meio-dia. Vejo a igreja aberta. Tenho de entrar. Mãe de Jesus Cristo, não venho rezar.

Não tenho nada para te oferecer e nada para te pedir. Venho apenas, ó Mãe, para te olhar.

Olhar-te, chorar de felicidade [...]

Sem dizer nada, apenas olhando o teu rosto,

deixar que o coração cante na sua própria língua. Não dizer nada, mas apenas cantar, porque o coração está demasiado cheio» [121].

A Igreja é Mulher, é Mãe

Algumas palavras do cardeal Joseph Ratzinger deram-me a inspiração para esta meditação: «A Igreja não é um aparelho; não é simplesmente uma instituição. É Mulher. É Mãe. É um ser vivo. A compreensão mariana da Igreja é o contraste mais forte e decisivo com um conceito de Igreja puramente organizativo ou burocrático. Nós não podemos fazer a Igreja, devemos ser Igreja. Só sendo marianos somos Igreja. Nas suas origens, a Igreja nasceu quando o *fiat* brotou na alma de Maria. Este é o desejo mais profundo do Concílio: que a Igreja desperte nas nossas almas. Maria indicamos o caminho» [122].

Nesta meditação queremos olhar para Maria como modelo da Igreja. Mas a Igreja vive numa terra dolorosa, dramática e magnífica, numa época que tem os traços coletivos de uma «noite escura coletiva» [123].

Entre as características desta noite está o predomínio do racionalismo, que plasmou uma cultura que tende a manipular, através das diversas ciências, as realidades naturais, as situações, o espírito e até a vida humana, pelo que a humanidade corre o risco de se tornar vítima de um mero positivismo do «fazer» e do «ter».

A resposta da Igreja a esta noite é ser Amor, porque — como afirma o título de um pequeno volume de H. U. von Balthasar — «só o amor é credível». Sem amor até à unidade não há credibilidade.

E eis por que Maria «nos indica o caminho». Porque Maria é:

- Amor acolhido
- Amor correspondido
- Amor partilhado

Maria é Amor acolhido

Ao longo de toda a sua vida, Maria recebe tudo de Deus. Aqui reside a grandeza da sua missão, que misteriosamente se prolonga na Igreja: tudo tem origem no Senhor, vem do alto. E a Virgem acolhe.

Olhemos, juntamente com toda a Igreja, para quatro palavras da Escritura.

1. «*Ave Maria, gratia plena*»

Maria é a primeira a receber a Boa Nova e, em previsão da paixão de Jesus, é a primeira a ser cumulada com a plenitude da salvação. Com a sua adesão à mensagem do anjo, a serva torna-se pertença de Deus. Estamos nos alvares da Igreja, que é, como afirma a *Lumen gentium*, «campo de Deus» (LG 6; cf. 1 Cor 3, 9).

2. «*Ecce concipies et paries filium*»

Por obra do Espírito Santo realiza-se o grande mistério da Encarnação. O Filho, que no Céu vivia *in sinu Patris*, encontra na terra, em Maria, um seio digno dele. Filha do Pai, Maria torna-se mãe, Mãe do Verbo encarnado, Esposa do Espírito Santo. Nos nove meses que se seguem, Maria é de modo particular a Virgem da interioridade. Única entre as criaturas, tem a experiência de trazer Jesus no seu seio fisicamente. À sua imagem, toda a Igreja é chamada a ser «seio» que oferece ao mundo Jesus.

3. «*Respexit humilitatem*»

Durante toda a sua vida, Maria vive num cântico de gratidão a Deus por tudo o que dele recebeu: não só a graça, mas o próprio Dador da graça, e com Ele todos os outros privilégios. «O Senhor fez em mim maravilhas... olhou para a humildade da sua serva». Por isso «todas as gerações me chamarão bem-aventurada». Como Maria, a Igreja, consciente do seu nada, proclama a grandeza do Senhor.

4. «*Conservabat omnia verba haec in corde suo*»

Totalmente recolhida, Maria vive junto do seu Filho «em estado» de oração, de contínua acolhida e contemplação. Guarda a Palavra, vive-a e comunica-a na esperança, na humildade, na alegria. Contemplamos nela, totalmente formada pela Palavra, o mistério da Igreja: a *Sponsa Verbi*.

Tota pulchra es Maria et macula originalis non est in te! Per te ortus est Christus Deus noster — Toda formosa és, Maria, e em ti não há mancha do pecado original. Por ti nasceu Cristo nosso Deus.

Maria é Amor correspondido

Cumulada da graça de Deus, Maria, com todo o seu ser, responde a Deus. Nada há nela que não seja dom de si, adesão ao desígnio de Deus, escolha d'Ele.

Olhemos também aqui para algumas palavras da Escritura que nos falam de Maria.

5. «*Beata quae credidisti*»

Na fé, Maria viveu um «sim» total, porque acreditou na Palavra e se deixou moldar pela mão de Deus e conduzir por Ele a toda a parte: ao Egito, a Nazaré, a Caná, ao Gólgota, ao cenáculo, na espera do Espírito. Isabel e a comunidade primitiva chamaram-lhe assim: *he epistéusasa* — aquela que acreditou. Nela a Igreja vê-se como comunidade de crentes.

6. «*Erat subditus illis*»

Durante 33 anos, Maria está em comunhão com Jesus, íntima e terna. Nenhum ser humano pode compreender Jesus como ela, ninguém está tão próximo dele, ninguém pode cuidar dele diariamente como Maria: no trabalho, na alegria, na angústia, na pobreza, na transparência. Para nós, um apelo à intimidade com Jesus, ao serviço concreto e solícito para com Ele.

7. «*Magnificat anima mea Dominum*»

Consciente das maravilhas que Deus realizou nela, Maria está em adoração contemplativa diante de Deus, como os anjos que proclamam: «Santo, Santo, Santo». E assim Maria é resposta plena à misericórdia de Deus, que se estende «de geração em geração».

Para nós, um convite ao louvor constante, à adoração.

8. «*Stabat Mater iuxta Crucem*»

Como durante toda a sua vida, Maria está unida a Jesus na sua paixão e morte pela humanidade. Uma espada trespassa a sua alma. Mas ela permanece de pé, sozinha, corajosa. Sabe perdoar, permanece fiel. No momento mais importante da vida de Jesus, oferece-se com Ele. Para Maria, tudo parece perdido, mas basta-lhe estar com Jesus. Torna-se assim protótipo da Igreja, aos pés da cruz.

Quero contar aqui um episódio da minha vida.

Quando em 1957 estudava em Roma, fui a Lourdes rezar à Virgem. Na gruta meditei as palavras da Imaculada a santa Bernardete: «Não te prometo

alegrias e consolações nesta terra, mas provas e sofrimentos». Tive a impressão de que estas palavras eram também para mim. Não sem receio aceitei esta mensagem.

De regresso ao Vietname fui professor, depois reitor do seminário, vigário-geral e, por fim, bispo de Nhatrang. Poder-se-ia dizer que o meu ministério pastoral estava coroado de sucesso. Todos os anos voltava a Lourdes e perguntava muitas vezes: «Será possível que as palavras dirigidas a Bernardete não sejam para mim?». Mas chegou o ano de 1975: a detenção na festa da Assunção, a prisão, o isolamento. E então compreendi que a Virgem quisera preparar-me desde 1957!

Maria é Amor partilhado

Ainda que seja toda de Deus, Maria não é alheia ao mundo. Pelo contrário, para ela o mundo é o lugar onde Deus encontra o homem, onde se espera Aquele que «por nós, homens, e para nossa salvação desceu do céu».

Olhemos, juntamente com toda a Igreja, para aquela que é a «terra do Incontenível»: aquela que acolhe a salvação e a partilha.

9. «*Abiit in montana cum festinatione*»

Imediatamente, Maria leva a boa nova, que é Jesus, à sua prima Isabel: partilha o amor que Deus lhe comunicou; permanece três meses ao serviço da sua prima; faz exultar João Batista pela proximidade da salvação; e continua a viver com Jesus no seu seio, sentindo que cresce nela o Deus feito homem. Eis o caminho da Igreja: servir o homem, levando e comunicando Jesus que vive em nós. E levar assim a salvação, a alegria. Quem sabe quantas vezes Isabel e Maria cantaram juntas o *Magnificat*!

10. «*Viderunt puerum, cum Maria matre eius*»

Maria é mensageira da misericórdia. Na extrema pobreza do presépio leva ao mundo o maior tesouro.

É a epifania de Jesus: mostra-O e oferece-O aos pastores e aos Magos, às primícias de Israel e das nações. E hoje continua a fazer o mesmo. Em

Guadalupe como em Lavang, na minha pátria. Maria, que mostra Jesus aos pobres, aos estrangeiros, é a estrela da evangelização; e indica-nos o caminho da missão.

11. «*Quaecumque dixerit vobis, facite*»

Com Jesus, Maria está presente em todos os acontecimentos da vida: presente em Ain Karim no nascimento de um filho, presente em Caná numa festa de casamento. Partilha a alegria e a esperança; preocupa-se com delicadeza, amabilidade e discrição por um casal de recém-casados em dificuldade; ensina a escutar Jesus e a confiar que Ele ajudará quando chegar o momento; partilha com os apóstolos a espera do Espírito no cenáculo. Vivendo no meio de todos, no quotidiano, Maria é o modelo de uma Igreja que sabe esperar e discernir a hora de Deus: a vinda do Espírito Santo.

12. «*Ecce filius tuus... Et accepit eam discipulus in sua*»

Junto à cruz, Maria acolhe como filhos seus todos os discípulos de Jesus, ou melhor, toda a humanidade, não só os santos, mas também os pecadores. Oferece o seu Filho Jesus, o Santíssimo. E acolhe João, o discípulo frágil que tinha fugido. E acolhe o bom ladrão, o criminoso que se torna santo e irmão de Jesus quando este lhe diz: «Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso» (Lc 23, 43). Maria, naquele momento, aceita a sua missão de *mater misericordiae*.

Depois vive com o apóstolo João, o predileto, partilhando a sua solicitude pelo Reino. Dela João aprende de novo aquilo que tinha aprendido de Jesus: Deus é Amor, e nós somos chamados a ser apenas amor. Como Mãe de misericórdia, Maria impele a Igreja a cuidar de toda a humanidade nas suas necessidades fundamentais, não só através do bom exemplo dos cristãos, mas também mediante o seu compromisso social, económico e político.

Mistério - comunhão - missão

Com aquela que invocamos na *Salve Regina* como *spes nostra*, o futuro da Igreja está cheio de esperança.

«No alvorecer do novo milénio — disse o Santo Padre, que é tão profundamente devoto da Mãe do Senhor —, vemos com alegria emergir o “perfil mariano” da Igreja, que contém em si o conteúdo mais profundo da renovação conciliar» [124].

De Maria, a Igreja aprende a realizar com exactidão o perfil que dela delineou o Concílio Vaticano II: - a viver imersa no Mistério: Amor acolhido; - a fazer-se comunhão em todos os aspectos da sua vida: Amor correspondido;

- a projectar-se para o mundo na missão: Amor partilhado.

Seguindo a Mãe de Jesus, a Igreja percorre — como João Paulo II explicou na encíclica *Redemptoris Mater* — o caminho de Maria.

As doze frases do Evangelho nas quais contemplámos a imagem de Maria acompanham-nos neste caminho: como as 12 estrelas que adornam a cabeça da Virgem e de que fala o Apocalipse na liturgia da Assunção de Maria.

Maria liberta-me

Durante a caminhada nas trevas, quando estava preso, rezei a Maria com toda a simplicidade: «Mãe, se vês que já não poderei ser útil à tua Igreja, concede-me a graça de consumir a minha vida na prisão. Caso contrário, concede-me sair da prisão numa festa tua».

Um dia, enquanto preparo a minha comida, ouço tocar o telefone dos meus guardas. «Talvez esta chamada seja para mim! É verdade, hoje é 21 de Novembro, festa da Apresentação de Maria no Templo!». Pouco depois, um dos guardas vem e pergunta:

— Já acabou de comer?

— Ainda não!

— Depois de comer, vista-se bem, porque vai ver o chefe.

Nessa tarde encontrei-me com o ministro do Interior.

— Tem algum desejo a exprimir?

— Sim, senhor ministro, quero a liberdade.

— Quando?

— Hoje.

Normalmente, não se pode pedir para o mesmo dia, porque os chefes precisam de tempo para discutir, para tratar dos assuntos. Mas tenho tanta confiança...

O ministro olha para mim muito surpreendido. Explico-lhe: — Senhor ministro, já estou há demasiado tempo na prisão. Estive sob três pontificados: o de Paulo VI, o de João Paulo I e o de João Paulo II. E também sob quatro secretários-gerais do Partido Comunista Soviético: Brejnev, Andropov, Chernenko e Gorbatchov.

Ele desata a rir e acena com a cabeça: — É verdade, é verdade! E, voltando-se para o seu secretário, diz:

— Façam o que for necessário para satisfazer o seu desejo.

Exulto: Maria liberta-me. Obrigado, Mãe!

Feliz Festa!

Ave Maria, Mãe de Jesus,
Mãe e modelo da sua Igreja.
Ave, fonte de graça e de misericórdia,
modelo de toda a pureza.
Ave, alegria nas lágrimas,
vitória na luta,
esperança na prova,
único caminho para Jesus.

Ostende nobis Patrem et hoc nobis sufficit. Monstra te esse matrem et hoc nobis sufficit [125].

VELHICE, DOENÇA, MORTE*NUNC ET IN HORA MORTIS NOSTRAE*

Na cultura budista, na Ásia, fala-se de quatro etapas da vida humana: nascimento, velhice, doença e morte. Em cada uma delas há sofrimento, destino inevitável da condição humana que clama por salvação.

Em geral, não se gosta de recordar estes temas, como se se quisesse afastá-los da nossa vida, não pensando neles. Mas, para o cristão, cuja vocação é o amor, também eles são amor e, como qualquer outro momento da vida, seja doloroso ou alegre, devem ser vividos no amor e como amor.

Quando vejo a multidão do jubileu a caminho da Porta Santa, penso na nossa vida: avançamos todos os dias por caminhos talvez difíceis, mas importantes, e não sem alegria, porque nos aproximamos da meta: o encontro com Jesus, nossa esperança.

Por isso quero falar da velhice, da doença e da morte.

O maior dom

«Ensinar-me-ás o caminho da vida, alegria plena à tua direita» (Sal 16 [15], 11).

A vida é o bem maior e inestimável que Deus deu aos homens. Cada momento dela deve ser vivido n'Ele e para Ele.

Para cada um de nós, ela tem as suas estações, cada uma importante e com uma beleza própria. Cícero falava da velhice como do «outono da vida» [126]. João Paulo II, como poeta, traçou um quadro belíssimo: «Basta observar as variações da paisagem ao longo do ano, na montanha e na planície, nos prados, nos vales, nas florestas, nas árvores e nas plantas. Há uma estreita semelhança entre os biorritmos do homem e os ciclos da natureza, da qual ele faz parte» [127].

Sim, porque a vida que nasce, a vida que cresce, a vida que termina não são senão três momentos do mistério da existência, dessa vida humana que

provém de Deus, é dom seu, imagem sua, marca sua, participação do seu sopro vital [128].

Os idosos na Sagrada Escritura

Na Sagrada Escritura, a longevidade é sinal da benevolência e do amor de Deus (cf. Gn 11, 10-32). Abraão, Moisés, Tobias, Eleazar, Isabel e Zacarias, Simeão e Ana mostram-nos que a velhice é tempo de promessa e de testemunho corajoso.

Pedro, já idoso, deu a sua vida por amor a Jesus.

Paulo, idoso e prisioneiro, escreveu: *Ego enim iam delibor [...] cursum consummavi, fidem servavi* — «Eu estou prestes a ser oferecido em libação [...] Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé» (2 Tm 4, 6-7).

São João apóstolo, já idoso, quando visitava as comunidades cristãs e lhe perguntavam qual tinha sido a mensagem de Jesus, repetia sempre: «Amai-vos uns aos outros», como se nada mais tivesse a acrescentar. Mas, com esta frase, atingia verdadeiramente o pensamento de Cristo.

Uma nova tarefa mais carismática

Na minha vida, e especialmente aqui na Cúria Romana, tive o privilégio de conhecer muitos idosos que me edificaram profundamente com o seu exemplo humilde, discreto, mas eloquente. Permaneceram sempre jovens; quem se aproxima deles respira um ar de consolação e de esperança, mesmo em situações quase desesperadas.

Com eles aprendi que os anos passam depressa; que o dom da vida é demasiado belo e precioso; que devo aproveitar o tempo presente (cf. Col 5, 16), sendo agradecido ao *Pater misericordiarum*; que devo saber como e quando retirar-me, não para ver diminuir as forças e sentir cada vez mais a ameaça da solidão, correndo o risco de me sentir inútil, marginalizado, um peso para os outros, mas para cumprir uma nova tarefa, mais adequada, mais empenhante, mais carismática. O trabalho diminui, mas o amor cresce sempre. E aproxima-se radiante a esperança de que fala Paulo: *Reposita est*

mihi corona iustitiae — «Está reservada para mim a coroa da justiça» (2 Tm 4, 8).

O Santo Padre João Paulo II deixou-nos palavras de grande consolação e esperança:

«... A vós, caríssimos irmãos no sacerdócio e no episcopado, que, por terdes alcançado certos limites de idade, deixastes a responsabilidade directa do ministério pastoral. A Igreja ainda precisa de vós. Ela aprecia os serviços que ainda lhe prestais em muitos campos do apostolado, conta com a vossa contribuição de uma oração prolongada, espera os vossos sábios conselhos e enriquece-se com o testemunho evangélico que dais dia após dia» [129].

O primeiro cardeal do Vietname, Joseph Marie Trinh Nhu Khue, arcebispo de Hanói, não podendo ir às paróquias administrar a confirmação nem fazer visitas pastorais, durante vinte anos subia diariamente ao terraço da sua casa e ali rezava o rosário pelos seus fiéis. Fiquei comovido quando, dez anos após a sua morte, logo que fui libertado da prisão, vi no terraço uma marca de forma oval: a marca dos seus passos, sinais da fé de um pastor idoso. Pensei então no que João XXIII escrevia a um bispo: «Agora a sua função mudou (em relação à Igreja): deve rezar por ela. E isso não é menos importante do que a acção».

A doença

«Vivemos setenta anos,
oitenta, se somos robustos,
mas a maior parte deles é fadiga e vaidade,
passam depressa e nós voamos»
(Sal 90 [89], 10).

Na vida, além da velhice, que poderíamos considerar uma doença «natural», há também as doenças, que podem surgir em qualquer idade.

Neste campo posso ter alguma experiência. Depois da minha detenção, fui operado cinco vezes. Em duas ocasiões estive à beira da morte por causa de infecções graves e recebi a unção dos doentes, administrada por cinco

irmãos bispos que choravam, compadecidos com a sorte humanamente desesperada do seu irmão.

Para compreender o lugar das doenças na economia divina, devemos centrar bem o valor do corpo humano.

«O corpo humano — afirma Paulo VI — é sagrado. [...] Sim, a divindade habita nele; [...] Mais ainda: quando a graça santifica o homem, o seu corpo não é apenas instrumento da alma e seu órgão; é também o templo misterioso do Espírito Santo [...]. Uma nova concepção da carne humana abre-se diante dos nossos olhos; [...] que não altera de modo algum a visão da realidade física e biológica. [...] Enche-a de um novo atractivo, que nem o prazer nem a beleza sugerem, mas que o amor de Cristo inspira» [130].

Dar valor às nossas provações físicas e morais

O amor cristão é aquilo que dá valor e sentido à nossa existência, quando a doença põe em causa a integridade do corpo, porque em nós há uma vida que não está condicionada pelo estado do nosso físico, mas pelo amor que sabemos dar. «Doentes, vós sois fortes como Jesus na cruz», exclamou um dia João Paulo II. Sim, porque a nossa força está em Cristo, em Cristo crucificado e abandonado! Quando somos fracos, então somos fortes.

Experimentei-o na prisão. Quando vivia momentos de sofrimento extremo físico e moral, pensava em Jesus crucificado. Aos olhos humanos, a sua vida é derrota, desilusão, fracasso. Confinado à mais absoluta imobilidade, já não pode dialogar com as pessoas, curar os doentes, ensinar... Mas, aos olhos de Deus, esse momento é o mais importante, porque é ali que Ele derramou o seu sangue para a salvação da humanidade.

«Cada um é convidado a atravessar este limiar», disse João Paulo II no jubileu dos doentes: a Porta da vida, a Porta da salvação, que é Jesus. E recordou que a dor e a doença fazem parte do mistério do homem na terra. «A “chave” de tal leitura (do desígnio de Deus) é constituída pela Cruz de Cristo. [...] Quem sabe acolhê-la na própria vida experimenta que a dor, iluminada pela fé, é fonte de esperança e de salvação» [131].

A morte

«Com humilde e serena confiança» (Paulo VI).

O pensamento sereno da morte acompanhou durante toda a sua vida o Papa João XXIII. A primeira redacção do seu testamento espiritual é de 1925, ano da sua consagração episcopal, 38 anos antes da sua morte.

O testamento de Paulo VI está datado de 30 de Junho de 1965, treze anos antes da sua morte.

Estes dois grandes Papas deram-nos o exemplo da fé para fixar «o olhar no mistério da morte e do que se segue, à luz de Cristo, o único que a ilumina» [132].

Há dois momentos-chave na vida do homem: o nascimento e a morte: a vida terrena que começa e a vida que termina, atravessando o limiar do tempo para a eternidade; momento este que é sempre acompanhado por uma forte e especial densidade de sentimentos humanos.

A morte é o mais sério da vida; é a prova maior de todas, a definitiva: o auge da nossa vida, a última oferta que podemos fazer a Deus aqui na terra. Estamos certos de que, nessa hora, como aconteceu com José, Jesus e Maria nos assistirão.

A visão cristã desse momento está bem expressa num dos prefácios da liturgia dos defuntos: «A vida dos que em vós creem, Senhor, não acaba, transforma-se; e, desfeita a nossa morada terrena, adquirimos uma habitação eterna no Céu».

Na cultura vietnamita há um provérbio que diz: «O nascimento é uma peregrinação, e a morte, o regresso a casa». Por isso, na minha terra, os mortos são sepultados voltados para a montanha, como se, a partir desses cumes, tivessem de subir ao céu, como Jesus no momento da sua ascensão.

Viver para aquela hora

Jesus, com a sua vida, que culminou na paixão e morte, indicou-nos o caminho para subir ao Céu: foi o primeiro a percorrer o caminho do Calvário. Não escolheu outros caminhos para levar a termo a sua obra.

Vindo à terra, curou os doentes, anunciou a Boa Nova, fundou a Igreja, mas, sobretudo, viveu para a sua «hora», quando, elevado na cruz, atraiu todos a si (cf. Jo 12, 32); foi nessa «hora» que realizou a sua obra.

Também nós, como Jesus, devemos viver para a nossa «hora». Cada um de nós tem a sua «hora»; por isso, é bom viver esperando-a e oferecer essa «hora» desde já pelos fins que Deus nos confiou, mesmo quando gozamos de pleno vigor físico.

É a «hora» mais «bela», a «hora» da vida, mais do que da morte; é o momento do encontro com Jesus: nós havemos de o ver. É ali que Ele nos espera, e com Ele veremos Maria, a quem tantas vezes invocámos na vida para que interceda por nós: «Rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte». E ela, como Mãe amorosa, acolher-nos-á e conduzir-nos-á, como filhos seus amados, ao Pai.

O exame da misericórdia

Na segunda meditação apresentei cinco defeitos de Jesus. Agora acrescento um sexto: Jesus, como mestre, seria sem dúvida despedido pelo ministro da Educação, porque revelou o tema do exame final, que era secreto. E, além disso, descreveu o seu desenvolvimento: «O Filho do Homem virá na sua glória... Todos os povos da terra serão reunidos diante dele... e colocará os justos de um lado e os maus do outro» (cf. Mt 25, 31-33). O tema desse juízo será o amor: «Em verdade vos digo: sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes» (v. 40).

Mas Jesus não é apenas responsável por ter revelado o tema do exame, mas também por o ter simplificado, substituindo as dez perguntas do decálogo por um resumo: «Amar a Deus e ao próximo».

Jesus, tu és o nosso mestre, o nosso juiz, o nosso prémio. Já não tenho medo de ser julgado, mas desejo ardentemente comparecer diante do meu

juiz, que é tão bom, generoso e misericordioso.

*Sis Iesu nostrum gaudium,
qui es futurus premium,
sit nostra in te gloria,
per cuncta semper saecula [133].*

(Hino Iesu dulcis memoria)

O supremo ato de amor

Quero concluir esta meditação com dois testemunhos: recordo a narração dos últimos momentos do padre Joseph Lagrange, O. P., fundador da Escola Bíblica de Jerusalém e exemplo de coragem, humildade e fé nas provações. Estava há muito tempo em coma quando, na presença dos seus irmãos religiosos, de repente se sentou na cama, abriu os olhos e, com as mãos estendidas para o alto, exclamou: «Jerusalém, Jerusalém». Foi como se tivesse visto a Jerusalém celeste. Depois, lentamente, fechou os olhos, inclinou a cabeça e expirou.

Paulo VI, no seu testamento, escreveu:

«Por isso, diante da morte, total e definitiva separação da vida presente, sinto o dever de celebrar o dom, a sorte, a beleza, o destino desta existência fugaz: Senhor, dou-te graças por me teres chamado à vida e, mais ainda, porque, tornando-me cristão, me regeneraste e me destinaste à plenitude da vida. [...]. Sinto que a Igreja me envolve: ó santa Igreja, una, católica e apostólica, recebe com a minha saudação de bênção o meu acto supremo de amor» (n. 1).

A ALEGRIA DA ESPERANÇA*TRISTITIA VESTRA VERTETUR IN GAUDIUM*

Entre os ciprestes e as figueiras, com o perfume das primeiras flores da primavera, o sol começa a pôr-se. O ar é fresco. Dois homens avançam apressadamente pelo caminho de Emaús, aldeia que dista de Jerusalém cerca de onze quilómetros. Estão tristes (cf. Lc 24, 13-35).

Os seus sentimentos e vicissitudes fazem-nos pensar no nosso caminho nesta época histórica da Igreja.

Pelo caminho de Emaús

Tal como os dois discípulos, que estavam tristes e diziam: «Nós esperávamos que fosse ele quem libertaria o povo de Israel, mas...», humanamente, por vezes a Igreja sente-se cansada, triste, desiludida com a situação do mundo de hoje, que descrevemos na quarta meditação.

É a frustração de uma Igreja que se apoia em esperanças que não se realizam.

Jesus, a quem os discípulos tomam por um peregrino, explica-lhes a Sagrada Escritura, começando por Moisés e passando pelos profetas, para lhes fazer compreender uma verdade enigmática: «O Messias não tinha de sofrer essas coisas antes de entrar na sua glória?».

Cristo, o Crucificado Ressuscitado, mediante a sua manifestação aos discípulos de Emaús, revela-nos claramente que o mistério de morte e de vida, a cruz e a ressurreição, são a chave para compreender as Escrituras e, com elas, a vida da Igreja. A nossa esperança não tem consistência se não estiver fundada na Palavra de Deus, no mistério da cruz e na Páscoa gloriosa de Cristo.

Cristo está presente na Igreja quando se leem as Escrituras. A sua companhia com os discípulos, o caminho percorrido com eles, indica a certeza inefável de que está connosco ao longo do caminho da história, como luz que ilumina e fogo que aquece os corações.

No momento da *fractio panis* — um gesto que certamente despertou a consciência dos dois caminhantes —, os olhos dos discípulos abriram-se e reconheceram Jesus. Só com os olhos da fé pode a Igreja reconhecer Jesus.

Ele ofereceu aos discípulos o pão eucarístico e, com ele, entrou no seu coração. Já não estava apenas diante deles, no meio deles, mas neles: uma presença de amor capaz de transformar a sua vida.

Pelo caminho de Emaús, os discípulos indicam-nos o caminho: com a Eucaristia, a Palavra de Deus e o mistério da cruz, a Igreja pode avançar humildemente e com alegria no seu caminho, sustentada sempre pela presença do Salvador.

Mudança de rumo

«Levantaram-se — escreve Lucas — e voltaram imediatamente para Jerusalém».

A força da presença de Cristo operou o milagre. Voltaram sobre os seus passos, regressaram a Jerusalém com o coração cheio de alegria, para serem testemunhas, anunciadores do que tinham experimentado: a presença de Jesus no meio deles, a força irresistível da sua Palavra, que iluminava toda a Escritura, a amizade do Ressuscitado, que tinha suscitado o clamor: «Fica connosco, porque anoitece!». E depois aquela refeição oferecida por Jesus, na qual, de novo — mas agora Ressuscitado —, Ele se entregava aos discípulos como pão de ressurreição e de vida.

Em Jerusalém encontraram os Onze reunidos com os seus companheiros. Também eles sabiam que o Senhor tinha ressuscitado dos mortos. Uns e outros, na alegria de uma partilha recíproca, foram novamente evangelizados pelo anúncio da Ressurreição. Os do cenáculo diziam: «O Senhor ressuscitou verdadeiramente e apareceu a Simão». E os dois de Emaús confirmavam, contando o que tinha acontecido no caminho e como o tinham reconhecido ao partir o pão (cf. Lc 24, 33-35).

«A paz esteja convosco»

Cada vez que Jesus aparece depois de ressuscitar, saúda sempre assim: «A paz esteja convosco». É como dizer: «Eu estou convosco». Jesus é a nossa paz, a nossa esperança. Por isso, os discípulos de Emaús confessam: «Não ardia o nosso coração quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?».

Esta verdadeira paz, que é alegria que o mundo não pode dar, só se alcança com o caminho penitencial, com a mudança real de vida, como nos exige o compromisso jubilar.

É necessário escutar o que o Espírito diz às sete Igrejas, como considerámos na terceira meditação: «Um balanço no início do século XXI». É preciso sair sempre da situação de uma Igreja que perdeu o primeiro amor, que tolera a idolatria, que cedeu ao compromisso; da preguiça de uma Igreja que dorme ou vive morna na mediocridade, para ser Igreja pobre, Igreja que escuta o Espírito Santo, Igreja de comunhão.

Transformar o humano para o converter em divino: isso exige uma *metanoia*, uma mudança radical. Como a mudança progressiva e depois decisiva dos discípulos de Emaús: convertidos pela Palavra e pela presença viva de Cristo, mudaram de caminho. Fugiam de Jerusalém, a cidade do escândalo da morte do seu Mestre, em quem tinham colocado as suas esperanças, e agora, sem medo, regressam a Jerusalém, cidade da morte e da ressurreição do seu Senhor.

Uma alegria que ninguém nos tirará

Com esta atitude de purificação, de regresso a Cristo, a nossa tristeza transforma-se em alegria.

Jesus tinha-o prometido e agora cumpre-o: «A vossa tristeza transformar-se-á em alegria... Voltarei a ver-vos e o vosso coração alegrar-se-á, e a vossa alegria ninguém vo-la poderá tirar» (Jo 16, 20-23). Ele é verdadeiramente o amigo fiel. Os discípulos voltaram a vê-lo e experimentaram a alegria de uma presença que ninguém lhes poderá arrebatá-lo.

Ninguém nos pode dar esta alegria, que ultrapassa toda a possibilidade e todo o conhecimento humano. Na terra cuidamos de um doente enquanto está vivo, mas quem cuidará de um cadáver? Seria loucura! E, no entanto, Jesus morreu, foi sepultado e ressuscitou. Daqui nasce a nossa alegria: uma alegria imensa, sempre nova, perene, porque é divina. *Sero te amavi, pulchritudo tam antiqua et tam nova, sero te amavi!* — «Tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei!» [134].

Na história de hoje não faltam situações em que a Igreja vive na «esperança contra toda a esperança»: no sofrimento de se sentir abandonada pelo Pai, no sofrimento que provém da divisão entre os cristãos, no sofrimento do martírio e da condição de minoria. Precisamente a esta Igreja se dirige a promessa do Apocalipse: «Já não haverá morte, nem luto, nem gritos, nem dor, porque o mundo antigo passou». Haverá «um céu novo e uma terra nova» (cf. Ap 21, 4.1).

Se começámos os exercícios espirituais com o itinerário dos Patriarcas segundo o livro do Génesis, agora abre-se diante de nós a visão de paz do Apocalipse.

Cristo está no meio de nós mediante o amor

A paz que Jesus anuncia aos seus discípulos realiza-se no amor, mandamento-síntese no qual Jesus resumiu o decálogo da Lei de Moisés: o amor a Deus e aos nossos irmãos. No amor, o coração reconcilia-se, unifica-se, recupera a paz para a qual fomos criados e à qual estamos destinados.

Em 18 de Janeiro de 2000, na liturgia de abertura da Porta Santa da Basílica de São Paulo Fora dos Muros, por um momento — quase profético — fizemos a experiência de uma *pax oecumenica*, que se expressou no abraço da paz como sinal de caridade mútua. Ainda ressoam em nós as palavras da liturgia bizantina que então se recitaram: «Amemo-nos uns aos outros, para que, na unidade do espírito, professemos a nossa fé no Pai, no Filho e no Espírito Santo». E as palavras do antigo canto gregoriano que a liturgia romana atribui à Quinta-Feira Santa:

«Onde há caridade e amor, aí está Deus.
Cristo, amor, reuniu-nos a todos.

Alegremo-nos e exultemos no Senhor!
Temamos e amemos o Deus vivo,
e amemo-nos uns aos outros com coração sincero...
Evitemos dividir-nos entre nós,
fora as lutas malignas, fora as rivalidades,
e reine no meio de nós Cristo Deus».

Cristo está no meio de nós como nossa paz e nossa reconciliação quando amamos a Deus e nos amamos uns aos outros.

Para sermos testemunhas de esperança

O episódio de Emaús recorda-nos uma realidade alegre da experiência cristã: a presença permanente, na Igreja, de Cristo Ressuscitado. Presença viva e real, na Palavra, nos sacramentos, na Eucaristia. Mas também nas pessoas e entre as pessoas, nos ministros da Igreja, nos pobres, em cada irmão.

Celebrando o Grande Jubileu do ano 2000, podemos dizer, como o Santo Padre nos recordou, que o nosso jubileu é Cristo, mas Ele é também o nosso júbilo, a nossa alegria. Há dois mil anos, a Igreja vive desta presença. E, olhando para o futuro, tem a esperança da sua promessa: «Eu estou convosco todos os dias até ao fim do mundo» (Mt 28, 20).

Devemos ser testemunhas desta presença e desta esperança.

Como podemos sê-lo verdadeiramente, na alegria de testemunhas credíveis?

Nestes dias vivemos juntos algo do caminho de Emaús. Ao concluir os exercícios e ao deixar, como é habitual, uma recordação, podemos resumir em algumas palavras-chave o nosso compromisso, o nosso pacto recíproco de sermos uns para os outros, em torno do sucessor de Pedro, testemunhas alegres da esperança.

Aprendamos com os discípulos de Emaús, seguindo as suas reacções.

Voltemos a Jerusalém

Voltemos às origens do Evangelho! Voltemos continuamente a Jerusalém, como o Santo Padre faz neste ano jubilar. Um regresso às fontes, ao centro da Igreja, onde Jesus ensinou, sofreu a paixão, morreu e foi sepultado.

Parecia o fim. Pilatos tinha enviado soldados para guardar o túmulo de Jesus; os judeus tinham rolado uma grande pedra diante do sepulcro e tinham-na selado. Queriam destruí-lo para sempre, apagá-lo da memória de todos, inclusive dos seus.

Mas foi em Jerusalém que Jesus ressuscitou e apareceu a muitas pessoas. A Igreja exulta de alegria porque Jesus disse: «Coragem! Eu venci o mundo» (Jo 16, 33).

Com os discípulos de Emaús, voltemos ao espírito autêntico do Evangelho, voltemos a fazer do mistério pascal a fonte da nossa esperança!

Permaneçamos unidos à comunidade eclesial em torno de Pedro

É a segunda reacção. No cenáculo, os discípulos de Emaús encontram a comunidade eclesial e o discípulo a quem Jesus prometera confiar a sua Igreja: Pedro. A ele foi concedida uma aparição especial do Senhor: «Apareceu a Simão» (Lc 24, 34).

Pedro tem uma função essencial de unidade na Igreja. Por isso, a Pedro e aos sucessores de Pedro, Jesus concedeu uma graça especial de *martyria*, de testemunho de fé em Jesus. Pedro confessa a fé em Cristo, Filho de Deus vivo. Corre ao sepulcro e constata que o Senhor ressuscitou. Diante de Jesus e dos outros discípulos, confessa o seu amor pelo Mestre. E, em Roma, na Colina Vaticana, sela com o seu sangue a confissão da fé e o primado da caridade.

O perfil petrino da Igreja é também este: a unidade da fé e do amor por Cristo em torno de Pedro, para que a Igreja seja una na sua essência de amor e de serviço.

Com Maria, a Mãe de Jesus

Os Evangelhos não o dizem, mas a intuição do Povo de Deus confirma-o. Na comunidade dos discípulos, privados da presença física do Mestre, Maria, a Mãe de Jesus, é, antes e sobretudo depois da Ascensão, como a garantia da contínua assistência do Senhor e a certeza da promessa do Espírito Santo.

Maria, a Mãe, remete espontaneamente para o Filho. Maria, a cheia de graça, cheia do Espírito Santo, é garantia da futura efusão do Espírito.

A Mãe de Jesus, a toda Santa, revela o perfil mariano da Igreja. Uma Igreja família. Uma Igreja fraterna, acolhedora e solidária. Com Maria sentimo-nos irmãos uns dos outros, unidos na confissão de Cristo. Com o seu coração misericordioso, sentimo-nos abertos a todos. E a Igreja é católica com as dimensões da Mãe da unidade, que abraça todos os seus filhos dispersos pelo mundo.

Maria, que é Amor acolhido, correspondido e partilhado, é modelo da Igreja, que é Mistério, Comunhão e Missão.

Creio na Igreja una, santa, católica, apostólica e jubilosa

Começámos estes exercícios espirituais com o *Liber generationis*, recordando a vocação de Abraão, e concluímos com Abraão. A nossa esperança é Jesus, o único Salvador, que nos espera na alegria eterna do banquete, no qual também o pobre Lázaro está no seio de Abraão. Dia após dia avançamos pelo caminho, semeamos as sementes de esperança para uma nova primavera da Igreja una, santa, católica, apostólica e jubilosa.

Jesus já veio ao mundo: «E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós» (Jo 1, 14). «Anuncio-vos uma grande alegria: nasceu Cristo» (cf. Lc 2, 10-11). A escatologia já começou, embora de modo incoativo, e só se consumará no Céu.

Nesta vida terrena já possuímos a alegria da esperança, porque Deus não só prometeu a salvação «aos nossos pais, a Abraão e à sua descendência para sempre», mas também «jurou a Abraão, nosso pai...» (Lc 1, 55.73). A nossa alegria é tão grande e inefável porque está garantida pelo próprio Deus.

Se um peregrino que chega a Roma e obtém da Prefeitura da Casa Pontifícia um bilhete para assistir a uma audiência do Papa se sente feliz e cheio de alegria na esperança, porque tem a certeza de poder ver o Santo Padre, com maior razão temos nós motivos para estar cheios de alegria: fomos batizados, recebemos da Prefeitura da Casa celeste, que tem como prefeito São Pedro, um bilhete para ver a Santíssima Trindade. Esse bilhete já está no nosso bolso. E cada manhã mergulhamos na alegria imensa e perene da esperança.

Disse Jesus aos judeus: «Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia; viu-o e alegrou-se» (Jo 8, 56).

PALAVRAS DO SANTO PADRE COMO CONCLUSÃO DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

Como conclusão dos exercícios espirituais, dou graças ao Senhor, que me concedeu a alegria de partilhar convosco, queridos e venerados irmãos da Cúria Romana, estes dias de graça e de oração. Foram dias de intensa e prolongada escuta do Espírito, que falou aos nossos corações no silêncio e na meditação atenta da Palavra de Deus. Foram dias de forte experiência comunitária, que nos permitiram sentirmo-nos, como os apóstolos no cenáculo, «todos perseverantes na oração, com um só coração, juntamente... com Maria, a Mãe de Jesus, e com os seus irmãos» (Act 1, 14).

Dou graças, em nome de cada um de vós, ao queridíssimo Mons. François-Xavier Nguyen Van Thuan, Presidente do Pontifício Conselho Justiça e Paz, que, com simplicidade e inspiração espiritual, nos guiou no aprofundamento da nossa vocação de testemunhas da esperança evangélica no início do terceiro milénio. Testemunha ele próprio da cruz nos longos anos de prisão no Vietname, contou-nos frequentemente factos e episódios do seu duro cativeiro, encorajando-nos assim na consoladora certeza de que, quando tudo desmorona à nossa volta e talvez também dentro de nós, Cristo continua a ser o nosso apoio infalível. Agradecemos ao arcebispo Van Thuan — na prisão era simplesmente o Sr. Van Thuan — o seu testemunho, tão significativo neste ano jubilar.

Cristo crucificado e ressuscitado é a nossa única e verdadeira esperança. Fortalecidos pelo seu auxílio, também os seus discípulos se tornam homens e mulheres de esperança. Não de esperanças a curto prazo e passageiras, que depois deixam cansado e frustrado o coração humano, mas da verdadeira esperança, dom de Deus que, sustentada do alto, tende a alcançar o Sumo Bem e tem a certeza de o conseguir. Desta esperança tem urgente necessidade o mundo de hoje. O Grande Jubileu que estamos a celebrar conduz-nos, passo a passo, a aprofundar as razões desta esperança cristã, que pede e favorece uma confiança crescente em Deus e uma abertura cada vez mais generosa aos irmãos.

Maria, Mãe da esperança, que ontem à tarde o pregador nos convidou a contemplar como modelo da Igreja, nos obtenha a alegria da esperança, de modo que também para nós, nos momentos de provação, como aconteceu com os discípulos de Emaús, a presença de Cristo transforme a nossa tristeza em alegria. *Tristitia vestra vertetur in gaudium.*

Com estes sentimentos, abençoo-vos de coração e peço a todos vós que continueis a acompanhar-me com a oração, sobretudo na peregrinação à Terra Santa que, se Deus quiser, terei a alegria de realizar na próxima semana.

18 de Março de 2000
JOANNES PAULUS II

NOTAS

[1] Carta autógrafa do Santo Padre

[2] *O pórtico do mistério da segunda virtude*, Encuentro, Madrid 1991, p. 13

[3] B. PASCAL, *Pensées*, n. 477, em *Oeuvres complètes* (ed. J. Chevalier), Paris 1954

[4] Cf. *O pórtico do mistério...*, cit., pp. 132-134.

[5] Salve, Mãe de misericórdia / Mãe de Deus e Mãe de indulgência / Mãe da esperança e Mãe da graça / Mãe cheia de santa alegria / Ó Maria.

[6] Cf. *La preghiera dell'Adsumus. Note storico-critiche*, em D. BALBONI, *Anédota litúrgica*, 1, Cidade do Vaticano 1984, pp. 17-24.

[7] *Do Comentário ao Salmo 118*, 22, 28: PL 15, 1599

[8] «Testamento de Paulo VI», 30-6-1965, n. 6, em *L'Osservatore Romano*, 12-8-1978, p. 2

[9] AA.Vv., *O livro negro do comunismo. Crimes, terror, repressão*, Paris 1997, p. 14.

[10] *Dives in misericordia*, n. 11

[11] CARD. C. M. MARTINI, *Qualche anno dopo*, Casale Monferrato 1987, p. 37

[12] Cf. JOÃO PAULO II, *Centesimus annus*, n. 54

[13] *Acta Proconsularia S. Cypriani III-IV*: PL 3, 1561-1563

[14] P. EVDOKIMOV, *Le età della vita spirituale*, Bolonha 1968, pp. 257-258.

- [15] PAOLO DELLA CROCE, *Lettere I*, Roma 1924, pp. 645-646.
- [16] TERESA DE LISIEUX, *O meu canto de hoje*, Poesia 13, em *Obras completas*, Monte Carmelo, Burgos 1975⁴, p. 1056.
- [17] CHIARA LUBICH, *Escritos espirituais/2*, Ciudad Nueva, Madrid 1999, p. 118.
- [18] JACQUES MARITAIN, *Diário de Raissa*, Brescia 1968, p. 146.
- [19] *Homilia sobre o Levítico 12, 4*: SC 287, p. 182.
- [20] PAULO VI, «*Pensamento sobre a morte*», em *Ecclesia*, 25-8-1979, p. 12.
- [21] *Davanti a Lui Pagine dal Diario*, Milão 1999, pp. 31-32
- [22] *Buddismo, Cristianesimo e Islamismo*, Newton, 1993, p. 52.
- [23] Cf. A Diogneto VII, 4, em *Padres apostólicos*, Ciudad Nueva, Madrid 2000, p. 564.
- [24] Em *Numeros Homilia*, 16, 9: PG 12, 701.
- [25] *Commentarius in Ecclesiasten*, III, 8, 12-13: CCI, 72, 278.
- [26] *Enarrationes in XII psalmos davidicos, Salmo 1 33*: PL 14, 984.
- [27] Cf. *Breviarium in psalmos, Salmo 147*: PL 26, 1334
- [28] F.-X. NGUYEN VAN THUAN, *Il cammino della speranza. Testimoniare con gioia l'appartenenza a Cristo*, Roma 1992, p. 194 (n. 985).
- [29] *Insegnamenti di Paolo VI*, V, Cidade do Vaticano 1968, p. 936
- [30] Cf. DEFENSOR GRAMMATICUS, *Liber Scintillarum*, SC 77, p.

- [31] Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 470
- [32] Em *Ep. ad Rom. Hom.*, 21, 2: PG 60, 605.
- [33] MADRE TERESA DE CALCUTÁ, *Tu mi porta l'amore*, Roma 1979, p. 48
- [34] C. LUBICH, *Escritos espirituais/1*, Ciudad Nueva, Madrid 1995, p. 33
- [35] Manuscrito B 3 v., em: *Obras Completas*, Monte Carmelo, Burgos 1996, p. 261
- [36] «Tudo faço pelo Evangelho»
- [37] *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, V/3 (1982), pp. 1141-1142.
- [38] MÁXIMO, O CONFESSOR, *Ambiguorum liber*: PG 91, 1048.
- [39] AGOSTINHO, *Contra Faustum*, 5, 9: PL 42, 226; LEÃO MAGNO, *Sermo* 54, 4: PL 54, 321.
- [40] *Salvifici doloris*, n. 18.
- [41] SÃO JOÃO DA CRUZ, *Subida do Monte Carmelo*, l. 2, c. 7, par. 11, em *Obras Completas*, Ed. de Espiritualidade, Madrid 1980, p. 263.
- [42] ORÍGENES, *Homilia in Ezechielem*, 6: PG 13, 714.
- [43] *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, VIII/1 (1985), Cidade do Vaticano 1986, p. 918.
- [44] Entrevista televisiva na SAT 2000 (19-1-2000)
- [45] *Ibid.*
- [46] *L'Osservatore Romano*, 27-2-2000, pp. 4-5
- [47] *Ibid.*

[48] *L'Osservatore Romano*, 19-1-2000, p. 7

[49] Cf. *Unitatis redintegratio*, n. 7.

[50] ATENÁGORAS, *Chiesa Ortodossa e futuro ecumenico. Dialoghi con Olivier Clément*, Brescia 1995, pp. 209-211.

[51] F.-X. NGUYEN VAN THUAN, *Cinco pães e dois peixes*, Madrid 2000, p. 72.

[52] A. RICCARDI, *Le parole della croce*, Brescia 1999, p. 13.

[53] J. BRODSKIJ, *Solovski. Le isole del martirio. Da monastero a primo lager sovietico*, Milão 1998, p. 152

[54] *Tertio millennio adveniente*, n. 37.

[55] O. VASIL'EVA, *Russia martire. La Chiesa ortodossa dal 1917 al 1941*, Milão 1999, p. 95

[56] *Discorsi ascetici*, 58, citado por O. CLÉMENT, *Alle fonti con i Padri. I mistici cristiani delle origini. Testi e commento*, Roma 1987, p. 270.

[57] GIOVANNI CASSIANO, *Conferenze 10, 7: SC 54*, p. 81.

[58] GIOVANNI CASSIANO, *Conferenze 10, 7: SC 54*, p. 81

[59] *Vita e detti dei Padri del deserto*, Roma 1999², p. 88

[60] *Enarrationes in Psalmos 37, 14: PL 36, 404*

[61] *Ibid.*, 34, II, 16: PL 36, 341.

[62] ISACCO DE NÍNIVE, *Discorsi ascetici*, 85, cit. por O. CLÉMENT, *Alle fonti con i Padri*, Roma 1987, p. 205

[63] E. ANCILLI, «*Il mistero della preghiera cristiana*», em *La preghiera. Bibbia. Teologia. Esperienze storiche*, preparado por E.

ANCILLI, 1, Roma 1988, p. 34.

[64] *Enarrationes in Psalmos* 85, 1: PL 37, 1081.

[65] *Liber usualis*, p. 1158: «São abatidos pela espada como se fossem ovelhas / não lançam qualquer protesto nem queixa, / com coração intrépido o seu espírito, plenamente consciente, / conserva a paciência»

[66] *Tertio millennio adveniente*, n. 55

[67] Cf. JOÃO PAULO II, *Dies Domini*, n. 46

[68] EUSEBIO DE CESAREIA, *Historia ecclesiastica* VII, 22, 4: PG 20, 687-688

[69] *Aos Efésios* XX, 2, em *Padres apostólicos*, cit., p. 247.

[70] Cf. S. TOMÁS, *In IV Sent.*, d. 12, q. 2, a. 1: *Opera Omnia* X, Paris 1839, p. 307

[71] Cf. *Serm.* 63, 7: PL 54, 357, citado por LG 26.

[72] *Conf.* VII, 10, 16: PL 32, 742.

[73] *Cat. Myst.* 4, 3: PG 33, 1100.

[74] TERESA DE JESUS, *Livro da Vida*, c. 22, n. 6.

[75] Em *Ioan. Ev.*, 11, 11: PG 74, 560

[76] *Didaché* 4, 8, em *Padres apostólicos*, cit., p. 44

[77] Em *Math. Hom.* 50, 3, 4: PG 57, 507-510.

[78] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1397.

[79] *Insegnamenti di Paolo VI*, VII (1969), Cidade do Vaticano 1970, p. 1130.

[80] O padre Joseph Kentenich († 1968), fundador da Obra de Schönstatt.

[81] *Sacrosanctum Concilium*, n. 7; *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1373.

[82] *Lumen gentium*, n. 50

[83] SANTO AGOSTINHO, *Discurso* 235, 2: PL 38, 1118

[84] GÉRARD ROSSÉ, «*Gesù in mezzo*» em *prospettiva ecclesiale*, em *Gen's* 30 (2000), pp. 3-4

[85] Em *Mt. Hom.* 61, 2-3: PG 58, 587

[86] *At. Apost.* 2, 4: PG 51, 83, 160.

[87] Cf. C. LUBICH, *Escritos espirituales/3*, Ciudad Nueva, Madrid 1998, p. 177.

[88] As palavras exatas são: «Sou filha da Igreja». Trata-se das últimas palavras pronunciadas pela santa no seu leito de morte.

[89] C. LUBICH, *Escritos espirituais/1*, Ciudad Nueva, Madrid 1995, p. 217-218.

[90] *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1, Cidade do Vaticano 1992, p. 566.

[91] Manuscrito autobiográfico B, 3 vº.

[92] *Ibid.*, 1.

[93] *Dom e mistério*. No L aniversário do meu sacerdócio, BAC, Madrid 1996, p. 66

[94] *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XVIII/1, Cidade do Vaticano 1997, p. 382

[95] PG 31, 931, 934.

[96] *Lib.* 1, c. 20, 1-6.

[97] *Regulae fusius tractatae, Interrogatio* 7, 3, 1-2: PG 31, 928-929

[98] K. RAHNER, «*Elementi di spiritualità nella Chiesa del futuro*», em *Problemi e prospettive di spiritualità*, preparado por T. Goffi - B. Secondin, Brescia 1983, pp. 440-441.

[99] *Insegnamenti di Giovanni Paolo II, XVIII/1*, Cidade do Vaticano 1997, p. 382

[100] J. M. POVILOS, *Jesus no meio no pensamento de Chiara Lubich*, Ciudad Nueva, Madrid 1989, p. 79.

[101] JOÃO PAULO II, [Exort. Apost.] *Vita consecrata*, n. 42.

[102] *Pregchiere di speranza. Tredici anni in carcere*, Cinisello Balsamo 1997, pp. 44-45

[103] *Carta de 18-6-1536*, em: *Obras completas de S. Ignacio de Loyola*, BAC 86, Madrid 1952, p. 660

[104] *Disciplina e perfezione della vita monastica*, Roma 1967, p. 4

[105] Cf. C. LUBICH, «*La spiritualità collettiva e i suoi strumenti*», em: *Gen's* 25 (1995), p. 52

[106] *Discurso* 336, 1, 1: PL 37, 1736.

[107] *A cidade de Deus*, 10, 3, 2: PL 41, 280

[108] «*Fonte viva, fogo, caridade*».

[109] «*Senhor e dador de vida*»

[110] *Fonti francescane, II*, Assis 1977, pp. 2391-2393 *passim*.

[111] *L'Osservatore Romano*, 1-2 de junho de 1999

[112] «Sem o teu divino auxílio, nada [de bom] há no homem».

[113] J. RATZINGER, «*I movimenti ecclesiali e la loro collocazione teologica*», em: AA. Vv., *I movimenti nella Chiesa. Atti del Congresso mondiale dei movimenti ecclesiali*, Roma 27-29 maggio 1998, Libreria Editrice Vaticana 1999, p. 24

[114] I. HAZIM, *La Risurrezione e l'uomo di oggi*, Roma 1970, pp. 25-26

[115] JOÃO CRISÓSTOMO, em *Mt. Hom.* 1, 1: PG 57-58, 15.

[116] Const. Ap. *Humanae salutis*, 25-12-1961.

[117] SÃO TOMÁS, *S. Theologiae* III, q. 109, a. 1, ad 1; o mesmo pensamento em *De veritate*, q. 1, a. 8. O texto, provavelmente, é de Ambrosiaster: *Comm. in 1 Co* 12, 3: PL 17, 258: *Quidquid enim verum a quocumque dicitur, a Sancto dicitur Spiritu* - «A verdade que alguém diz, di-la o Espírito Santo»

[118] Palavras pronunciadas na audiência de quarta-feira, 29 de novembro de 1972: *Insegnamenti di Paolo VI*, X (1972), Cidade do Vaticano 1973, pp. 1210-1211.

[119] *Werke*, XI, Druten/Friburgo-Basileia-Viena 1987, p. 175.

[120] Bula de proclamação do Grande Jubileu *Incarnationis Mysterium*, 14.

[121] *Oeuvre Poétique*, Éditions Gallimard, Paris 1967, pp. 539 ss.

[122] J. RATZINGER, *Die Ekklesiologie des Zweiten Vatikanums*, em: IKZ 15 (1986), p. 52.

[123] Cf. *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, V/3 (1982), Cidade do Vaticano 1983, pp. 1141-1142.

[124] João Paulo II numa catequese sobre os sinais de esperança presentes na Igreja, em: *L'Osservatore Romano*, 26.11.98, p. 6

[125] «Mostra-nos o Pai e isso nos basta. / Mostra que és mãe e isso nos basta».

[126] Cf. CÍCERO, *Cato Maior, seu de Senectute* 19, 70.

[127] Carta do Santo Padre João Paulo II aos idosos, 1-10-1999, n. 5.

[128] Cf. JOÃO PAULO II, *Ai partecipanti alla XII Conferenza Internazionale organizzata dal Pontificio Consiglio della Pastorale per gli Operatori Sanitari*, em: *L'Osservatore Romano*, 1-11-1998.

[129] Carta aos idosos, n. 13.

[130] *Insegnamenti di Paolo VI*, I (1963), Cidade do Vaticano 1965, p. 141.

[131] «Homilia por ocasião do Jubileu dos doentes» (11-2-2000), em *Ecclesia*, n. 2.986, pp. 24-25.

[132] «*Testamento di Paolo VI*», n. 1, em *L'Osservatore Romano*, 12-8-1978, p. 227.

[133] «Sê, Jesus, a nossa alegria, / tu que és a recompensa futura, / esteja a nossa glória em ti / sempre e por todos os séculos».

[134] SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, X, 27.

ÍNDICE

DEDICATÓRIA

INTRODUÇÃO

DEUS ESCREVE DIREITO POR LINHAS TORTAS

COM A FORÇA DA GRAÇA DE DEUS

1. DIANTE DO MISTÉRIO DE DEUS

LIBER GENERATIONIS IESU CHRISTI

- A genealogia de Cristo
- O mistério da nossa chamada
- O mistério do pecado e da graça
- O mistério da esperança
- Atravessar juntos o limiar da esperança

ESPERA EM DEUS!

2. JESUS SALVADOR, ÚNICA ESPERANÇA

SIMON, QUID DICIS DE ME?

- Os defeitos de Jesus
- E nós acreditámos no amor
- Fizeste admiravelmente todas as coisas
- Ainda mais admiravelmente as restauraste

3. UM BALANÇO NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

REDDE RATIONEM VILLICATIONIS TUAE

- O Senhor chama-nos à conversão
- Palavra de verdade
- O que o Espírito diz às Igrejas
- *Adsumus, Domine*: Com humildade na presença de Deus
- Vem, Senhor Jesus!

4. O MUNDO DE HOJE

SIC DEUS DILEXIT MUNDUM

- Esta terra magnífica
- Esta terra dolorosa
- Esta terra dramática
- Anunciamos uma grande alegria: nasceu-nos o Salvador

• 5. DEUS, E NÃO AS OBRAS DE DEUS

PORRO UNUM

- O fundamento da vida cristã
- Um «fiat» sempre renovado
- O verdadeiro culto
- A coragem da coerência
- A escolha de Deus na vida de um pastor
- A força magnética do testemunho

A AVENTURA DA ESPERANÇA

6. O MOMENTO PRESENTE

SIVE MANDUCAMUS, SIVE BIBIMUS

- Caminho para a santidade
- Compromisso e dom
- No presente, *in sinu Dei*
- Como preencher cada momento de amor
- Esse momento que será o último

7. SER PALAVRA

VERBA MEA SPIRITUS ET VITA SUNT

- A Palavra e as palavras
- Palavra e Eucaristia, uma única mesa
- Acolher e viver a Palavra de Deus
- Adquirir a mente de Cristo
- Comunicar a Palavra
- Só com o Evangelho

8. A ARTE DE AMAR

VINCULUM PERFECTIONIS

- O mundo é de quem o ama!
- Distintivos do amor cristão
- O amor, primeira evangelização

- A Mãe do Amor formoso

9. TODOS SÃO O POVO DE DEUS QUE ME FOI CONFIADO — *EXTRA MUROS - OMNIA OMNIBUS*

- Nas raízes da evangelização
- Jesus crucificado fez-se presente onde estão todos os malditos
- *Extra muros*
- A minha catedral mais bela
- A radicalidade do Evangelho
- Tudo para todos
- Um horizonte ilimitado: *omnia propter evangelium*

ESPERANÇA CONTRA TODA A ESPERANÇA

10. ABANDONADO PELO PAI

ELOÍ, ELOÍ, IEMÁ SABACTANÍ?

- Os nossos momentos de abandono
- O mistério da cruz
- O abandono de Jesus
- Uma só coisa com o Pai
- Completo na minha carne
- ... em favor do seu corpo, que é a Igreja

11. PARA QUE O MUNDO CREIA

NUM CORPUS DIVIDI POTEST?

- O grito de Jesus
- Esperança contra toda a esperança
- O sacrifício da unidade
- Conversão do coração

12. MÁRTIRES DE HOJE

SEMEN CHRISTIANORUM

- A herança dos mártires
- Jesus, modelo e causa de todo o martírio
- Uma multidão imensa na Igreja de hoje
- Mártires da caridade
- Testemunhas da Páscoa de Cristo
- «Vi o meu pai subir ao Céu»

13. REZAR SEMPRE

IN ORATIONE DEI

- Uma oração simples
- Em estado de oração
- Ser oração
- Na impossibilidade de rezar
- O Testamento de Jesus
- Vigiai e orai

O POVO DA ESPERANÇA

14. CONCORPÓREOS E CONSANGUÍNEOS COM CRISTO — *CARO MEA PRO MUNDI VITA*

- O alimento das testemunhas
- «Fazei isto em memória de mim»
- Quem me come viverá por mim
- A Eucaristia no campo de reeducação
- Um só pão, um só corpo
- Pai nosso, pão nosso
- Uma grande hóstia

15. CONVOSCO TODOS OS DIAS *IESUS VIVENS IN ECCLESIA SUA*

- Como está presente Jesus na Igreja?
- «Estou eu no meio deles»
- Uma resposta: na fraternidade vivida
- Células vivas por toda a parte
- O que nos distingue
- O que mais vale

16. A TUA ESPERANÇA É A IGREJA *IMAGO TRINITATIS*

- A beleza da Igreja primitiva

- Comunhão e missão
- Ao serviço da unidade da Igreja
- «Pupilla oculi»
- Como um peixinho pode trazer a esperança

17. VIVER A COMUNHÃO

SICUT TU IN ME ET EGO IN TE

- Nos alvares do monaquismo
- Um novo Pentecostes
- A unidade, um sinal dos tempos
- Como viver a comunhão no nosso tempo
- Dimensões concretas
- Construir a Igreja
- O «castelo interior»

RENOVAR EM NÓS A ESPERANÇA

18. NÃO TENHAIS MEDO

PUSILLUS GREX

- Onde está o Vaticano?
- O mistério da minoria
- «De quantas divisões dispõe o Papa?» (J. Stalin) ...
- «Tu não podes ir contra esse filisteu» (Saul)

- Jesus, o homem dos pequenos números
- As muralhas da nova Jericó
- Caminhos insuspeitados do Senhor
- «Mirabilis Dominus»

19. PARA RENOVAR A FACE DA TERRA

ACCIPIETIS SPIRITUM SANCTUM

- Vi o Espírito Santo, *Fons vivus, ignis, caritas*, nos papas deste século
- Vi o Espírito Santo, *Dominum et vivificantem*, na história da Igreja
- Vi que sem o Espírito Santo não podemos fazer nada de bom: *Sine tuo numine, nihil est in homine*
- Vi o Espírito Santo agir numa Igreja que se renova continuamente
- Também vi o Espírito Santo fora da Igreja
- «Veni, Sancte Spiritus»

20. O MODELO DA IGREJA

ECCE MATER TUA

- A Virgem ao meio-dia
- A Igreja é Mulher, é Mãe
- Maria é Amor acolhido
- Maria é Amor correspondido
- Maria é Amor partilhado
- Mistério - comunhão - missão

- Maria liberta-me

21. VELHICE, DOENÇA, MORTE

NUNC ET IN HORA MORTIS NOSTRAE

- O maior dom
- Os idosos na Sagrada Escritura
- Uma nova tarefa mais carismática
- A doença
- Dar valor às nossas provações físicas e morais
- A morte
- Viver para essa hora
- O exame da misericórdia
- O supremo ato de amor

22. A ALEGRIA DA ESPERANÇA

TRISTITIA VESTRA VERTETUR IN GAUDIUM

- Pelo caminho de Emaús
- Mudança de rumo
- «A paz esteja convosco»
- Uma alegria que ninguém nos poderá tirar
- Cristo está no meio de nós mediante o amor
- Para sermos testemunhas de esperança
- Creio na Igreja una, santa, católica, apostólica e jubilosa

PALAVRAS DO SANTO PADRE COMO CONCLUSÃO DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS